

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

LUCAS CÉ SANGALLI

O DESAPARECIMENTO DE ALAIN:
MOVIMENTO E PERTENCIMENTO NA VIDA DE UM MIGRANTE

Porto Alegre

2015

LUCAS CÉ SANGALLI

**O DESAPARECIMENTO DE ALAIN:
MOVIMENTO E PERTENCIMENTO NA VIDA DE UM MIGRANTE**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre em
Ciências Sociais pelo Programa de Pós-
Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Hermílio Santos

Porto Alegre

2015

S225d Sangalli, Lucas Cé

O desaparecimento de Alain: movimento e pertencimento na vida de um migrante. / Lucas Cé Sangalli. – Porto Alegre, 2015.
93 f.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Hermílio Santos

1. Sociologia. 2. Fenomenologia. 3. Pertencimento. 4. Migração. 5. Imigração Haitiana. I. Santos, Hermílio. II. Título.

CDD 301.01

Ficha elaborada pela bibliotecária Anamaria Ferreira CRB 10/1494

LUCAS CÉ SANGALLI

**O DESAPARECIMENTO DE ALAIN:
MOVIMENTO E PERTENCIMENTO NA VIDA DE UM MIGRANTE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: _____ de _____ de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Dr. Hermílio Santos – FFCH/PUCRS

Examinadora: Prof^{ta} Dr^a. Lúcia Helena Alves Müller – FFCH/PUCRS

Examinador: Prof. Dr. Silvio Hong Tiing Tai – FACE/PUCRS

Porto Alegre

2015

“Incessant comings and goings, the crush and bustle of a bargain sale. No, no danger. Of that.”

Samuel Beckett, *The unnamable* (1953)

RESUMO PORTUGUÊS

O trabalho consiste em uma investigação a respeito da construção do pertencimento na vida de um migrante. A pesquisa fundamenta-se teoricamente na tradição da Sociologia de orientação fenomenológica (Alfred Schütz), da Sociologia do conhecimento (Peter Berger, Thomas Luckmann) e da Sociologia dos processos e figurações (Norbert Elias). O método de entrevista narrativa biográfica de matriz alemã (Fritz Schütze e Gabriele Rosenthal) é utilizado para a reconstrução de um caso empírico, que compreende uma análise da vida de um migrante haitiano e de sua família no Haiti, Equador, Peru e Brasil. Com isso, procura-se oferecer conhecimento empiricamente fundamentado a respeito da constituição dos sentimentos de pertença na trajetória de vida de um imigrante haitiano no Brasil, a partir do qual é proposto um questionamento de categorias difundidas nos estudos correntes sobre a migração. Os resultados da investigação indicam a existência de um tipo de migrante de retorno que não aparece com frequência na literatura, uma vez que o retorno é planejado em relação ao país do qual se sente parte, sintetizada em sua vontade de tornar-se presidente da nação com o intuito de ajudar a população de seu país natal. Esse tipo de migrante configura-se como o de uma liderança nacional, cujo sentimento de pertencimento foi construído pelo seu deslocamento através de fronteiras internacionais.

Palavras-chave: Sociologia das Figurações; Sociologia de Orientação Fenomenológica; Migração; Pertencimento; Imigração Haitiana.

ABSTRACT

This work is an investigation on the construction of belonging in the life of a migrant. The investigation is theoretically grounded in the Phenomenological Sociology (Alfred Schütz), the Sociology of Knowledge (Peter Berger, Thomas Luckmann), and the Sociology of Processes and Figurations (Norbert Elias). The biographical narrative interview method of the German tradition (Frits Schütze, Gabriele Rosenthal) is used in the reconstruction of an empirical case, which encompasses the analysis of a Haitian migrant's life and of its family in Haiti, Ecuador, Peru and Brazil. Therefore empirically grounded knowledge on the constitution of feelings of belonging in the life trajectory of a Haitian migrant in Brazil is possible. Based on the analysis of the empirical case, a few remarks that put in question traditionally used categories in the migration field of studies arise from the case reconstruction. The research points towards the existence of a type of return migrant that is uncommon in migration studies, for his return is planned taking into account the country for which the migrant developed his sense of belonging. These feelings are expressed through his will to become president of his nation in order to help the people of his homeland. This type of migrant has traits of national leadership, whose sense of belonging was forged through its displacement across international frontiers.

Keywords: Figurational Sociology; Phenomenological Sociology; Migration; Belonging; Haitian Migration.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Mapa 1 – Movimentações (Haiti-Quito-Iñapari-Rio Branco-Sul)	62
Figura 2. Mapa 2 – A família de Alain no Mundo	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Estados onde a solicitação de refúgio foi apresentada (2011/2012)	36
---	----

TABELA DE CÓDIGOS

Códigos de Transcrição	
‘trecho’	Indica referência à discurso direto de terceiro no relato do entrevistado.
[número]	Indica duração de uma pausa/silêncio.
Palavr-	Indica interrupção da pronúncia.
Palaaavra	Indica pronúncia esticada da palavra, onde o número de letras repetidas corresponde ao tempo da repetição.
Pal <u>a</u> vra	Indica ênfase silábica.
PALAVRA	Indica entonação mais alta da pronúncia.
Palavra=palavra	Indica pronúncia corrida das palavras.
^número^ (nome)	Indica ^riso^, duração da risada e (quem riu).
((comentário))	Indica expressões não-verbais ou comentários do transcritor sobre acontecimento externo.
[palavra]	Indica sugestão do transcritor para o significado da palavra usada ou tradução de palavra/trecho para o português.
Empresa	Indica a empresa na qual o entrevistado trabalha, cujo nome é omitido para manter anonimato.
Cidade	Indica a cidade na qual o entrevistado e a família moravam quando das entrevistas, cujo nome é omitido para preservar o entrevistado.
Cidade Vizinha	Indica cidade vizinha ou bairro da Cidade .
[...]	Indica trecho de narrativa contínua.
//E. trecho//	Indica mudança de falante em relato contínuo, onde E. corresponde ao entrevistador principal (o autor do trabalho), E2. corresponde ao entrevistador auxiliar, P. corresponde a Alain, Q. corresponde a Queny, K. corresponde à Quetta.
<p>Nota: A grafia das palavras nas transcrições procura reproduzir a pronúncia dos entrevistados. São três entrevistas transcritas, referenciadas pelo ano em que foram conduzidas, 2013 (primeira entrevista), 2014 (segunda entrevista) e 2015 (terceira entrevista).</p>	

Fonte: *Pesquisa Social Interpretativa*, Gabriele Rosenthal (2014a).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. MIGRAÇÃO, PERTENCIMENTO E BIOGRAFIA	18
2.1. Tradição interpretativa e abordagem biográfica nas Ciências Sociais	18
2.1.1. <i>Metodologia</i>	23
2.2. Migração, pertencimento e biografia	28
2.2.1. <i>A abordagem transnacional e os espaços sociais transnacionais</i>	30
2.3. A migração haitiana recente para o Brasil	33
2.3.1. <i>O Brasil como país de destino</i>	34
3. A VIDA DE ALAIN: PROFECIA E SENTIDO	38
3.1. Contextualização socioeconômica do nascimento de Alain	38
3.2. O nascimento de Alain	40
3.3. Primeiro movimento: o trajeto interior-capital	43
3.4. Segundo movimento: sair do Haiti	44
3.5. Terceiro movimento: a mudança para o Brasil	48
3.6. Quarto movimento: rumo ao sul	51
3.7. Quinto movimento: o desaparecimento de Alain	54
3.8. Sexto movimento: voltar para casa	58
4. MOVIMENTO E PERTENCIMENTO NA VIDA DE UM MIGRANTE	63
4.1. A gênese do movimento	63
4.2. A construção do pertencimento	70
4.3. A constituição biográfica de um espaço para si: Alain e a música	77
4.4. O migrante que retorna para seu povo	81
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	87

1. INTRODUÇÃO

Uma das questões centrais a respeito da migração é aquela sobre o pertencimento (étnico-nacional, religioso, dentre outros) dos indivíduos a agrupamentos.¹ Em relação a quais referenciais é construído o pertencimento de indivíduos que se deslocam espacial e temporalmente? Como são constituídos os espaços na percepção desses migrantes? Como esses indivíduos orientam sua ação cotidiana entre identificações e diferenciações nos espaços criados ao longo de seus cursos de vida (BOGNER e ROSENTHAL, 2009)?²

Da interação entre indivíduos e agrupamentos sobre o território e da construção biográfica que cada indivíduo realiza em relação aos espaços que atravessa, são construídos os sentimentos de pertença (ROSENTHAL e KÖTTIG, 2009). A decisão de permanecer – fazer parte de um lugar – está atrelada à possibilidade de o indivíduo construir-se como parte pertencente aos espaços: o pertencimento é aqui a apropriação que o migrante faz do lugar através da construção de um espaço próprio a sua existência. Essas construções são aquilo que aparece em sua biografia, resultado não só das escolhas do indivíduo, mas condicionada à emergência de particularidades individuais que distintas figurações sociais possibilitam ou não (ELIAS, 1994; ROSENTHAL, 1997; BOGNER e ROSENTHAL, 2009).³

No entrelaçamento da construção conjunta da realidade entre a narrativa de Alain, meu trabalho reconstrutivo e a síntese realizada pelo leitor, reside o valor da investigação proposta a seguir. Esse trabalho é o reconhecimento dessa constituição mútua entre indivíduos e sociedade, bem como uma forma de expressão de uma vontade construída ao longo da minha trajetória acadêmica – voltar para a região onde nasci para estudar uma de suas características

¹ O termo agrupamento é utilizado no trabalho como forma de evitar pressupostos do pesquisador acerca da identificação e do pertencimento dos migrantes a grupos (ROSENTHAL e KÖTTIG, 2009; BRANDHORST, 2014). Brubaker (2004) denomina as identificações automáticas de pertencimentos como “grupismo”, e sugere que seja evitado na análise social: “a necessidade de tratar de uma consequência problemática da tendência de pressupor a existência de grupos no estudo da etnicidade, raça e nacionalidade, e no estudo de conflitos étnicos, raciais e nacionais em particular. Isso é o que chamarei de ‘grupismo’, pelo qual faço referência à tendência a tomar grupos conectados como constituintes básicos da vida social, protagonistas de conflitos sociais e unidades fundamentais da análise social” (BRUBAKER, 2004, p. 7-8, tradução do autor).

² Esse uso do termo construção remete ao conceito de “fazer diferença” (*doing difference*) proposto por West e Fenstermaker (1995, p. 21, tradução do autor) em relação às diferenças de gênero socialmente constituídas: “Gênero, argumentamos, é uma realização [um fazer] dos membros da sociedade, o controle local da conduta em relação a concepções normativas de atitudes e atividades adequadas para categorias sexuais definidas [...]. A partir dessa perspectiva, gênero não é meramente um atributo individual, mas algo construído na interação com os outros.”

³ O termo figuração social é utilizado no trabalho de modo a referir relações assimétricas de poder entre agrupamentos de indivíduos (os estabelecidos e os outsiders): “Quando as pessoas se tornam interdependentes, a pesquisa está fadada a ser estéril se o investigador as estudar isoladamente e se tentar explicar sua agregação em grupos como se elas fossem coisas separadas. A meta de um estudo das configurações [...] é explicar seres humanos em suas configurações em termos de suas interdependências” (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 181).

constituintes – a presença de imigrantes que estabeleceram seus sentimentos de pertencimento em relação à região. Daí a questão principal dessa investigação: *como são construídos os sentimentos de pertencimento na vida de um migrante?* Em relação a quais lugares e a quais agrupamentos uma “vida em movimento” faz referência? Como é constituída a singularidade dos referenciais de pertencimento em uma biografia sujeita a um processo contínuo de movimento?

A vontade de retornar para a região onde nasci deu-se ao longo dos cursos de graduação em Ciências Sociais (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) e em Relações Internacionais (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), mas apresentou-se, de fato, como possibilidade, durante o mestrado em Ciências Sociais (PUCRS). Esse momento coincidiu com a chegada de migrantes haitianos na região, sul do Brasil, por conta de tentativas das empresas de preencher postos de trabalho. Com esse intuito, quando souberam da presença de migrantes haitianos em Brasileia (Acre), uma enviada da empresa que contratou Alain, principal entrevistado desse trabalho, foi para o Acre em busca de trabalhadores. Logo que chegaram na região onde a pesquisa foi feita, no sul do Brasil, os migrantes haitianos foram alojados em um hotel, cuja estadia foi paga pela empresa contratante. Com o término do acordo com o hotel, os imigrantes receberam da empresa um auxílio complementar para procurar moradia própria. Foi nesse contexto que conheci Alain, migrante haitiano de 26 anos, à época, que morava há pouco tempo com sua família em uma casa alugada na cidade.⁴

Do contato com Alain e com sua família, bem como com outros migrantes haitianos que chegavam à cidade, estabeleceu-se o tema principal da pesquisa – a migração. A aplicação do método de entrevista narrativa biográfica, fundamentado nos princípios da lógica da descoberta, possibilitaram a definição, com base no material empírico, da questão do pertencimento na vida de um migrante. O único passo suficientemente planejado foi a decisão de retornar para a região e fazer a entrevista. O que se seguiu esteve sujeito mais a movimentações da vida do entrevistado (as quais ele próprio não esteve no controle em diversas situações) do que à vontade do pesquisador. Quando tudo parecia – academicamente falando – fazer algum sentido, convicções foram desfeitas pelo fator mais determinante desse projeto: a realidade empírica.

⁴ Os nomes que aparecem no trabalho são fictícios. Essa opção se deve ao fato de acreditar que as informações a respeito da análise da vida de uma pessoa, proposta do trabalho, devem preservar a condição de anonimato do biografado. Nesse sentido, nomes que possibilitariam sua identificação – como o da cidade, da região, ou da empresa na qual Alain trabalha – não serão explicitados.

Quando digo que o fator determinante foi o trabalho empírico, quero dizer que a experiência da entrevista – a relação estabelecida no contato entre entrevistador e entrevistado – é tão forte e indescritível que seria ingênuo supor que uma dissertação desse conta de tudo o que acontece na situação. Desse contato, mais que um trabalho de conclusão do mestrado, veio a certeza e o reforço de decisões pessoais que tomei desde a graduação, algo que manual algum ensina.⁵

Dentre as determinações colocadas pelo trabalho de campo, teve-se que, meses após o primeiro encontro com Alain, ele desapareceu. Surpreso pelo evento, inevitavelmente imaginei razões para o ocorrido, mas era instigante minha incapacidade para antever ou entender seu desaparecimento. Podia sugerir diversas motivações para o abandono da família, mas só conseguia fazer isso após ter sido informado, de fato, do seu desaparecimento.

O método utilizado no trabalho sugere o uso de quantas entrevistas forem necessárias à investigação do tema. Além disso, sugere o uso do método etnográfico e de observações participantes ao longo do processo de investigação. A primeira entrevista foi realizada, por escolha do entrevistado, em sua casa no sul do Brasil, onde morava com os pais, quatro irmãos, o cunhado e o sobrinho. Essa experiência foi suficientemente densa e completa, de modo que poderia ter feito o trabalho apenas com base nesse encontro. Poderia ter-me contentado com as informações levantadas na entrevista e terminado a dissertação em aberto, com a notícia do seu desaparecimento.

Minha surpresa e meu envolvimento não permitiram encerrar o trabalho com o desaparecimento. Intrigado pela situação, decidi voltar a campo para entrevistar os familiares de Alain. Os resultados dessa segunda entrevista não foram menos interessantes. Posso adiantar que o espanto dos familiares com o desaparecimento foi tão grande quanto o meu. Mais que um interesse teórico de pesquisa, havia como substrato maior da investigação, um interesse pelo outro, pela vida do entrevistado e pelas razões que levam alguém a abandonar sua família.⁶

⁵ Deve-se deixar claro que o trabalho empírico não se deu em detrimento da análise teórica ou do aperfeiçoamento de conceitos; longe disso, esse trabalho é resultado da incursão do autor por disciplinas da Filosofia durante o mestrado. Com isso, não elenco predeterminações, mas procuro explicitar as influências teóricas do trabalho. As disciplinas de Hermenêutica e Fenomenologia far-se-ão sentir em todo o texto, assim como as disciplinas de Antropologia e, sem dúvida, as oficinas de metodologia, pelas quais tive meu primeiro contato com o método narrativo-biográfico através do meu orientador, Professor Dr. Hermílio Santos (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), que proporcionou um mês de aulas com a Prof^a Dr^a. Michaela Köttig (Frankfurt University of Applied Sciences), ex-assistente da Prof^a Dr^a. Gabriele Rosenthal (University of Göttingen).

⁶ Além disso, é preciso mencionar a relação entre a sociologia de orientação fenomenológica de Alfred Schütz com o estudo que o autor realiza sobre os atos de chegar em terras desconhecidas enquanto estrangeiro e o ato de retornar para casa (SCHÜTZ, 1964a; SCHÜTZ, 1964b; 2003), atrelados à temática do desaparecimento.

Perante a surpresa do elemento inesperado da vida de Alain, percebi que a inclusão de seu desaparecimento no trabalho era essencial. O ato de desaparecer, nesse caso específico, deixar a família depois da relativa acomodação desta em um país estrangeiro, só é passível de entendimento se buscarmos o que ocorre no espaço entre indivíduo e sociedade. É impossível desaparecer para si próprio. O desaparecimento pressupõe a existência não só do indivíduo absoluto, mas sua presença e entendimento em relação aos outros. Desaparece-se perante os outros.

Dessa constituição mútua da natureza do desaparecimento, misto de fluxo daquele que se movimenta para fora do agrupamento de convivência, surge também a questão da memória daqueles que ficam e relembram a imagem que têm (e que se atualiza constantemente) do indivíduo desaparecido. Nesse sentido, o desaparecimento é ponto de encontro entre biografia e sociedade, já que os agrupamentos (a família e a comunidade) devem-se reorganizar em torno da ausência de alguém até então presente. O lugar e a participação do indivíduo no agrupamento deve ser preenchido pelos que permanecem. A decisão individual de fugir conflita com as expectativas do agrupamento, obrigado a buscar um sentido para a ausência.

Essa rearticulação é constante e se dá não só no âmbito social dos agrupamentos (a família e a comunidade), mas também no âmbito individual dos amigos e parentes, impelidos a encontrar significados para o ato individual. Daí emergem novas possibilidades de ação até então impensadas, bem como responsabilidades imprevistas. Não só isso, mas desvelam-se liberdades inesperadas para quem desaparece e para quem permanece.

O ato do desaparecimento é uma ação que pressupõe o entendimento de um indivíduo capaz de se autodeterminar e agir individualmente em relação ao agrupamento ao qual pertence. O desaparecido toma suas decisões com base nas expectativas que assume que seu agrupamento tem dele. O conflito que surge, nesse caso, é um relacionado àquilo que os agrupamentos aos quais pertencemos esperam de cada pessoa individualmente, no qual mesmo atitudes de negação dessas hierarquias estão prescritas no entendimento do englobamento dos contrários (DUMONT,1992).

A opção pelo desaparecimento por conta da vergonha que o indivíduo sente em relação ao grupo a que pertence é uma questão que passa por outras, como o movimento de afastamento e o pertencimento no sentido de sentir-se ou não parte de uma totalidade maior que o indivíduo. A compreensão da gênese da ação individual pressupõe as figurações e as constelações de figurações nas quais essa possibilidade se efetiva: a partir da sociologia figuracional de Norbert Elias (1994), pode-se buscar a compreensão da ação individual em

relação à dinâmica social dos agrupamentos aos quais o indivíduo pertence (BOGNER e ROSENTHAL, 2009; ROSENTHAL e KÖTTIG, 2009).

Nesse sentido, para os fins deste trabalho, a migração é tratada em seus termos processuais e não como um fenômeno estático. A noção de migração proposta no trabalho é uma que, para fins de análise teórica, divide-se em movimento e pertencimento. A divisão é meramente teórica e, empiricamente, o fenômeno apresenta-se indissociável. Com isso, o fenômeno migratório é compreendido nos termos de um movimento desempenhado, em sua dimensão biográfica, por um indivíduo que se desloca – física e socialmente – de um lugar para outro. A dimensão principal desse deslocamento é seu caráter processual, ou seja, o foco da análise não recai apenas na partida ou na chegada do indivíduo em um lugar, mas em todo o processo de gênese e transformação dessa movimentação.

Essas chegadas e partidas de um lugar para outro devem levar em consideração a noção de pertencimento, segunda dimensão da migração analisada no trabalho. A ideia de pertencimento busca dar conta da dinâmica existente entre indivíduo e agrupamento, como tentativa compreensiva dos balanceamentos no nível individual àquilo que é tão caro à sociologia de Elias: a constituição mútua entre indivíduo e sociedade (ELIAS, 1994).

Daí que movimento e pertencimento sejam indissociáveis nesse estudo, uma vez que a sensação do não-pertencimento individual a um agrupamento pode servir como uma razão, dentre tantas, para a pessoa deixar um lugar em direção a outro (BOGNER e ROSENTHAL, 2009). Após o deslocamento e a chegada em outro lugar, o pertencimento ganha, mais uma vez, importância, já que há a necessidade de compreender se o indivíduo se sente ou não parte dos agrupamentos nas novas figurações sociais que passa a vivenciar (BOGNER e ROSENTHAL, 2009; ROSENTHAL e KÖTTIG, 2009).

Estabelecer qual a sensação predominante na gênese da motivação do ator individual – se a sensação de não-pertencimento ou a vontade de deslocamento em si mesma – é uma tarefa complexa, mas não impossível de ser determinada (BOGNER e ROSENTHAL, 2009). Pelo uso do método narrativo-biográfico, procura-se ganhar conhecimento a respeito da gênese da motivação do entrevistado para sair não apenas de seu país, mas dos agrupamentos nos quais foi socializado (como sua família), bem como o contexto das figurações que tornaram essas movimentações possíveis. Com isso, procura-se estabelecer a forma como as construções de pertencimento do migrante são constituídas ao longo de sua trajetória (RIEMANN e SCHÜTZE, 1991).

Apesar das limitações inerentes a qualquer trabalho acadêmico, estou seguro de que o uso do método narrativo-biográfico foi capaz de fornecer conhecimento empiricamente

fundamentado de extremo valor às ciências sociais nacionais, que se têm colocado, de maneira crescente, a questão da chegada de migrantes ao Brasil. No que tange o estudo da migração haitiana recente que tem como destino o Brasil, os trabalhos produzidos pelas ciências sociais nacionais têm-se focado, em maior número, no levantamento de dados estatísticos e demográficos (FERNANDES *et al.*, 2013; ZAMBERLAN *et al.*, 2014; FERNANDES e CASTRO, 2014; CARRERA, 2014; METZNER, 2014; CASTRO e FERNANDES, 2014), na descrição de rotas migratórias (SILVA, 2014; VÁSQUEZ, BUSSE e IZAGUIRRE, 2014) e na condição jurídico-legal dos haitianos (GODOY, 2011; FERNANDES *et al.*, 2013; REDIN e BARBOSA, 2014). Abordagens estáticas do processo migratório, cujo foco recai na discussão sobre identidade nacional, desterritorialização de culturas e na descrição de lugares não são exclusivas ao campo de estudos da migração haitiana, mas estão difundidas nas abordagens nacionais da migração em geral (RIBEIRO, 1993; ALBUQUERQUE, 2009; SPRANDEL, 2000; GRIMSON, 2002; JARDIM, 2007; SILVA, 2008; GONÇALVES *et al.*, 2012; OLIVEIRA, 2007).

A despeito de discussões substanciais sobre etnicidade (SEYFERTH, 2011) e a transmissão de memórias em grupos de imigrantes (GUÉRIOS, 2008), abordagens contemporâneas da migração, como a transnacional ou a biográfica, ainda são pouco difundidas nas ciências sociais nacionais, que se mantêm atreladas, em maior número, a um viés político e econômico e à perspectiva da assimilação cultural e dos estudos demográficos (FERNANDES *et al.*, 2014).⁷ Deste modo, identifica-se uma lacuna no que diz respeito ao uso da abordagem biográfica no estudo das migrações pelas ciências sociais nacionais. Mais que isso, o campo de estudos sobre migrações no Brasil utiliza com frequência categorias que não dão a devida atenção ao caráter processual do fenômeno migratório, como o conceito de identidade nacional, o qual enfatiza a análise de um momento estático do processo migratório.

Sem desconsiderar o valor e a pertinência dos estudos já produzidos a respeito da migração haitiana que tem como destino o Brasil, essa pesquisa propõe que construções de pertencimento dos indivíduos migrantes sejam compreendidas a partir da constituição dos espaços durante o curso de vida dos indivíduos através de diversas figurações sociais (ELIAS, 1994; ROSENTHAL, 1997), de modo a compreender-se a natureza processual não só do

⁷ Sasaki e Assis (2000, p. 17) estabelecem considerações importantes a respeito da pertinência das categorias utilizadas para abordar a migração pela ciências sociais nacionais: “As migrações internacionais recentes têm nos instigado a repensar as categorias com as quais as migrações e os migrantes têm sido analisados, demonstrando que estes processos de atravessar fronteiras devem contemplar múltiplos aspectos desse movimento. [...] Estas reflexões são importantes para não correremos o risco de limitar os migrantes em categorias que não contemplam o fato de que são pessoas que se movem, têm projetos, desejos de ir, voltar, permanecer e reconstruir suas vidas atravessando estas múltiplas fronteiras”.

fenômeno migratório, mas da gênese da vontade de migrar a partir do ponto de vista dos sujeitos em seu cotidiano (ROSENTHAL, 2014a).

Deste modo, a ênfase da análise recairá não sobre a identidade, mas sobre a construção da trajetória de vida e do conhecimento biográfico (APITZSCH e SIOUTI, 2007) a partir da compreensão de si com base na narrativa (FISCHER-ROSENTHAL, 2005; ROSENTHAL, 1997). Esse entendimento procura evitar noções estáticas a fim de dar conta do estudo da biografia de um migrante que se deslocou por diversos territórios, atrelados aos espaços constituídos em sua trajetória. Com isso, pretende-se fornecer conhecimento empiricamente fundamentado complementar às discussões a respeito da migração haitiana já estabelecidas na sociologia brasileira.

Tendo em mente essa proposta, o capítulo inicial expõe um panorama geral a respeito da abordagem biográfica nas ciências sociais, a fundamentação teórica de uma pesquisa interpretativa e seus princípios gerais. A partir disto, é feita uma proposta de abordagem biográfica, apresentada a noção de biografia utilizada no trabalho e o método que sintetiza esses princípios e essa proposta a ponto de ser aplicado empiricamente. São descritos os procedimentos metodológicos seguidos no levantamento dos dados utilizados na investigação. Na segunda parte do primeiro capítulo, são apresentadas abordagens do fenômeno migratório, como a abordagem transnacional da migração e o conceito de espaço social transnacional e sua relação com a pesquisa biográfica e a discussão a respeito da construção dos sentimentos de pertencimento.

O segundo capítulo consiste na reconstrução de caso. O capítulo apresenta as evidências empíricas levantadas nas entrevistas realizadas com Alain e seus familiares. Pelo uso do método de análise sistematizado por Gabriele Rosenthal (2014a), são apresentados o contexto socioeconômico do nascimento de Alain, os eventos definidores de sua biografia e o resultado do contraste entre vida vivenciada e vida narrada. Os movimentos da vida de Alain são dispostos cronologicamente como forma de estabelecer um panorama geral a respeito dessa temática em sua vida. Por fim, o desaparecimento de Alain e seu retorno para casa são apresentados.

O último capítulo parte dos dados empíricos – a reconstrução da vida de Alain – e estabelece um contraste entre abordagens da migração e o caso analisado. A gênese do movimento na vida de Alain é apresentada, bem como a figura geral decorrente de uma análise total do movimento em sua vida. A relação entre a migração e os sentimentos de pertencimento são explicitadas, bem como a constituição dos espaços em relação aos quais Alain situa sua ação. É feita uma apresentação de sugestões em relação ao uso da noção de

biografia como alternativa à ênfase identitária no estudo de migrantes (ROSENTHAL, 1997). São expostos os resultados teóricos advindos da análise empírica do caso pela sugestão de um tipo de migrante, que pode ser usado para respaldar ou afastar discussões teóricas a respeito da migração haitiana com destino ao Brasil. As considerações finais sugerem abordagens possíveis a respeito da investigação proposta, bem como apontamentos referentes ao caso em questão, mas que indicam outras temáticas relevantes à discussão proposta.

2. MIGRAÇÃO, PERTENCIMENTO E BIOGRAFIA

Esse capítulo expõe brevemente os princípios de uma pesquisa social interpretativa, o método narrativo biográfico e a tradição da sociologia de orientação fenomenológica e da sociologia do conhecimento. A primeira parte aborda a pesquisa biográfica nas ciências sociais, em particular no campo dos estudos sobre migrações. Em seguida, são apresentados os princípios fundamentais de uma reconstrução de caso – com foco no uso metodológico de narrativas biográficas na pesquisa com migrantes. É explicitada a forma pela qual se deu o estabelecimento do contato com entrevistados e a realização das entrevistas utilizadas como fonte no trabalho. Além disso, são apresentados procedimentos metodológicos utilizados de modo a complementar o método narrativo biográfico.

A segunda parte do capítulo faz uma breve introdução sobre abordagens e enfoques no estudo das migrações. A abordagem transnacional da migração e a noção de espaço social transnacional são expostas, assim como sua relação com a abordagem biográfica utilizada na pesquisa e com a discussão a respeito da construção do sentimento de pertencimento. São apresentadas perspectivas que as ciências sociais nacionais têm utilizado no estudo das migrações, de modo a oferecer aproximações entre a produção nacional e a abordagem transnacional.

A parte final do capítulo estabelece um panorama geral a respeito da discussão realizada no trabalho – a migração haitiana com destino ao Brasil. O fenômeno migratório haitiano é contextualizado historicamente e são apresentadas temáticas pertinentes ao estudo da diáspora haitiana no mundo. Procura-se delinear o contexto no qual a chegada recente dos haitianos ocorreu no norte do Brasil, bem como a vinda desses migrantes ao sul. São apresentadas abordagens das ciências sociais nacionais a respeito do estudo da migração de haitianos para o Brasil. Por fim, são expostas as contribuições que esse trabalho pretende fazer ao campo de estudos sobre a migração haitiana que tem o Brasil como destino.

2.1. TRADIÇÃO INTERPRETATIVA E ABORDAGEM BIOGRÁFICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

A abordagem biográfica nas Ciências Sociais esteve vinculada, desde seu início, ao estudo de processos migratórios. No início do século XX, William Isaac Thomas e Florian Znaniecki desenvolveram pesquisa com imigrantes poloneses nos Estados Unidos. A obra desses pesquisadores constitui marco central da Escola de Chicago e foi fundamental no

desenvolvimento da abordagem biográfica utilizada neste trabalho por duas razões – a primeira diz respeito ao fato de aproximar a tradição da sociologia interpretativa alemã, de Simmel e Weber, da sociologia voltada para a empiria da Escola de Chicago; a segunda diz respeito aos materiais utilizados como fonte de dados em sua pesquisa (ROSENTHAL, 2014a).

Da tradição alemã, assimilaram a influência da perspectiva de sociedade de Georg Simmel, que coloca indivíduo e sociedade não como unidades separadas, mas em constituição mútua (não-estática), e do foco interpretativo que Max Weber propõe para o estudo do agir individual (subjetivo) em relação ao agir alheio (ROSENTHAL, 2014a). Na sociologia alemã, Alfred Schütz atém-se à análise de duas questões pouco aprofundadas em Weber – a intersubjetividade das interpretações dos indivíduos e a constituição do sentido social (ROSENTHAL, 2014a, p. 39).

O resultado da aproximação entre a tradição interpretativa alemã e a Escola de Chicago realizada por Znaniecki e Thomas foi a obra *O lavrador polonês na Europa e nos Estados Unidos* (1918-1920). Com base em cartas trocadas entre migrantes na Polônia e nos Estados Unidos e em uma autobiografia de um migrante polonês, os autores foram pioneiros no uso de documentos produzidos por indivíduos como fonte de dados sociológicos (ROSENTHAL, 2014a). Isso foi possível devido à crença dos autores de que a compreensão da perspectiva de um indivíduo fornece conhecimento a respeito das experiências que orientam sua ação social; ou seja, o estudo de um caso particular esclarece princípios estruturantes não apenas do biografado, mas do *contexto social no qual a biografia é constituída* (ROSENTHAL, 2014a).

A influência da tradição interpretativa da Escola de Chicago sobre as ciências sociais alemãs fica clara na sistematização da análise biográfica e no desenvolvimento do método de entrevista narrativa propostos por Fritz Schütze na década de 1970. Outras influências são assimiladas, como o pragmatismo filosófico de Charles Sanders Peirce (a verdade através da empiria) e o interacionismo simbólico de George Herbert Mead (que altera o foco proposto por Weber para a compreensão do sentido do indivíduo e o coloca na *interação*, na reação dos outros às ações prováveis do sujeito) (ROSENTHAL, 2014a).

Em *A construção social da realidade* (1966), Peter Berger e Thomas Luckmann sintetizam essas discussões com o questionamento a respeito de como o sentido – as expectativas – que os atores têm em relação a suas ações se torna realidade: como o sentido visado torna-se ação de fato (ROSENTHAL, 2014a). Esses desenvolvimentos foram sistematizados em um método de pesquisa e aprofundados teoricamente na proposta que

Gabriele Rosenthal faz da abordagem narrativa-biográfica de Schütze. Rosenthal incorpora elementos da teoria fundamentada no levantamento dos dados (*grounded theory*) de Glaser e Strauss, da hermenêutica de Ulrich Oevermann na análise narrativa e da teoria da *Gestalt* de Koffka e Wertheimer na reconstrução de casos empíricos.

A sistematização de elementos da teoria fundamentada em dados empíricos com a perspectiva abductiva de Peirce proposta por Rosenthal enfatiza a constituição mútua entre a biografia do entrevistado e as figurações sociais nas quais está inscrita, como a relação estabelecida com o entrevistador no contexto da entrevista (o levantamento dos dados) e, posteriormente, na análise dos dados. Daí a preocupação da pesquisadora com a determinação das diversas perspectivas entrelaçadas nessa interação e sua opção pelo método abductivo como forma de reflexão não apenas sobre a verificação de hipóteses de pesquisa, mas também sobre sua geração (o que constitui uma diferença essencial em relação à geração de hipóteses por indução ou dedução) (ROSENTHAL, 2014a): “a elaboração de hipóteses surge [...] como processo dependente não da intuição particular do pesquisador, mas de sua interação no mundo social, de suas experiências socialmente constituídas” (FANN, 1970 *apud* ROSENTHAL, 2014a, p. 76).

Com isso, busca-se evitar a projeção automática de crenças e teorias a respeito do mundo do próprio pesquisador sobre o horizonte de ação disposto para o biografado no curso de seu agir ou sobre sua biografia (ROSENTHAL, 2014a). A recorrência ao método abductivo é uma forma de explicitar a influência do pesquisador na constituição do foco de análise, a biografia individual. Essa influência não é, em medida alguma, menos científica ou indesejada, uma vez que a própria definição de biografia é uma que leva em consideração o fato de que o relato do biografado não acontece em um ambiente livre de “interferências”, mas desde sempre em relação a um referencial e em um contexto de sentido (ROSENTHAL, 2014a). Dito de outro modo, a biografia jamais será exclusivamente individual em seus termos constituintes, mas, antes e ao mesmo tempo, social.⁸

Deste modo, a biografia é compreendida como um “construto/criação social”, que “constitui tanto a realidade social quanto os mundos de conhecimento e experiência dos sujeitos, constantemente afirmados e transformados na relação dialética entre o conhecimento e vivências da história de vida e dos padrões colocados pela

⁸ A noção a respeito da composição social intrínseca à biografia está presente também em Norbert Elias (1994, p. 150): “Cada pessoa singular, por mais diferente que seja de todas as demais, tem uma composição específica que compartilha com outros membros de sua sociedade. Esse *habitus*, a composição social dos indivíduos, como que constitui o solo de que brotam as características pessoais mediante as quais um indivíduo difere dos outros membros de sua sociedade. Dessa maneira, alguma coisa brota da linguagem comum que o indivíduo compartilha com outros e que é, certamente, um componente do *habitus* social – um estilo mais ou menos individual, algo que poderia ser chamado de grafia individual inconfundível que brota da escrita social.”

sociedade” (FISCHER-ROSENTHAL e ROSENTHAL *apud* APITZSCH e SIOUTI, 2007, p. 5, tradução do autor).

A partir desse entendimento da constituição mútua entre biografia e sociedade, Fischer-Rosenthal (2005) indica o reflexo na narrativa da experiência do indivíduo na vida em sociedade e sugere a noção de biografia como alternativa à de identidade, como presente em seu conceito de *trabalho biográfico*. O trabalho biográfico permite uma compreensão da perspectiva do movimento do ser em relação ao tempo (temporalidade) e dos tempos verbais utilizados no gênero narrativo, utilizado preferencialmente pelo sujeito para falar sobre suas vivências (FISCHER-ROSENTHAL, 2005).

Os membros das sociedades modernas lidaram com os problemas de uma ordem social complexa inventando um gênero interpretativo para tematizar e descrever o *self*, permitindo a eles que estruturam suas vidas temporalmente, bem como possibilitando sua participação em diversos arranjos e instituições sociais através do tempo. Esse gênero é a biografia. As biografias contemporâneas emergem como produções discursivas e interpretativas, primeiro em processos comunicacionais e depois escritos. A noção de biografia transmite uma descrição que emerge da auto-observação e estrutura a vida do indivíduo não apenas antes da ocorrência de qualquer evento, mas também depois. O trabalho interpretativo de orientar-se no curso de uma vida e em meio à mudança social pode ser chamado de “trabalho biográfico” (FISCHER-ROSENTHAL, 2005, p. 219-220, tradução do autor).

No mesmo sentido, Gabriele Rosenthal (1997) indica as razões pelas quais opta pelo uso do conceito de biografia como forma de evitar aspectos problemáticos do conceito de identidade, como a dificuldade para levar em consideração a temporalidade: “Em contraste com o conceito por vezes rígido de identidade, o conceito de biografia orienta-se a partir dos processos. [...] Com isso, as principais questões de uma análise biográfica tornam-se: o que o biografado vivenciou no curso de sua vida, como ele percebe essas experiências no presente e quais visões de passado e de futuro resultam desta perspectiva?” (ROSENTHAL, 1997, p. 21-22, tradução do autor).⁹

Nesse ponto é necessário atentar à crítica colocada por Lahire (2005) às ciências sociais que tratam o indivíduo de forma demasiadamente homogênea.

As ciências sociais (e nomeadamente a sociologia, a história e a antropologia) viveram durante demasiado tempo sob uma visão homogeneizante do indivíduo na sociedade. Pesquisar a *sua* visão do mundo, o *seu* relacionamento com o mundo ou “a fórmula geradora das suas práticas” (o *habitus*) foi considerado, e ainda o é amplamente hoje em dia, como um procedimento óbvio. Ora, é necessário lutar contra uma tendência filosófica, e mais precisamente fenomenológica, que, falando normalmente (no singular) do “estar-no-mundo de um sujeito”, da nossa “relação” ou do nosso “relacionamento com o mundo e com os outros”, desenvolve maus hábitos discursivos (e mentais) nos sociólogos que são seus depositários mais ou menos conscientes.” (LAHIRE, 2005, p. 25-26).

⁹ A respeito da constituição social da identidade, Rosenthal (2014a, p. 41) coloca: “[...] a identidade individual sempre irá pressupor sociedade. Para que o organismo possa desenvolver um *self*, ele precisa ser socializado em um mundo simbólico desde sempre compartilhado. É por meio do processo de interação que ele participa desse mundo, dessa realidade social sempre reproduzida e ‘emergente’, [...] imprevisível.”

Não se trata, no entanto, de assumir o indivíduo atômico, pretensamente coerente e unificado que é manifestado em uma biografia individual. Pelo contrário, o método narrativo biográfico procura compreender como o sentido é constituído *ao longo* do curso de ação, como varia em distintos momentos da vida e em relação a contextos sociais e como é construída uma “coerência geral” na narrativa individual. Essa história de vida é composta por eventos biográficos aparentemente contraditórios, mas que são vivenciados e que recebem atribuições de sentido que, mesmo que o indivíduo as manifeste em oposições duais, dizem respeito às vivências de um si próprio, coerência resultante exatamente dessas aparentes contradições.

Os atores não são feitos de um só pedaço, mas pelo contrário são *colagens compostas, complexos matizados de disposições (para agir e para crer) mais ou menos fortemente constituídos*. Isso não significa que sejam “sem coerência”, mas sim sem princípio de coerência único – *de crenças (modelos, normas, ideais, valores...)* e *de disposições para agir.*” (LAHIRE, 2005, p. 32).

Daí a importância que a busca pela compreensão da gênese do movimento na vida de um migrante não se limite a uma movimentação episódica de sua vida. As movimentações, de modo geral, podem-se apresentar aparentemente contraditórias se colocadas forçadamente pelo pesquisador em termos comparativos. Contra essa tendência, o foco do método narrativo biográfico (ROSENTHAL, 2014a), ao recair sobre o sujeito e seus projetos, busca justamente os sentidos que dão coerência à totalidade das movimentações na vida do indivíduo e que são indissociáveis das figurações sociais nas quais se inscrevem (ROSENTHAL e KÖTTIG, 2009).

No Brasil, alguns conceitos caros à tradição interpretativa e à abordagem biográfica foram utilizados por Gilberto Velho já na década de 80, que se preocupou com “motivações, relevâncias, projetos, dentro de uma linha fenomenológica *à la* Schütz” (VELHO, 2012, p. 8) em uma tentativa de relacionar essas questões à construção de uma teoria da cultura enquanto rede de significados (GEERTZ, 2000). Velho (2012) propõe uma aproximação da antropologia de Louis Dumont e da sociologia de Alfred Schütz, que resulta em sua pergunta a respeito de “quem é o *sujeito*” dos projetos.

Para o autor, mesmo em sociedades específicas, há variações quanto à ênfase dedicada às peculiaridades, gostos e preferências dos agentes empíricos (VELHO, 2012). Esses traços particulares individuais relacionam-se não apenas a uma *visão de mundo* (ou um *eidós*), à qual a noção de biografia, com sua concepção de tempo bastante definida, é central, mas também a um *ethos*, um estilo de vida, uma organização das emoções em que “a experiência do agente empírico sacralizada como individual é o foco de referência básica” (VELHO, 2012, p. 28). Na consecução da pergunta proposta, sugere que, “por mais precário que possa

ser o método, é a verbalização, através de um discurso, que pode fornecer as indicações mais precisas sobre projetos individuais” (VELHO, 2012, p. 28). Daí que se tenha dedicado à coleção e análise da biografia de migrantes ao pesquisar a colônia portuguesa da Nova Inglaterra (VELHO, 1994).

Tendo em vista o breve resumo das influências teóricas do trabalho, a seguir é apresentado o método utilizado na pesquisa a fim de se ter acesso à gênese da perspectiva do biografado, seus cursos de ação, bem como ao contexto atual de vida à época das entrevistas (ROSENTHAL, 2014a). Outros recursos metodológicos foram utilizados como complementação ao método narrativo biográfico. Deve ficar claro, no entanto, que houve esforço constante por parte do pesquisador e daqueles que auxiliaram na condução das entrevistas para manter em mente os princípios de uma pesquisa social interpretativa (ROSENTHAL, 2014a) no decorrer do levantamento dos dados.

2.1.1. Metodologia

O principal método utilizado na consecução dessa pesquisa foi a entrevista narrativa biográfica como proposta por Gabriele Rosenthal (1997; 2014a; 2014b). Daí que se tenha buscado compreender *como* o entrevistado produziu sua biografia em distintos contextos sociais e culturais e *quais* padrões de construção podem ser observados durante esses processos que envolvem a migração e o sentimento de pertencimento (APITZSCH e SIOUTI, 2007). Com isso, pretende-se obter uma compreensão do indivíduo como forma de acesso a estruturas do contexto social inscritas em seu relato biográfico (ROSENTHAL, 2014a).

A fim de ter-se acesso a essas estruturas na reconstrução de uma biografia, Rosenthal (2014a) distingue dois níveis de análise – o da vida vivenciada e o da história narrada. A análise da história de vida narrada reconstrói significados das vivências no presente, bem como a ordem temporal da história de vida no momento da narração (ROSENTHAL, 2014b). Essa distinção é feita como forma de dar conta das diferenças entre *vivenciado*, *narrado* e *recordado*.

Narrativas sobre o passado estão diretamente vinculadas ao presente da fala. A situação de vida atual determina o olhar sobre o passado, isto é, produz um passado específico, recordado de acordo com o contexto. [...] A perspectiva presente determina a escolha das lembranças, as ligações temporais e temáticas do que se torna objeto da memória e o modo com que as vivências recordadas se apresentam à consciência (ROSENTHAL, 2014a, p. 218-219).

Um evento biográfico impactante, como a perda de um conhecido, um desastre natural ou o desaparecimento de um familiar implicam em atos de revisão das vivências, de modo

que, se outra entrevista é realizada em um momento posterior à primeira, provavelmente a forma como a narrativa inicial foi contada sofrerá alterações (ROSENTHAL, 2014b). O acesso ao passado é alterado a partir do presente, o que tem impactos não só sobre as leituras possíveis do passado de um indivíduo, mas, principalmente, do seu futuro (ROSENTHAL, 2014b). Essas “atualizações” da compreensão de si mesmo alteram profundamente as possibilidades futuras de ação individual. Dado o desaparecimento do entrevistado entre uma entrevista e outra, essas considerações foram centrais na aplicação do método na análise das entrevistas.

Para dar conta das experiências subjetivas do entrevistado, Gabriele Rosenthal (2014a, p. 226) sugere um método de análise que se desdobra em cinco passos: (a) a análise dos dados biográficos (são os dados relativos a acontecimentos/eventos claramente identificáveis); (b) a análise do campo temático e do material textual (é a análise de segmentos do texto – auto-apresentação/vida narrada); (c) a reconstrução da história do caso (vida vivenciada); (d) a microanálise de trechos textuais (que pode ser realizada em qualquer momento do procedimento); (e) o contraste entre história de vida narrada e história de vida vivenciada; (f) a construção tipológica.¹⁰

Devido ao desaparecimento do principal biografado, além da primeira entrevista narrativa biográfica, outras foram realizadas, já que providenciaram dados importantes para auxiliar na interpretação daqueles levantados na entrevista inicial. Ao todo, foram realizados três encontros com o entrevistado e seus familiares. O primeiro deles ocorreu em outubro de 2013, aproximadamente um ano após a mudança da família para a região. O primeiro contato com o entrevistado e o planejamento da entrevista foi feito pela mãe de Marina Giongo, minha colega na pós-graduação. A mãe de Marina era, então, professora de Queny, irmão de Alain. Ela conversou com Queny, que gentilmente cedeu seu número de telefone para que Marina combinasse a entrevista.

Queny escolheu a casa de sua família como ambiente para a primeira entrevista. Como era um domingo, todos os familiares estavam em casa. Queny, cuja rotina de estudos e trabalho era bastante exaustiva durante a semana, estava dormindo. Com isso, fomos

¹⁰ Para uma descrição detalhada de cada um dos passos utilizados na reconstrução de caso proposta nessa dissertação, ver os capítulos 5 e 6 do livro *Pesquisa Social Interpretativa* (2014a) de Gabriele Rosenthal. É preciso deixar claro que o último ponto da proposta de Rosenthal, a construção tipológica, não é realizada nesse trabalho. A construção tipológica é feita com base em diversas reconstruções de caso, das quais a realizada nesse trabalho é apenas a primeira, ou seja, é apenas sugerido um tipo de migrante sobre o qual outras pesquisas poderão ser realizadas. Para acompanhar os passos da reconstrução realizada nesse trabalho, ver o apêndice metodológico disponível na versão digital do trabalho (para mais informações, entrar em contato com o autor em lucas.sangalli@gmail.com).

recepcionados por Quetta, irmã mais nova de Alain, a qual nos levou até uma parte externa da casa, um estúdio de gravação, onde todas as entrevistas foram conduzidas.

No estúdio, após problemas técnicos com o gravador dos entrevistadores, Alain programou seu computador para gravar a entrevista, a qual foi conduzida por mim. Uma vez que Queny estava dormindo e Quetta estava bastante envergonhada, Alain perguntou se havia algum problema caso fosse ele o entrevistado. Mencionou que a vida dele e do irmão eram bastante parecidas e que Queny poderia dar outra entrevista mais tarde. Alain vestia traje social completo, em claro contraste às roupas dos entrevistadores. Ele era claramente alguém que fazia o intermédio das relações dos membros de sua família com os interlocutores “externos”. O fato de ele ter sido o principal entrevistado deve ser visto como dado biográfico importante, principalmente quando consideramos sua formação em comunicação social.

Marina auxiliou durante todo o período tomando notas e fazendo perguntas na segunda fase da entrevista. Antes do início da entrevista, o entrevistado apresentou um documento com uma pequena biografia que havia escrito a respeito da vida do seu irmão, Queny. No mesmo dia, foram feitas entrevistas narrativas biográficas com Alain, Quetta e Queny. O encontro durou mais de quatro horas e o ambiente no qual as entrevistas foram realizadas foi bastante descontraído. Alain, durante a entrevista com Queny, chegou a dormir no sofá do estúdio. Encerrada a entrevista, Alain acompanhou-nos até o portão da casa e despediu-se.

Nos meses seguintes, acompanhei as atividades dos membros da família do entrevistado em redes sociais, como Facebook e YouTube. Fiz um levantamento de dados com base em seus álbuns de fotografia, vídeos, depoimentos e comentários, os quais foram utilizados como fonte complementar na análise e interpretação dos dados biográficos. Tal opção por acompanhar a atividade dos entrevistados em redes sociais se deve principalmente ao fato de, durante as entrevistas, terem recorrido com frequência a fotografias em seus telefones e no computador, que ficava no estúdio, para mostrar familiares e amigos e falar sobre eles. Além disso, pelas redes sociais, tive acesso à apresentação que faziam de si e do lugar no qual estavam morando para os haitianos que ainda vivem no Haiti e para amigos que ficaram pelos outros países em que viveram. Os comentários e discussões a respeito da vida nos diversos lugares pelos quais passaram eram frequentes, o que contribuiu para complementar a análise das entrevistas com Alain.

Em maio de 2014, Alain desapareceu sem deixar informações para familiares ou amigos. Intrigado pela situação, convidei Marina para retornar à casa do entrevistado a fim de conduzirmos outra entrevista. Entrei em contato com Queny, irmão de Alain, e marcamos

uma data para o encontro. A segunda entrevista foi realizada em outubro de 2014, um ano após a primeira e cinco meses após o desaparecimento do entrevistado. O local escolhido foi o mesmo do encontro anterior, a casa da família. A segunda entrevista foi utilizada para avaliar mudanças no núcleo familiar um ano após o primeiro encontro. A técnica de entrevista utilizada foi a entrevista narrativa biográfica com foco temático nas mudanças ocorridas no último ano. Apesar de não ter sido sugerido pelos entrevistadores, os irmãos de Alain, Quetta e Queny, principais entrevistados do segundo encontro, abordaram detalhes da vida do irmão desaparecido. Mais do que preencher algumas lacunas sobre a vida de Alain deixadas pela primeira entrevista, o segundo encontro proporcionou dados importantes a respeito da configuração do núcleo familiar em questão, suas crenças e o significado por eles atribuído ao desaparecimento de Alain. Além disso, foi possível estabelecer um genograma detalhado com as gerações da família e sua distribuição geográfica por diversos países.

Diferentemente das entrevistas anteriores, realizadas em domingos, a última entrevista foi feita em uma segunda-feira. Alain voltou para a casa de sua família em outubro de 2015, mês do nosso terceiro encontro (segunda entrevista com Alain). Queny informou-me a respeito do retorno do irmão, com o qual entrei em contato e combinei novo encontro na casa de sua família. A técnica utilizada para a condução da segunda entrevista com Alain foi a mesma da entrevista com seus irmãos. Uma diferença importante em relação ao contexto da última entrevista deve ser esclarecida – foi a única entrevista que fiz completamente sozinho com Alain. Apesar de breves interrupções de seus familiares, apenas eu e Alain nos encontrávamos no estúdio. Não contei com o auxílio de outros pesquisadores no último encontro.

Como era uma segunda-feira, os familiares de Alain estavam estudando, trabalhando ou envolvidos em outras atividades. A pergunta inicial foi: “Alain, fizemos a entrevista contigo há mais de um ano agora, em outubro de 2013. Eu queria que tu me contasse o que mudou na tua vida nesse último ano”. Em um primeiro momento, não sugeri que o entrevistado abordasse questões relacionadas às entrevistas anteriores ou ao seu desaparecimento. Os temas aprofundados e os novos temas foram trazidos pelo próprio entrevistado. Deve-se ter em mente que sua memória a respeito do nosso encontro anterior e do encontro com seus irmãos pode ter exercido influência na escolha dos temas. O terceiro encontro durou aproximadamente três horas, ao fim das quais o entrevistado me acompanhou até o portão de sua casa, despediu-se e sugeriu outros encontros.

As entrevistas analisadas com base nas sugestões de Gabriele Rosenthal (2014a) nesse trabalho são provenientes dos dois encontros com Alain. A primeira consistiu em uma

entrevista narrativa biográfica e a segunda serviu como entrevista complementar à primeira. A reconstrução de caso feita no trabalho consistiu na análise biográfica e na reconstrução de caso empírico a partir dos dados levantados nessas duas entrevistas. As entrevistas biográficas com outros familiares de Alain e outros dados relacionados a sua vida foram complementares à reconstrução do caso.

Além disso, foram realizadas entrevistas temáticas com especialistas, pessoas com conhecimento específico sobre migração, como autoridades religiosas envolvidas no acolhimento dos migrantes e políticos. A primeira dessas entrevistas foi realizada em uma cidade vizinha daquela onde Alain vive com sua família. Entrei em contato com uma instituição religiosa responsável pela acolhida de imigrantes na região e combinei um horário para uma conversa informal a respeito dos novos imigrantes. Os dados levantados nessa entrevista foram utilizados para contextualizar o fenômeno migratório na região, bem como forma de compreender a percepção que a população local tem do novo fluxo migratório.

Outra entrevista foi realizada com uma autoridade religiosa haitiana deslocada à região com o intuito de auxiliar na “recepção e integração” dos novos migrantes. Conversamos a respeito da entrada de haitianos no Brasil nos últimos anos (o entrevistado vivia há dez anos no Brasil) e sobre o acompanhamento desses migrantes no sul do Brasil. O entrevistado era o principal responsável pelo controle do número de imigrantes na região e pela coordenação de atividades comunitárias. As informações provenientes desse encontro também foram usadas para contextualizar o fluxo migratório na região e para avaliar a percepção que um migrante haitiano que vive no Brasil há quase uma década tem dos migrantes que chegam agora.

Uma terceira entrevista foi realizada com um funcionário do poder público. A temática da entrevista foi o fluxo migratório contemporâneo para a região e as medidas tomadas pelo poder público em relação a isso. Nesse encontro, foram levantados dados relacionados à articulação entre poder público e a empresa responsável pela contratação dos imigrantes.

Além disso, foram analisadas entrevistas em jornais e rádios com os responsáveis pela contratação de mão de obra migrante na região, os comentários de representantes da empresa a respeito de seu primeiro balanço comercial após a contratação de mão de obra estrangeira, dados estatísticos relacionados aos migrantes na região, matérias de jornais locais e nacionais, e livros sobre a história da região. Procurei basear-me em etnografias e observações de campo ao falar sobre o Haiti e sobre a situação de entrada de haitianos no Brasil, com os quais não tive contato direto. Para isso, utilizei trabalhos produzidos no Museu Nacional/UFRJ a respeito do Haiti (NEIBURG, 2014; BAPTISTA, 2012; SILVA, 2010; DALMASO, 2009) e sobre a entrada de migrantes haitianos pela fronteira norte brasileira (SILVA, 2014).

O fato de a pesquisa ter sido realizada na região na qual nasci possibilitou conversas informais a respeito do tema com moradores. Com base no meu estoque de conhecimento sobre a história da região, das famílias e dos hábitos e costumes sociais com os quais estive em contato durante tantos anos, optei por passar períodos na região, para a qual retornei com frequência durante a pesquisa. Entre dezembro de 2014 e fevereiro de 2015, estive presente na região observando o equacionamento da questão migratória pela comunidade. Acompanhei o processo de chegada dos primeiros imigrantes haitianos desde o início, no final de 2012, até a conclusão da pesquisa, no primeiro semestre de 2015. Os períodos dessas observações situam-se metodologicamente entre a etnografia convencional (escrita, levantamento solitário de dados, campo amplo, papel participante, conhecimento de *insider*, compreensão subjetiva, notas) e a etnografia focada (intensidade da análise dos dados, gravações, levantamento de dados em conversas em grupo, foco determinado, observação de campo, codificação, transcrição e análise sequencial), nos termos de Knoblauch (2005).

Como apresentado, o foco metodológico do trabalho resulta em uma abordagem biográfica do fenômeno migratório. Deste modo, faz-se necessário aprofundar as relações que a abordagem biográfica tem com os principais temas da pesquisa, a migração e a construção do pertencimento do migrante. As próximas seções procuram fazer uma introdução dessas temáticas e apresentar a discussão atual dos estudos sobre migrações, além de estabelecer um panorama geral sobre a chegada de migrantes haitianos no Brasil.

2.2. MIGRAÇÃO, PERTENCIMENTO E BIOGRAFIA

O foco inicial do estudo dos movimentos migratórios recaiu sobre as dificuldades enfrentadas pelos migrantes ao chegar nas sociedades nas quais se estabeleceriam (APITZSCH e SIOUTI, 2007). Por décadas, as abordagens da aculturação, da assimilação e da enculturação dos indivíduos discutiram temas como oportunidades de trabalho, dificuldades com a língua e acesso à educação (APITZSCH e SIOUTI, 2007). Sasaki e Assis (2000) sistematizaram as principais abordagens do fenômeno migratório, dividindo-as em perspectivas distintas: as teorias dos processos de integração social e assimilação cultural dos imigrantes (Escola de Chicago, como Thomas e Znaniecki), as análises críticas, que propõe o uso de termos como etnicidade, grupos étnicos e a afirmação das diferenças em detrimento do termo *melting pot* (que faz referência à assimilação cultural dos migrantes pela sociedade receptora, sem que descartem por completo valores e modos de vida de sua sociedade de origem), e os estudos sobre a inserção de migrantes no mercado de trabalho.

A reconfiguração dos fluxos migratórios internacionais após a II Guerra Mundial favoreceu a ascensão de abordagens econômicas e políticas dos processos migratórios (Castles e Kosak na Europa e Portes nos Estados Unidos), as quais reforçaram as análises com base nas noções de grupos étnicos e etnicidade em detrimento das teorias de assimilação – com isso, a sociologia afastou-se da história e da psicologia social, que influenciaram as abordagens funcionalista e da Escola de Chicago, para aproximar-se da economia, resultando em uma ênfase maior no indivíduo do que em suas relações sociais (SASAKI e ASSIS, 2000). Em uma aproximação entre economia e sociologia, Portes e Sensenbrenner (1993) partem da compreensão weberiana acerca da orientação da ação individual em relação aos outros e apresentam a ação do indivíduo migrante respondendo não apenas à constrangimentos econômicos, mas também às expectativas que o agrupamento ao qual pertence tem dele – com isso, a ação econômica é percebida pelos autores como sendo *socialmente* orientada (SASAKI e ASSIS, 2000).¹¹

O afastamento definitivo das abordagens da integração e da aculturação da migração dá-se com a consolidação da difusão dos meios de comunicação e o “encurtamento” das distâncias verificados no processo de globalização, que se reflete no desafio à concepção tradicional do estado-nação nos anos 1990 (HARVEY, 1992; HALL, 2006; KÖTTIG, 2009). As novas abordagens da migração passam, então, a enfatizar a multiplicidade de relações dos migrantes não apenas com suas sociedades de origem, mas também de estabelecimento. As teorias de redes sociais (Massey, Tilly e Boyd) colocam em discussão a importância das relações pessoais articuladas em redes que atravessam fronteiras nacionais, estas também levadas em consideração pela abordagem transnacional da migração (Glick Schiller e Basch) (SASAKI e ASSIS, 2000).

As abordagens recentes têm em comum a característica de problematizar categorias com as quais a análise da migração foi feita até então, tais como a centralidade do estado-nação no estabelecimento desses fluxos e sua relação com os sentimentos de pertença dos migrantes, forjados de distintas formas e em relação a diversos espaços de acordo com abordagens distintas. Dada a perspectiva interpretativa sugerida no início do capítulo e tendo em mente a abordagem biográfica da migração, a próxima seção apresenta a abordagem transnacional da migração e o surgimento do debate acerca dos espaços sociais transnacionais, bem como sua relação com a construção dos sentimentos de pertencimento.

¹¹ Para uma sistematização com abordagens econômicas da imigração, ver Borjas (1994). Para um modelo de análise econômica da migração, ver Borjas (1999).

2.2.1. A abordagem transnacional da migração e os espaços sociais transnacionais

A abordagem transnacional dos processos migratórios procura dar conta da crescente complexidade da sociedade contemporânea, suas dinâmicas de circulação e movimentação de pessoas, ideias e modos de ser, seus valores e normas e as distintas construções de cotidianos, a partir dos quais sentimentos de pertencimento são determinados (GLICK SCHILLER *et al.*, 1995; PRIES, 2001). Com isso, a abordagem transnacional propõe que o foco dos estudos migratórios deixe de ser o estado-nação (cuja existência não é posta em dúvida) e passe a ser a construção de um espaço social transfronteiriço e multirreferenciado, situado na intersecção dos espaços global e local (APITZSCH e SIOUTI, 2007). Com base nisso, a matriz antropológica norte-americana propõe uma nova categoria para o estudo da migração:

Transmigrantes são imigrantes cuja vida cotidiana depende de interconexões múltiplas e constantes através de fronteiras internacionais e cujas identidades públicas são configuradas em relação a mais de um estado-nação. [...] Eles estabelecem-se e são incorporados pela economia e pelas instituições políticas, localidades e padrões da vida cotidiana do país no qual residem. No entanto, ao mesmo tempo, estão envolvidos com outro lugar, no sentido de que mantêm conexões, constroem instituições, conduzem transações e influenciam eventos locais e nacionais nos países dos quais emigraram.

[...] A migração transnacional é o processo pelo qual imigrantes forjam e sustentam relações sociais simultaneamente multi-referenciadas, que conectam suas sociedades de origem com a de estabelecimento. [...] Enfatizam-se as formas correntes e contínuas pelas quais os imigrantes contemporâneos constroem e reconstituem seu acoplamento simultâneo em mais de uma sociedade (GLICK SCHILLER *et al.*, 1995, p. 48, tradução do autor).

Ao enfatizar a compreensão do fenômeno migratório em termos processuais, a abordagem transnacional procura evitar o foco apenas na sociedade de origem ou de destino (APITZSCH e SIOUTI, 2007). Há um esforço para incluir resultados inesperados ou inéditos, que podem surgir no decorrer do processo migratório (ONG, 1999). Procura-se levar em consideração a miscigenação de elementos específicos de consciência e de compreensão da vida daqueles que vivenciam as múltiplas localidades (APITZSCH e SIOUTI, 2007).

Trans denota tanto o movimento através do espaço e das fronteiras, assim como a mudança na natureza de algo. Além de sugerir novas relações entre os estados-nação e o capital, a transnacionalidade alude aos aspectos transversais, transacionais, translacionais e transgressivos da imaginação e do comportamento que são incitados, possibilitados e regulados pelas lógicas do capitalismo de estado (ONG, 1999, p. 4, tradução do autor).

Nesse sentido, as vivências daqueles que existem nesse espaço de sobreposições múltiplas entre países e fronteiras só podem ser distintas daquelas dos lugares estáticos e bem delimitados, como apresentados pela geografia tradicional (PRIES, 2001; APITZSCH e SIOUTI, 2007). Os campos sociais criados sobre localidades variadas têm como referência não só as atividades cotidianas e as relações sociais desses migrantes no local onde vivem, mas também estão atrelados ao desenvolvimento do capitalismo em seu estágio global e ao

acesso desigual à comunicação e ao transporte em regiões distintas (GLICK SCHILLER *et al.*, 1995; APITZSCH e SIOUTI, 2007).

Para Thomas Faist (2000), o espaço social transnacional não está relacionado somente a características físicas, mas a oportunidades, convívio social, identificações subjetivas e significados que adquirem para os migrantes: ao contrário do lugar, o espaço pode abranger ou se estender por múltiplas localidades territoriais, de modo a incluir dois ou mais lugares (APITZSCH e SIOUTI, 2007). Com isso, há um transbordamento da territorialidade no significado de espaço, uma vez que seu sentido é construído pelos migrantes com laços simbólicos ou sociais concretos (FAIST, 2000; APITZSCH e SIOUTI, 2007).

Nesse sentido, mais que o mero deslocamento que os membros de uma família de imigrantes podem fazer pelo globo, passando por diversos países até chegar em locais dispersos por territórios variados, a biografia de cada um desses migrantes vai-se desenvolver como *espaço* do registro de experiências vivenciadas em cada uma dessas regiões, de modo a constituir espaço distinto daquele relacionado a uma noção geográfica única e delimitada (APITZSCH e SIOUTI, 2007). Ou seja, esse *conhecimento biográfico* é acumulado e ganha significado ao longo do curso de vida dos indivíduos e agrupamentos, daí que Apitzsch e Siouti (2007) vejam no espaço social transnacional o *locus* preferencial da acumulação do conhecimento sobre as vivências dos migrantes, cujo acesso é possibilitado pelo método narrativo biográfico.

Nesse sentido, Ludger Pries (2001) faz uma aproximação da noção que a sociologia de Norbert Elias propõe a respeito da forma como determinadas figurações sociais possibilitam a emergência de biografias específicas e a compreensão dos espaços sociais enquanto o contexto no qual as interações sociais se desenrolam (APITZSCH e SIOUTI, 2007). Os espaços sociais transnacionais estão associados à emergência, manutenção e alteração de práticas, sistemas e símbolos cotidianos distribuídos por diversos espaços; não são, no entanto, nem deslocalizados, nem desterritorializados, pois surgem e se mantêm nas figurações dos sistemas transnacionais de migração (APITZSCH e SIOUTI, 2007).

Podemos definir espaço social transnacional como estruturas densas, estáveis, pluri-locais e institucionalizadas, compostas por artefatos materiais, práticas sociais cotidianas, bem como por sistemas de representação simbólica que são estruturados e que estruturam a vida humana. Então, o argumento é que há “fatos sociais” (como definidos por Emile Durkheim), “redes de coerência entrelaçadas” (nos termos de Norbert Elias) ou “práticas sociais rotineiras” (nos termos de Anthony Giddens) que transcendem, de uma maneira socialmente relevante, a unidade de análise estabelecida pelos estados e sociedades nacionais e, ao mesmo tempo, são práticas reais pluri-locais, artefatos e símbolos (PRIES, 2001, p. 8, tradução do autor).

Acerca das mudanças verificadas na contemporaneidade no que diz respeito à relação entre o espaço geográfico e o espaço social, Pries (2001) indica que, a despeito de ter

predominado por séculos, “o acoplamento mútuo de práticas sociais, símbolos e artefatos em um ‘receptáculo’ geográfico uni-local”, atualmente, verifica-se que “a conjunção do social com o espacial” é posta em questão pela possibilidade de “espaços sociais ‘sobrepostos’ poderem existir em um único espaço geográfico e espaços sociais poderem-se estender por mais de um dos espaços geográficos coerentes e de diferentes nacionalidades” (PRIES, 2001, p. 3, tradução do autor).

O entrelaçamento e a sobreposição dos espaços na constituição do local e do global já foi abordado pela geografia brasileira. A temática do entrelaçamento entre local e global na constituição da sociedade e as atividades cotidianas dos indivíduos sobre o território foram tema das análises de Milton Santos.

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população. Um faz o outro. [...] A ideia de tribo, povo, nação e, depois, de Estado Nacional decorre dessa relação tornada profunda (SANTOS, 2011, p. 77).

Trajano Filho (2010) propõe um conceito de lugar que assinala algumas especificidades colocadas pela abordagem transnacional da migração. A partir da compreensão da mútua constituição entre lugares, histórias, pessoas, agrupamentos e instituições, sugere um conceito de lugar não como um ponto localizável objetivamente no espaço físico-geográfico, mas sobretudo como referencial que sustenta, dá sentido e emoldura as interações sociais que se desdobram num fluxo temporal entre pessoas e agrupamentos: é o espaço como uma construção social, que resulta na situação dos sujeitos sociais e das instituições nos eixos do espaço e do tempo, estabelecendo a constituição dos lugares como uma atividade central na construção das narrativas que enquadram o passado, o presente e o futuro das sociedades (TRAJANO FILHO, 2010).

No entanto, ao contrário da proposta da perspectiva de Trajano Filho (2010), os estudos sobre migrações realizados nas ciências sociais brasileiras em anos recentes têm-se colocado questões pouco atreladas à abordagem transnacional da migração. A ênfase dos estudos migratórios das ciências sociais nacionais tem sido as questões de identidade, da desterritorialização das culturas e a descrição dos lugares (RIBEIRO, 1993; ALBUQUERQUE, 2009; SPRANDEL, 2000; GRIMSON, 2002; JARDIM, 2007; SILVA, 2008; GONÇALVES *et al.*, 2012; OLIVEIRA, 2007).

Apesar de estudos substanciais, como o de Giralda Seyferth (2011) a respeito da incorporação da discussão sobre etnicidade aos estudos sobre migração no Brasil, e o de

Guérios (2008), que discute a memória como objeto de estudo na abordagem de migrantes, o foco permanece essencialmente demográfico (FERNANDES *et al.*, 2014). Poucos estudos nacionais discutem questionamentos postos pelas abordagens contemporâneas em relação a termos difundidos por abordagens de viés econômico e político e da perspectiva da assimilação, ou propõe uma abordagem própria do estudo do fenômeno migratório, a despeito de o Brasil estabelecer-se, cada vez mais, como destino preferencial entre imigrantes de diversas nacionalidades.¹²

2.3. A MIGRAÇÃO HAITIANA RECENTE PARA O BRASIL

Essa seção apresenta um panorama geral que contextualiza o recente fluxo migratório haitiano com destino ao Brasil. A migração de haitianos é um fenômeno cujos desdobramentos iniciais estão relacionados à origem da república haitiana já no século XIX (SMITH, 2011). A importância dos haitianos que vivem no exterior é central para a população da ilha caribenha, uma vez que grande parte deles remete quantias substanciais de dinheiro para auxiliar familiares que ficaram no país (WORLD BANK, 2011).¹³

Atualmente, o Ministério de Haitianos que Vivem no Exterior (*Ministère des Haïtiens Vivant à L'Étranger*) estima que cerca de 4,5 milhões de haitianos, de uma população total de aproximadamente 10 milhões que vive no Haiti (WORLD BANK, 2011), mora no exterior, dos quais aproximadamente 90% vive na América do Norte (principalmente nos Estados Unidos e no Canadá) e no Caribe (majoritariamente na República Dominicana, país que divide a ilha de Hispaniola com a República do Haiti) (SILVA, 2014). O fluxo de saída de haitianos para países vizinhos no Caribe são antigos (SMITH, 2011), ao passo que Estados Unidos e Canadá tornaram-se destinos preferenciais durante a década de 1960, sob o regime ditatorial de François Duvalier (STEPICK, 1998; LINSTROTH *et al.*, 2009).

¹² A revisão a respeito da produção bibliográfica nacional sobre as migrações internacionais feita aqui não é exhaustiva. Para uma revisão mais detalhada, ver Vilela e Lopes (2011).

¹³ Dados do ano de 2009 indicam que a América do Norte abriga cerca de 64% do contingente total de migrantes haitianos e é responsável por 90% das remessas totais enviadas ao Haiti, ao passo que a América Latina e o Caribe abrigam cerca de 26% do total de migrantes haitianos, mas respondem apenas por 6% das remessas totais (WORLD BANK, 2011; SILVA, 2014). As remessas financeiras pessoais recebidas pelo Haiti no ano de 2009 corresponderam a 21.1% do produto interno bruto (WORLD BANK, 2011). De acordo com o Banco Central do Haiti, haitianos que residem no exterior remetem mais de US\$ 1 bilhão para o país, o que representa mais de um quarto do produto interno bruto. Não há dados sobre remessas financeiras para o recente fluxo migratório haitiano para o Brasil. Em relação ao Rio Grande do Sul, cerca de 70% dos migrantes haitianos (dentre 96 imigrantes haitianos entrevistados) disse remeter quantias a familiares no Haiti (ZAMBERLAN *et al.*, 2014, p. 58).

O grande contingente de haitianos que vivem no exterior contribuiu para o uso do termo “diáspora haitiana” para referir-se a haitianos e descendentes de haitianos que vivem fora do país.¹⁴ O estudo de haitianos e comunidades haitianas em diáspora são diversos (LAGUERRE, 1998; STEPICK, 1998). Algumas dessas obras são de autores que participaram dos debates iniciais sobre a abordagem transnacional da migração (GLICK SCHILLER e FOURON, 2001) e outras abordam o pertencimento com base no método de entrevistas narrativas biográficas (ROSENTHAL e KÖTTIG, 2009).

2.3.1. O Brasil como país de destino

Principalmente a partir do abalo sísmico que atingiu a capital haitiana e arredores em janeiro de 2010, a agenda de pesquisa a respeito da migração de haitianos e da diáspora haitiana passou a fazer parte das ciências sociais brasileiras. Estudos *in loco* sobre o Haiti já vinham sendo realizados por pesquisadores do Museu Nacional/UFRJ devido a uma parceria entre instituições dos dois países (NEIBURG, 2014; DALMASO, 2009; SILVA, 2010; BAPTISTA, 2012). A aproximação recente entre Brasil e Haiti remete à participação do primeiro nos esforços de estabilização do país através da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah), estabelecida pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas na Resolução 1542 em 2004. A Minustah é composta por contingentes civis e militares das mais variadas nacionalidades. Atualmente, cerca de 13 países compõem a Missão, da qual o Brasil assumiu o comando militar das operações desde o primeiro ano.

A presença brasileira na sociedade haitiana foi aprofundada não só por tropas militares e visitas de presidentes e ministros, mas também pelo aumento da cooperação técnica e da presença de organizações não governamentais.¹⁵ Após mais de uma década da presença

¹⁴ A respeito da diáspora haitiana, Glick Schiller (2011, xxviii, tradução do autor) coloca: “Muitos intelectuais, pessoas de diversas classes, lideranças políticas tradicionais e aqueles dos movimentos mais arraigados encontraram no termo *diáspora* uma forma de enfatizar a dualidade simultânea da migração haitiana. O termo juntou-se ao fato de que, em várias localidades, os migrantes estavam-se estabelecendo, trabalhando e construindo famílias e amizades. Essas redes de famílias e amizades estendem-se por muitas localidades de estabelecimento distintas a ponto de o âmbito do estabelecimento de haitianos ter-se tornado um campo social transnacional. Ao mesmo tempo, muitos migrantes haitianos remetiam simultaneamente dinheiro para o Haiti, sonhando com um possível retorno e financiando a construção de casas no país. Aqueles de origem haitiana, inclusive a segunda geração de migrantes, que podem não estar investindo diretamente ou estar em contato com o Haiti, frequentemente estavam ligados ao Haiti por laços de parentesco, amizade ou religião através de pessoas que tinham laços diretos com o país”.

¹⁵ Já atuaram no Haiti, em anos recentes, organizações como Viva Rio, Pastoral da Criança, Diaconia, o Grupo de Apoio à Prevenção da Aids, dentre outras (MORAES *et al.*, 2013). Além disso, a Embrapa promoveu o programa “Embrapa Hortaliças”, com financiamento da Agência Brasileira de Cooperação (MORAES *et al.*, 2013). A presença brasileira também é sentida no esporte; o futebol tem ampla aceitação no país, onde a seleção brasileira participou de amistoso em 2004 (MORAES *et al.*, 2013).

brasileira constante no Haiti, em decisão conjunta com o Conselho de Segurança das Nações Unidas, o ministro de defesa brasileiro anunciou a saída gradativa das tropas das Nações Unidas até o final do ano de 2016 (VALOR ECONÔMICO, 2015).

A aproximação entre Brasil e Haiti tem-se refletido no aumento crescente do fluxo de migrantes haitianos para o Brasil (PATARRA, 2012; MORAES *et al.*, 2013; SILVA, 2013).¹⁶ Já em 2011, houve o registro de imigrantes haitianos na região de Mato Grosso do Sul (PIMENTEL e COTINGUIBA, 2014). As duas principais rotas de entrada no território brasileiro estão relacionadas a pontos de tríplice fronteira nas regiões de Tabatinga (AM), entre Brasil, Peru e Colômbia, e na região de Assis Brasil (AC), entre Brasil, Peru e Bolívia (PATARRA, 2012; PIMENTEL e COTINGUIBA, 2014; SILVA, 2014).

Apesar de registros de rotas variadas, a trajetória dos haitianos para chegar ao Brasil envolve escalas em cidades como Santo Domingo (República Dominicana) e na capital do Panamá, de onde seguem para Quito (Equador) ou Lima (Peru) (BELTRAND, 2014).¹⁷ No Peru, relatos de migrantes haitianos dão conta de que a entrada no Brasil pode ser feita pela travessia do Rio Solimões até Tabatinga (Amazonas) ou por via terrestre até a fronteira entre Iñapari (Peru) e Assis Brasil (Acre) (PIMENTEL e COTINGUIBA, 2014).

A regularização dos migrantes haitianos no Brasil pode ser feita de diversas maneiras. Antes de sair do Haiti, o migrante pode requerer, junto ao consulado brasileiro em Porto Príncipe, a concessão de um visto permanente por razões humanitárias (Resolução Normativa Nº 97 do Conselho Nacional de Imigração/Janeiro de 2011), emitido em caráter extraordinário devido ao agravamento das condições de vida dos haitianos após o terremoto de 2010 (SILVA, 2014; FERNANDES e CASTRO, 2014). Ao ingressar em território brasileiro e já tendo em mãos esse documento, o imigrante deve dar início a outro processo de regularização junto ao Conselho Nacional de Imigração (SILVA, 2014; FERNANDES e CASTRO, 2014).¹⁸

¹⁶ Em relação ao número de haitianos vivendo no Brasil, a despeito da dificuldade no registro de imigrantes, pode-se apontar que, “durante o ano de 2010, pequenos grupos de haitianos, que não somavam duas centenas de imigrantes, chegaram à fronteira brasileira com o Peru. Ao final de 2011 havia indicações da presença de mais de 4.000 haitianos no Brasil [...], ao final de 2013, estimava-se que o montante já teria ultrapassado a casa dos 20.000 imigrantes, com indicações de que o número total poderia chegar a 50.000 ao final de 2014” (FERNANDES e CASTRO, 2014). De acordo com registros da Polícia Federal, mais de 39.000 haitianos entraram no Brasil desde 2010 até setembro de 2014.

¹⁷ O governo de Rafael Correa, presidente do Equador, adotou uma política de não exigência de visto para cidadãos de qualquer nacionalidade que quisessem ingressar no país em junho de 2008, onde podem permanecer por até 90 dias. Após o terremoto de janeiro de 2010, essa medida parece ter contribuído substancialmente para a inclusão do país como destino dos fluxos migratórios haitianos, mas somente a partir de 2013 esse fluxo fortaleceu-se (CARRERA, 2014).

¹⁸ A Regulação Normativa Nº 97 do CNIg autorizou os serviços consulares brasileiros a emitirem uma cota mensal de 100 vistos de trabalho de cinco anos, os quais não dependiam de vínculo empregatício prévio no

No caso do imigrante desprovido de visto humanitário, este pode, já em território brasileiro, solicitar refúgio diretamente à Polícia Federal na fronteira, estando apto a requerer Cadastro de Pessoa Física e carteira de trabalho provisórios (SILVA, 2014). A solicitação de refúgio é analisada pelo Comitê Nacional para Refugiados (CONARE), que encaminha para a avaliação e concessão ou não do visto humanitário pelo Conselho Nacional de Imigração (SILVA, 2014; FERNANDES e CASTRO, 2014).

Tabela 1. Estados onde a solicitação de refúgio foi apresentada (2011/2012)¹⁹

Estado	2011		2012	
	Nº absoluto	%	Nº absoluto	%
Acre	246	34,3	1.232	25,3
Amazonas	434	60,2	3.482	71,8
São Paulo	24	3,3	108	2,2
Outros	8	1,1	34	0,6
Não Inf.	8	1,1	4	0,1
Total	720	100	4.860	100

Fonte: Fernandes e Castro (2014).

O trajeto do norte ao sul do Brasil é percorrido, em grande medida, por via terrestre (ZAMBERLAN *et al.*, 2014). Um evento associado ao início do fluxo de migrantes haitianos do norte ao sul do Brasil foi a Missão dos Padres Scalabrinianos de Manaus (2012), que coordenou a aproximação entre indústrias do sul do Brasil com trabalhadores haitianos das cidades de Manaus (AM) e Brasileia (AC) (ZAMBERLAN *et al.*, 2014). De acordo com dados publicados pelo Núcleo de Pesquisas do CIBAI Migrações (2014), cerca de 70% dos haitianos entrevistados chegaram ao Rio Grande do Sul no ano de 2013 (ZAMBERLAN *et al.*, 2014). Segundo dados da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentos do Rio Grande do Sul, a região na qual foram realizadas as entrevistas que compõem esse trabalho registram o maior contingente de migrantes haitianos sindicalizados na indústria de alimentação do Rio Grande do Sul (ZAMBERLAN *et al.*, 2014, p. 15).²⁰

Brasil; a alta demanda pelos vistos resultou na aprovação da Regulação Normativa Nº 102 em janeiro de 2012, a qual não impôs cotas mensais, limitando sua emissão à capacidade de processamento do consulado brasileiro em Porto Príncipe (METZNER, 2014).

¹⁹ É necessário enfatizar que os dados da tabela são referentes à localidade onde os migrantes registraram a solicitação de refúgio, ou seja, um migrante pode entrar por determinado estado, mas solicitar o refúgio em outro.

²⁰ É necessário enfatizar que ainda são escassos os dados a respeito da migração haitiana para o Brasil, de modo que comparações com outras regiões podem ser demasiadamente arriscadas. A pesquisa do Núcleo de Pesquisas do CIBAI Migrações (2014) foi conduzida antes da chegada de contingente significativo de migrantes no sul do país (ZERO HORA, 2015). Dado o fluxo constante de migrantes e a dificuldade de registro de suas atividades, esses dados estão sujeitos a variações significativas.

A despeito das motivações para a vinda de haitianos para o país, é fato que a participação de migrantes haitianos na composição da sociedade brasileira tem aumentado, questão que já incide sobre os estudos feitos pelas ciências sociais nacionais a respeito do tema (PATARRA, 2012; MORAES *et al.*, 2013). Em grande medida, as pesquisas sobre migração haitiana no Brasil têm mantido seu foco no levantamento de dados estatísticos e demográficos (FERNANDES *et al.*, 2013; ZAMBERLAN *et al.*, 2014; FERNANDES e CASTRO, 2014; CARRERA, 2014; METZNER, 2014; CASTRO e FERNANDES, 2014), na descrição de rotas (SILVA, 2014; VÁSQUEZ, BUSSE e IZAGUIRRE, 2014) e na condição jurídico-legal dos haitianos no Brasil (GODOY, 2011; FERNANDES *et al.*, 2013; REDIN e BARBOSA, 2014). São poucos os esforços no sentido de questionar categorias já difundidas na estudo das migrações (COGO, 2013).

Com base no que foi exposto até aqui, pode-se identificar uma lacuna no que diz respeito ao uso da abordagem biográfica no estudo das migrações pelas ciências sociais nacionais. Mais que isso, o campo de estudos sobre migrações no Brasil frequentemente utiliza categorias que não dizem respeito a uma abordagem processual da migração, focando-se na discussão a respeito da identidade nacional dos migrantes, no levantamento de dados demográficos a respeito dos fluxos migratórios ou na ênfase de determinações econômicas e políticas desses fluxos migratórios.

O que se pretende com essa pesquisa não é, de modo algum, desconsiderar o valor e a plausibilidade dos estudos já produzidos a respeito da migração haitiana que tem como destino o Brasil. Antes disso, propõe-se uma perspectiva na qual as construções de pertencimento dos indivíduos migrantes são compreendidas a partir da constituição dos espaços durante o curso de vida dos indivíduos através de diversas figurações sociais (ELIAS, 1994; ROSENTHAL, 1997). Com isso, procura-se evitar o foco na categoria da identidade no estudo do pertencimento na vida de migrantes.

[...] a questão empírica acerca da identidade nacional de um biografado deve ser rejeitada como uma simplificação excessiva. Essa questão raramente faz justiça à complexidade do pertencimento social. Ao invés, conhecimento suficientemente realístico sobre os processos sociais de auto-definição e ação é possível pela reconstrução das constelações das histórias de vida de indivíduos e famílias, nas quais o pertencimento a uma coletividade é, na verdade, um tema para o biografado, junto com a descoberta de outras funções da identificação étnica ou nacional em relação às histórias de vida dos indivíduos e das famílias (ROSENTHAL, 1997, p. 23, tradução do autor).

Com isso em mente, os próximos capítulos apresentam os resultados da reconstrução de caso da vida de um migrante haitiano no sul do Brasil e da inscrição de seus relatos em sua constelação familiar (ROSENTHAL e KÖTTIG, 2009). A análise pretende reconstruir os sentimentos de pertencimento e afiliações constituídos ao longo da biografia de Alain, ou

seja, sua experiência em relação às diversas figurações sociais vivenciadas ao longo de seu curso de vida (ELIAS, 1994; ROSENTHAL, 1997).

3. A VIDA DE ALAIN: PROFECIA E SENTIDO NA BIOGRAFIA DE UM MIGRANTE

Esse capítulo apresenta a reconstrução biográfica da vida de Alain Loin, haitiano que nasceu em 1988 em uma região rural no Ouest do Haiti, a aproximadamente doze quilômetros da capital, Porto Príncipe. O período entre a primeira e a última entrevista com Alain e com seus familiares foi de cerca de quinze meses. Entre a primeira e a segunda entrevista, Alain esteve desaparecido por quase cinco meses.

A primeira parte do capítulo apresenta o contexto socioeconômico do nascimento de Alain. As partes seguintes reconstróem sua infância no interior do Haiti, seu primeiro movimento de afastamento de sua família para estudar na capital do país, suas iniciativas individuais, a sobrevivência ao abalo sísmico em 2010, sua saída do Haiti, sua passagem pelo Equador e pelo Peru, sua entrada no Brasil, a acomodação de Alain e de sua família no sul do Brasil, seu desaparecimento, suas movimentações pelo Brasil e pelo Peru e o retorno para a casa de seus pais no sul do Brasil.

O capítulo apresenta os resultados da reconstrução do caso empírico, que servirá como base para a discussão realizada no capítulo final. O último capítulo aproximará a teoria a respeito dos temas do pertencimento e da migração com as evidências, levantadas no trabalho de campo, reconstruídas pela aplicação do método de análise narrativa biográfica (ROSENTHAL, 2014a) e apresentadas a seguir.

3.1. CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DO NASCIMENTO DE ALAIN

Alain nasceu no interior do Haiti, mesmo local de nascimento de seus pais e avós. A região na qual as famílias viviam fica a aproximadamente doze quilômetros da capital do país, Porto Príncipe. Apesar da proximidade, a área é essencialmente rural e os alimentos produzidos pelas famílias eram vendidos em um mercado público na zona metropolitana de Porto Príncipe. Tanto a família materna quanto a paterna viviam uma vida de subsistência, plantando vegetais e criando animais. As duas famílias já conheciam-se quando os pais de Alain casaram-se de acordo com os ritos evangélicos, em 1986. A mãe de Alain sempre foi evangélica praticante e sua família era bastante religiosa. O pai de Alain, Paul, converteu-se por influência da futura esposa, Nanrie.

Após conhecer Nanrie, Paul passou a frequentar uma igreja na região. Os responsáveis pela igreja, que passava por dificuldades administrativas, convidaram Paul para assumir sua direção. Além de reformar e aumentar a capacidade da igreja, Paul estudou e tornou-se pastor. Com isso, estabeleceu-se como liderança religiosa nessa localidade, onde foi eleito por voto popular para um cargo político, que não chegou a assumir. O envolvimento de Paul com a política não era extraordinário, dado que seu primo ocupou temporariamente a presidência do Haiti durante um período de transição política.

A família materna de Alain é composta por onze irmãos, dos quais cinco deixaram o Haiti antes do terremoto de janeiro de 2010 (dentre os países de destino, estão a Guiana Francesa, Guadalupe, Dominica, Canadá e França). A família do pai é composta por sete irmãos, dos quais um deixou o Haiti antes do terremoto (mudou-se para os Estados Unidos). Ambas as famílias falam crioulo nos ambientes familiares, em conversas informais entre membros da família e com amigos próximos. Os pais de Alain e seus irmãos falam francês, mas, entre si, conversam em crioulo. Os pais de Alain aprenderam francês depois de adultos, ao passo que Alain e seus irmãos aprenderam francês ainda na escola.²¹

Quando se casaram, Paul e Nanrie mudaram-se para uma casa na mesma região em que viviam seus pais, avós de Alain. Em 1987, tiveram o primeiro filho, Paulson, irmão mais velho de Alain. Já no ano seguinte, em agosto de 1988, nasceu Alain. Ele nasce, deste modo, em um contexto no qual seu pai já era pastor de uma igreja evangélica e exercia um papel de liderança religiosa local. Os hábitos e costumes da família de Alain estiveram fundados nos ensinamentos da Bíblia em sua interpretação evangélica desde seu nascimento, em contraste com crenças e práticas de religiões de influência africana difundidas na região, como o vodu.²²

A despeito da importância religiosa que a família de Alain tinha para a comunidade na região, viveram uma vida de subsistência durante toda sua infância. Alain, seu irmão mais velho e seus pais trabalhavam na lavoura e criavam animais, como as gerações anteriores. Os relatos dos irmãos mais velhos a respeito das condições da família durante a infância são permeados por referências ao trabalho pesado na lavoura. Em 1992, nasceu a irmã de Alain, Niquéci, e, em 1995, nasceu seu outro irmão, Queny, ambos na região rural do Haiti. As

²¹ O crioulo haitiano (*kreyòl ayisyen*) é uma das poucas línguas consideradas recentes da humanidade e é, junto com o francês, uma das línguas oficiais do Haiti. Suas origens remontam à língua francesa, responsável por grande parte do seu léxico, e ao fon (*fongbe*), uma de suas línguas-base, falada na África Ocidental (Níger e Benim) (LEFEBVRE, 2006, p. xv).

²² O termo vodu faz referência à religião haitiana de origem africana, cujas crenças e rituais, originalmente africanos, foram assimilados a práticas católicas no Haiti (BAPTISTA, 2012). O termo *vodun*, cuja origem remete à língua fon, faz referência a divindades da região do Benim (África), bem como a uma dimensão mágica do cotidiano (HURBON *apud* BAPTISTA, 2012). Para mais, ver Dalmaso (2009) e Baptista (2012).

condições econômicas da família melhoraram com o tempo, a ponto de, quando do nascimento de sua outra irmã, Quetta, em 1999, já terem-se mudado para a região metropolitana de Porto Príncipe. Em 2001, nasceu o irmão mais novo de Alain, quando a família morava em uma casa melhor e o pai era funcionário de um consulado na região metropolitana de Porto Príncipe.

3.2. O NASCIMENTO DE ALAIN

Os relatos de Alain sobre sua infância e a dos irmãos no interior do Haiti são permeados por referências ao trabalho intensivo na lavoura e no trato de animais. Desde muito cedo, cooperou com seus familiares para o sustento da família, reforçando características como a ética do trabalho transmitida pela interpretação evangélica da Bíblia feita por seu pai. Os elementos de uma interpretação mágico-religiosa da vida são recorrentes na biografia de Alain, o que está associado ao contexto de seu nascimento.²³ Alain apresenta seu nascimento como um milagre, dadas as condições precárias enfrentadas pela família à época.

Alain (A.) eu nasci no interior e lá o que eu fazia é de ajudar os meus pais né que eles tiveram o que é fazenda né ajudando a cuidar os animais e tanto cultivar a terra com eles eu fui criado assim bem puxado de uma forma puxada duro né e eee para mim sofrimento nunca é puxado porque eu já vivi a vida né bem sofrida né [...] (página 4, linha 23, 2013).

A. ah meu pai=meus pais me falaram que [meu nascimento] foi uma coisa ee tão milagre sabe ee porque ee eles tavam conhecendo dificuldades ee sabe econômica ee coisas assim eee então eee depois que eu nasci eu comecei ee como posso dizer ee sofrer ee de ee enfermidade ee sabe de criança sabe aí meus pais nunca perderam o fé né sabe são crentes né são crentes são evangélicos né aí eles fizeram o que eles poderiam fazer para mim né e o resto que eles não podiam fazer Deus fez né ajudou e até que minha vida sempre foi uma profecia sabe (p. 14, l. 9, 2013).

Além das dificuldades inerentes ao contexto socioeconômico desfavorável, Alain relata acidentes decorrentes de brincadeiras com primos e irmãos como forma de evidenciar sofrimentos durante a infância. Um episódio significativo é aquele em que seu irmão, em uma brincadeira entre familiares, acertou uma pedra na cabeça de Alain, então com cerca de oito anos. A fim de “melhorar” o ferimento, seus primos puseram líquido de bateria de carro no ferimento, o que agravou a situação.

²³ O entendimento de magia nesse trabalho é tributário daquele apresentado por Marcel Mauss (2003, p. 56): “Os ritos mágicos, e a magia como um todo, são, em primeiro lugar, fatos de tradição. Ato que não se repete não são mágicos. Ato em cuja eficácia todo um grupo não crê não são mágicos. A forma dos ritos é eminentemente transmissível e sancionada pela opinião. Donde se sugere que atos estritamente individuais [...] não podem ser chamados de mágicos”.

Alain, a pedido de seus primos e irmãos, não relatou o acidente aos pais, o que se viu obrigado a fazer após o agravamento do ferimento. Seus pais levaram-no ao médico, que indicou a morte iminente do menino, segundo relato de Alain. Desolados com a sentença médica, Alain e seus pais foram para casa, “aguardando por sua morte”, como relata. No entanto, um contraponto à perspectiva médica foi “revelado” a sua mãe através de uma mulher “tocada por Deus”, que deu para ela uma profecia a respeito da vida de Alain. A profecia continha elementos sobre toda a vida de Alain, dentre eles, colocava que o menino sobreviveria sem que os pais fizessem nada. De fato, Alain sobreviveu, voltou ao médico que, espantado, disse não acreditar na situação, um milagre.

A profecia continha elementos como a ideia de que Alain era alguém diferente dos outros e que estava destinado a grandes feitos, como o de ser um grande político da nação haitiana. A profecia colocava ainda que Alain seria um explorador, que abriria caminhos pelos quais sua família e outras pessoas seguiriam posteriormente. A ideia da profecia é importante na exposição da biografia de Alain porque atua como elemento que dá coesão e sentido à exposição de sua vida. Além disso, evidencia a centralidade da compreensão mágico-religiosa na conferência de significado na vida de Alain. Em determinado momento, Alain alude à profecia como uma característica da cultura religiosa do país, mas explicita que nem todos os haitianos recebem profecias sobre sua vida como ele. Os que recebem, coloca, acreditam com convicção em sua realização plena.

Uma perspectiva notável que a reconstrução do curso de ação de Alain coloca é aquela em que a mãe de Alain não transmite para ele o conteúdo da profecia, o que pode sugerir que o menino utilizaria outros recursos para conferir significado a eventos de sua biografia. O fato de a mãe contar para Alain sobre a profecia parece sugerir, no entanto, sua posição em relação ao núcleo familiar, principalmente se levarmos em consideração que a religião evangélica é, no caso analisado, transmitida pela família materna.

Durante toda sua infância, Alain fez seus estudos primários no interior do Haiti, na mesma região em que morava com seus pais. Frequentou desde cedo a igreja, onde aprendeu a tocar guitarra para louvar a Deus nos cultos, conduzidos pelo seu pai. A relação da família de Alain com a música está atrelada à forma como o culto evangélico é celebrado em sua região de nascimento, cantando músicas de louvor a Deus. Com isso, todos os membros da família de Alain desempenhavam uma função em relação à igreja da comunidade: seu pai era responsável pela condução do culto, sua mãe e sua irmã cantavam e Alain e seu irmão mais velho tocavam instrumentos. Os cânticos de louvor não eram em francês, mas em crioulo, mesma língua falada em seu núcleo familiar.

Em 2001, quando Alain tinha em torno de 13 anos de idade, Paulson, o primogênito da família, deixou o Haiti para ir viver com um tio materno nos arredores de Paris. A saída do irmão mais velho da convivência cotidiana com a família é relevante porque situou Alain como irmão mais velho. Essa característica adquire especial importância se tivermos em mente que Paulson só retornou ao Haiti, em caráter de visita, em 2010, quase uma década após sua saída. Além disso, deixar o Haiti, como fez seu irmão, surge como uma alternativa para Alain desde cedo, no momento em que o irmão efetiva esse plano. Com isso, percebe-se que os pais de Alain, ao permitirem que Paulson deixasse a família aos 15 anos para ir viver no exterior, já viam na saída do país uma alternativa ao contexto no qual as gerações anteriores das duas famílias viveram. Isso pode estar relacionado ao fato de grande parte dos irmãos de seus pais terem deixado o Haiti nesse período.

A análise das alternativas decisórias no curso de ação da vida de Alain indicam que, nesse ponto de sua vida, poderia ter continuado seus estudos no interior do Haiti. Ao que tudo indica, grande parte da população da comunidade da região deu seguimento aos estudos na área rural. No entanto, o afastamento executado por seu irmão em relação ao núcleo familiar parece ter servido como motivador para que Alain considerasse a alternativa de ir estudar fora da região. Essa decisão está atrelada a diversos fatores, como os planos que seus pais projetaram para os filhos, e não seguiu uma lógica linear e definitiva. Do mesmo modo, sugere o caráter processual e indeterminado das movimentações, sujeito a alterações que devem ser controladas pelo sujeito durante o distanciamento do núcleo familiar.

Alain fez seus estudos secundários na região metropolitana de Porto Príncipe. Sua família continuou vivendo no interior do Haiti, enquanto ele percorria doze quilômetros diariamente até a escola. A possibilidade de realizar os estudos fora da região rural serve como indicador da melhora da situação econômica da família, uma vez que os custos com educação no Haiti são altos e uma parcela relativamente pequena da população completa os estudos secundários. Seu pai, nessa época, conseguira um emprego na região metropolitana de Porto Príncipe, para onde Alain e sua família acabaram-se mudando. Seus irmãos menores, Quetta e Paul, ao contrário dos outros irmãos, nasceram na região metropolitana. Até então, o contato de Alain com centros urbanos estivera restrito a visitas de curta duração que fez com seu pai à capital.

Na região metropolitana de Porto Príncipe, Alain conheceu uma jovem que estudou comunicação e marketing em um instituto da capital. Do contato com ela, desvelou-se a possibilidade de fazer o mesmo curso. Alain conversou com seu pai a respeito do investimento financeiro que deveria ser feito para estudar em um instituto em Porto Príncipe,

único local que oferecia a formação. O pai de Alain concordou com o investimento, de modo que Alain foi o primeiro membro de sua família a ingressar em uma instituição desse tipo.

Novamente, as negociações entre Alain e seu pai não ocorreram sem que concessões fossem feitas por ambos. O horizonte de possibilidades desvelado perante uma família grande, com diversos filhos para serem sustentados, faz com que o investimento financeiro do pai em um deles pode ter acontecido, nesse caso, em detrimento dos outros. Esse “favorecimento” daquele que ocupava então a situação de filho mais velho pode ter reforçado um sentimento de responsabilidade do filho favorecido em relação aos seus familiares.

3.3. PRIMEIRO MOVIMENTO: O TRAJETO INTERIOR-CAPITAL

O afastamento de Alain do convívio familiar e seu contato com agrupamentos na capital desvelou novas possibilidades para o jovem haitiano. Em Porto Príncipe, Alain estudou comunicação social e marketing, produção musical, planejamento e gestão de projetos e estagiou em duas rádios, pelas quais ficou conhecido por parte da população. A formação no curso de jornalismo e comunicação fez com que Alain planejasse empreendimentos individuais como forma de auxiliar economicamente sua família. Esse período é referido em sua fala como o momento no qual ganha confiança em si mesmo a ponto de se arriscar na implementação de projetos individuais.

Com base nos contatos que estabeleceu durante seus estudos no instituto e do estágio na rádio, Alain coordenou um seminário de comunicação social, direcionado principalmente para pastores e igrejas, na região onde vivia com seus pais. No seminário, Alain cobrou pelas inscrições e ensinou gestão de projetos e melhorias na estratégia de comunicação dessas organizações. As vagas para o seminário foram rapidamente preenchidas, o que fez com que ele entrasse em contato com os participantes do seminário para saber se teriam interesse por cursos mais longos.

Tendo em mente o interesse do público, Alain planejou seu próprio instituto nos moldes daquele que frequentara. Para isso, contactou antigos professores e funcionários da rádio, os quais contratou para dar aula em seu instituto. Quando tinha em torno de 20 anos, inaugurou seu instituto de comunicação e línguas na região metropolitana de Porto Príncipe, um local que não contava com iniciativas semelhantes. O instituto oferecia cursos de francês, inglês e espanhol, bem como oficinas de gestão de projetos e comunicação social. Os cursos tiveram uma procura significativa, de modo que se pode considerar o instituto um empreendimento bem sucedido na trajetória de Alain.

À época da abertura de seu instituto, Alain procurou implementar outros projetos, como um grupo de música. Para isso, entrou em contato com conhecidos e familiares. Um número significativo de pessoas interessou-se pela iniciativa de Alain, dado seu reconhecimento na região durante o período no qual trabalhara na rádio. Seu primo comentou sobre uma menina que cantava muito bem. Alain interessou-se e pediu para que fossem apresentados na casa dela. A menina já conhecia Alain devido ao seu trabalho na rádio e ficou bastante lisonjeada com o encontro. Com exceção do pai, adepto do vodu, toda a família da menina era evangélica praticante. Alain começou a frequentar a casa para estudar a Bíblia com os familiares, ganhou a confiança da família e passou a visitá-los constantemente.

A convivência de Alain com a menina abriu espaço para que os dois se envolvessem afetivamente. Alain garantiu aos pais da menina que, caso permitissem que ela cantasse em sua banda, não se envolveriam. Essa promessa fez com que Alain se recusasse a dar continuidade ao relacionamento amoroso com a haitiana. Em meio às circunstâncias de lutar contra o sentimento individual de cada um deles em função do compromisso que assumiram ante a família dela, ocorreu o abalo sísmico que destruiu grande parte da capital haitiana e arredores em janeiro de 2010.

A falta de água, alimentos e a destruição generalizada, impossibilitou os encontros dos membros da banda, dentre eles, a vocalista com a qual Alain estava se envolvendo. As filas constantes para acesso a medicamentos e à água obrigava-os a dispor grande parte do tempo para atividades de sobrevivência. O instituto de Alain na região metropolitana de Porto Príncipe funcionou por aproximadamente três meses até o terremoto, quando foi completamente destruído. O terremoto coincidiu, ainda, com a visita do irmão mais velho ao Haiti, postergando seu retorno à França e possibilitando um período maior de convivência com seus familiares.

3.4. SEGUNDO MOVIMENTO: SAIR DO HAITI

Frustrado com a devastação de seus planos, Alain conversou com seus familiares a respeito da possibilidade de deixar o Haiti. Em conjunto com seus pais, decidiu que iria, em um primeiro momento, até Quito, capital do Equador, onde estavam um tio paterno e um primo. Após estabelecer-se na região, Alain passaria a receber seus irmãos, que também deixariam o Haiti. Com isso em mente, financiado por seus pais, ele deixou o Haiti, passou brevemente pelo Panamá e foi até Quito. A opção por Quito parece estar atrelada também à política de portas abertas em vigor desde junho de 2008, pela qual o governo do presidente

Rafael Correa suspendeu restrições à concessão do visto de turista para permanecer no país por um período de até 90 dias.

A reconstrução do curso de ação de Alain a essa época revela que a saída de seu país não foi realizada com convicção. A reconstrução do caso indica que ele gostaria de ter permanecido no Haiti, próximo a amigos e familiares. O fato de não ter deixado o Haiti logo após o terremoto pode sugerir sua relutância em abandonar o país. Ele, de fato, pensou e executou alternativas possíveis antes de ir para o exterior, mas, ao que tudo indica, constrangimentos relacionados a determinações maiores que sua vontade individual, como a destruição após o terremoto, influenciaram sua ida para Quito.

O relato da chegada em Quito deixa evidente que Alain não estabelecera um plano migratório claro. O período inicial foi extremamente difícil, uma vez que não falava espanhol, não conseguira um trabalho antes de sair do Haiti nem tinha grandes somas de dinheiro. No entanto, uma das grandes dificuldades enfrentadas por Alain foi seu afastamento definitivo de seu núcleo familiar: apesar de ter-se afastado de seus familiares para estudar na capital, Alain continuava vivendo na casa de seus pais. A ida para o Equador foi o primeiro momento no qual Alain de fato viveu longe de seus pais e irmãos.

Os relatos de Alain sobre esse período são bastante marcados por referências ao sofrimento, como seu medo em relação a ficar sem dinheiro e ter que viver na rua, seu temor de não conseguir dominar a língua local e, com isso, não ter um emprego adequado a sua formação (esse temor justifica-se, em grande medida, para alguém reconhecido em seu país de origem por seu trabalho no ramo da comunicação social) e por diversos episódios de racismo. Alain conta ter superado essas dificuldades principalmente com a ajuda de seu primo, que já estava vivendo no Equador há algum tempo e acalmou Alain em relação aos seus temores, e com o auxílio de Deus.

Nesse ponto da reconstrução, é necessário indicar uma hipótese constante que aparece a essa altura de sua vida e que parece estar relacionada a agrupamentos que enfrentam dificuldades para se inserir socialmente em novas figurações. Alain não falava a língua do país e estava bastante temeroso em relação ao seu futuro. Esses fatores surgem como indício, na literatura sobre o desvio (APITZSCH e SIOUTI, 2007), como indicadores fortes da vinculação de imigrantes a atividades ilegais. Esse recurso às atividades ilegais pode ser visto antes como alternativa extrema, mas o fato de se ter apresentado como uma possibilidade recorrente na vida de Alain reforça o fato de que ele não se envolve com esse tipo de atividade, a despeito da presença dos fatores que poderiam situá-lo como desviante. Ao longo de sua trajetória, ele poderia ter-se envolvido com atividades ilegais, mas, por convicção

pessoal ou por influência do contexto religioso no qual foi educado, Alain não se envolve com esse tipo de atividade em nenhum momento.

No que diz respeito à língua, Alain falava fluentemente francês e crioulo haitiano quando chegou no Equador, mas não falava espanhol. As dificuldades para comunicar-se colocavam restrições claras em relação ao seu acesso ao mercado de trabalho da capital equatoriana, de modo que, por muitos meses, trabalhou como servente de pedreiro e em outros serviços que define como pesados, mesmo termo com o qual se refere aos trabalhos executados em sua infância. Em um momento posterior, Alain conseguiu emprego em uma padaria, na qual aprendeu a fazer massa de pizza e de pão. Na padaria, Alain fez diversas sugestões, prontamente aceitas pelo empregador, que gostava bastante dele.

Do seu trabalho na padaria, Alain menciona dificuldades enfrentadas devido à cor de sua pele: alguns clientes equatorianos reclamavam que quem fazia os pães era um homem “de cor” e outros evitavam retirar o dinheiro de suas carteiras na frente de Alain pelo temor de serem assaltados. Os episódios de racismo aos quais Alain e seus irmãos fazem referência durante o período em Quito são diversos e vão desde situações cotidianas, como quando equatorianos evitam sentar-se ao seu lado em transportes coletivos, até situações extremas, como quando Alain e seu irmão sofreram ameaça de morte ao pedir informações a um equatoriano.

As questões raciais ganham especial relevância no caso de Alain quando deixa o Haiti, já que, em seu país de origem, grande parte da população é negra. Isso não significa que não existam distinções sociais em relação à cor da pele, mas estas são diferentes daquelas existentes na sociedade equatoriana. Com isso, a chegada no Equador acentua a dimensão racial na percepção de Alain a respeito de si, a qual ganhou respaldo não só em situações de emprego, mas em suas relações pessoais.

Após um período inicial em Quito, Alain foi convidado para integrar uma banda de “música do mundo”. Na definição de Alain e sua família, música do mundo é todo o tipo de música que não é de louvor a Deus. Com isso, Alain complementava sua renda na capital equatoriana apresentando-se com uma banda que tocava música popular, como cúmbia (gênero de música popular comum por quase todos os países de colonização espanhola da América Latina). Alain evitou contar para seu tio e para seu primo que estava trabalhando na banda porque temia que seus pais ficassem sabendo e reprovassem, uma vez que só aceitavam que Alain participasse de bandas de louvor.

Durante esse período, Alain conheceu seus colegas de trabalho equatorianos na padaria em que trabalhava. Com eles e com seus companheiros da banda, começou a sair e a

fazer “experiências”. As experiências às quais se refere são beber e fumar cigarros. Alain não havia bebido até então e, por influência de seus colegas de trabalho, ficou bêbado pela primeira vez. Nessa época, relacionava-se com uma menina equatoriana, que tratou de forma violenta quando ficou bêbado. Segundo seu relato, não conseguia acreditar que ela de fato o amasse e temia ser abandonado pela menina. Esse episódio ocorreu dentro de um ônibus e Alain relata ter-se sentido profundamente “estrangeiro” enquanto os outros passageiros olhavam para ele de forma “condenatória”.

No período inicial, Alain recebeu apoio principalmente de seus familiares, de seus colegas no trabalho e na banda e de sua namorada equatoriana. À essa época, Queny, irmão de Alain, mudou-se para Quito para viver com o irmão. Os dois alugaram um apartamento, saindo do convívio com o tio e o primo. Queny enfrentou dificuldades semelhantes às de Alain, trabalhando na limpeza de fossas sanitárias e sendo constantemente enganado por seu empregador. Após a mudança de Queny, o cunhado de Alain mudou-se para Quito, além de Niquéci, irmã de Alain que estava grávida, e Quetta e Paul, seus irmãos menores. Todos viviam em um mesmo apartamento alugado. As contas da família eram administradas por Alain, o primeiro a chegar no Equador, e que se responsabilizou pelos irmãos menores durante o período longe de seus pais.

Nessa época, Queny viu um anúncio de uma instituição de ensino que procurava professor de francês e de música. Alain fez uma entrevista e foi aceito para trabalhar na escola, uma instituição privada. Conseguiu ainda que seus irmãos mais novos ganhassem um desconto na mensalidade, de modo que puderam estudar durante todo o período que estiveram em Quito, apesar de não ganharem um certificado devido ao caráter de sua estadia no país. O tempo que passaram nessa instituição é referido com bastante afeto pelos irmãos de Alain, uma vez que receberam o amparo de professores e, principalmente, da diretora, que fez dos irmãos os responsáveis pelas chaves da escola.

Alain, no entanto, teve que enfrentar a oposição dos pais dos alunos, que questionavam o que um “homem de cor” poderia ensinar para seus filhos. Além disso, relata com vergonha o período no qual deu aula de música para as crianças, pois corrigiam seu espanhol, o que o levou quase a desistir do emprego. A diretora prontamente ofereceu-se para dar aulas de espanhol para Alain, a fim de que se sentisse mais confiante e continuasse lecionando.

Apesar de enfrentarem diversas dificuldades e terem pensado em retornar ao Haiti inúmeras vezes, Alain e seus irmãos nunca relataram com detalhes para seus pais as condições em que viviam em Quito. Alain menciona diversas vezes sua vergonha em relação

a um possível retorno ao Haiti, como se o empenho de toda a sua família para que saísse e encontrasse alternativas melhores para todos fosse visto como um fracasso. Deste modo, Alain e seus irmãos sempre transmitiram para seus pais as melhores experiências no exterior, de forma que o pai e a mãe de Alain planejaram uma viagem para visitar os filhos em Quito sem saber muito a respeito das condições de vida de seus filhos.

3.5. TERCEIRO MOVIMENTO: A MUDANÇA PARA O BRASIL

A chegada dos pais no Equador foi um momento de inflexão na estadia em Quito. Os pais de Alain ficaram assustados com as condições nas quais seus filhos estavam vivendo. Alain e seus irmãos estavam mais magros e cansados devido à necessidade de conciliar estudo e trabalhos. Com isso, os pais decidiram que não retornariam ao Haiti sem os filhos. No entanto, Alain e seus irmãos mostraram-se avessos ao retorno e sugeriram que buscassem outra cidade. Os pais concordaram, e Alain e seu cunhado foram encarregados de explorar novas cidades para, depois, o resto da família mudar-se.

A característica indeterminada e incontrolável do curso de ação fica explícita na busca por um novo local para viverem. Alain e seu cunhado deixaram o Equador sem um plano claro e consistente em relação ao local que queriam chegar, de modo a acentuar um caráter casuístico em relação à migração. Uma hipótese recorrente na retomada da decisão de executar uma nova movimentação é a de retornar para o Haiti. Essa decisão se apresenta no horizonte de possibilidades do entrevistado a cada nova movimentação. No entanto, percebe-se que Alain não a considera explicitamente durante um longo período, principalmente nos momentos em que está com sua família.

Alain e seu cunhado percorreram cidades no Equador e no Peru a fim de encontrar um local adequado às expectativas dos pais de Alain. Insatisfeitos com as condições de vida no interior do Equador e do Peru, ele e o cunhado ficaram em Iñapari, cidade peruana na tríplice-fronteira entre Peru, Brasil (Assis Brasil) e Bolívia (Bolpebra), conhecida por sua centralidade como rota para a entrada de imigrantes no Brasil. O tio de Alain havia-se mudado para o Brasil e, à época, vivia em Manaus. Ele sugeriu que Alain fosse até a fronteira e encontrasse uma maneira de entrar no Brasil. Após estabelecer-se em Iñapari, Alain conseguiu emprego em uma pizzeria e logo ganhou a confiança do seu empregador ao sugerir outros projetos para diversificação dos produtos oferecidos no estabelecimento. O empregador de Alain, feliz com o novo funcionário, permitiu que buscasse seus familiares no Equador para levá-los até a fronteira.

Seus pais não gostaram das condições de vida na fronteira, de modo que decidiram tentar entrar no Brasil o mais rápido possível. No entanto, o processo de entrada exigia uma autorização, a qual já havia sido encaminhada por Alain e pelo seu cunhado, já que haviam chegado antes na fronteira. Com isso, assim que receberam a autorização, Alain e o cunhado entraram no Brasil, passando brevemente por Brasileia e indo até Rio Branco. Enquanto isso, seus pais e irmãos permaneceram na fronteira à espera da autorização para entrar no Brasil.

Em Rio Branco, Alain tentou conseguir emprego em diversos lugares, mas foi do encontro casual com uma mulher em uma praça de frente a uma pizzaria que surgiria a melhor oportunidade. Alain aproximou-se de Ana porque ela “parecia humilde” e perguntou se trabalhava na pizzaria, ao que ela respondeu afirmativamente. Alain contou sua história e ela prontamente recomendou que o gerente da pizzaria o contratasse. Com isso, Alain começou a trabalhar em uma pizzaria em Rio Branco, executando um trabalho que aprendera em Quito. Alain não falava português, mas o domínio da língua espanhola o ajudou nos primeiros momentos na cidade, em claro contraste com sua chegada em Quito.

A casualidade do encontro entre Ana e Alain ilustra a importância da reconstrução com base em um método que dê conta dos fatores inesperados que despontam no horizonte de possibilidades para a ação individual. Alain encontrou Ana casualmente em uma praça e só aproximou-se dela porque a impressão que teve em relação a ela era a de alguém humilde. Ele já havia procurado outros empregos em Rio Branco e o relato da forma como conseguiu se aproximar das pessoas sempre envolve uma perspectiva de “pessoas humildes”, no sentido de que as expectativas que parece criar em relação a essa noção que ele tem é de que os resultados de suas investidas seriam mais positivos em relação a essas pessoas do que se buscasse pessoas aparentemente mais qualificadas.

Essas decisões que Alain tomou demonstram a influência que suas percepções a respeito dos outros têm sobre seu curso de ação. Ele poderia ter procurado emprego mais qualificado, de modo a ter uma profissão mais parecida com aquela para a qual havia estudado em seu país de origem. Alain é uma pessoa bem articulada e capaz de se expressar bem mesmo em língua estrangeira, mas, pelos indícios levantados na análise de sua biografia, ele, apesar de ciente de suas habilidades, não procura esse tipo de emprego porque acreditava antes em uma adaptação ao seu novo contexto de vida, o que parece significar justamente ignorar as possibilidades que o colocariam em uma posição relacionada à formação acadêmica que teve no Haiti.

Alain foi muito bem recebido por Ana e por sua família e acabou envolvendo-se afetivamente com ela, que tinha em torno de quarenta anos à época. Ana apresentou Alain

para um historiador que estava escrevendo a história do Acre, com o qual Alain colaborou durante o período em que viveu no norte. A biografia de Ana era fortemente vinculada à história da região, na qual a sua família é influente. Posteriormente, a independência e o reconhecimento social de Ana tornar-se-iam uma questão problemática para Alain.

Ele conheceu Ana acreditando que ela fosse uma funcionária da pizzaria. Com o tempo, descobriu que era, de fato, dona do estabelecimento. Ana tinha dois filhos mais velhos, um com 21 e outro com 15 anos à época, os quais se deram bem com Alain e o ajudaram em diversas situações. Alain tinha vergonha de seu relacionamento com Ana, pois acreditava que achariam que estava com ela por mero interesse financeiro. O conflito de Alain com Ana resultou não só em seu pedido de demissão da pizzaria, mas no fim do relacionamento. Os dois mantiveram uma relação cordial, mas, por decisão de Alain, deixaram de namorar.

Alain viveu em Rio Branco por cerca de três meses até seus pais conseguirem a autorização para entrar no Brasil e se mudarem para a cidade. Quando terminou o relacionamento com Ana, no entanto, ela já havia engravidado dele. Com vergonha de seus pais por ter engravidado a mulher que o empregara, ele procurou alternativas para sair de Rio Branco. Um conhecido haitiano relatou a presença na cidade de enviados de empresas do sul do país interessados em mão-de-obra. A primeira leva de trabalhadores haitianos contratados pela empresa já estava vivendo no sul do Brasil, mas Alain entrou em contato com os representantes da empresa a fim de que contratassem ele e seus familiares. Alain relata que a mudança para o sul foi uma forma de “esconder a família”. Com isso, mudou-se com seus pais para o sul, mas sem convicção de que ficaria ali por muito tempo, uma vez que pretendia retornar a Rio Branco para viver com Ana.

A falta de convicção em relação à mudança para o sul aparece no contraste entre os relatos sobre essa movimentação que os irmãos de Alain apresentam. Na reconstrução de seu curso de ação, a decisão de mudar-se para o sul parece ter sido muito bem determinada à época. O relato dos irmãos, pelo contrário, dá conta de que gostavam de viver no Acre, o que ia de encontro à ideia que Alain procura passar de que se mudaram para o sul porque sua família exigiu. Pode-se sugerir, no entanto, que a mudança esteve mais vinculada à dificuldade de Alain para falar abertamente com seus pais sobre uma questão pessoal, o fato de ter engravidado uma mulher mais velha, com a qual não era casado. Ele pode ter acreditado que seus pais o condenariam por essa atitude. Nesse sentido, a mudança para o sul parece ter sido mais uma solução temporária encontrada por Alain para equacionar um problema pessoal em relação a sua família do que uma decisão bem definida e planejada.

3.6. QUARTO MOVIMENTO: RUMO AO SUL

Alain e sua família chegaram no sul do Brasil e ficaram hospedados em um hotel da região, pago pela empresa que contratara sua família e outros haitianos. Começaram a trabalhar na mesma semana em que chegaram na cidade. O caráter da chegada foi distinto das outras movimentações de Alain, uma vez que, pela primeira vez, não saiu antes de sua família. Outro ponto central da chegada de Alain à cidade é que voltava a viver no interior, convivendo com todos seus familiares após ter vivido longe de seus pais na capital do Equador e no Acre. A possibilidade de ter um emprego com carteira assinada e uma casa para toda a família morar conferiu uma dimensão diferente dos processos de deslocamento anteriores, que aconteceram aos poucos, com a partida inicial de Alain e o enfrentamento de dificuldades para conseguir emprego.

Mais uma vez, Alain deu início à articulação de um grupo musical. A princípio, integraram a banda de louvor os familiares de Alain, como seus irmãos, a mãe e o cunhado. Em um segundo momento, a banda passou a incluir outros membros da comunidade haitiana da cidade. A formação de uma banda foi um fator importante na integração de Alain e de seus familiares a igrejas evangélicas da região, onde tocavam aos domingos. Um pastor evangélico da cidade, que também é vereador, cedeu um horário na sua igreja para que a banda da família de Alain louvasse a Deus em crioulo durante o culto. Isso trouxe diversos haitianos para os cultos da igreja, o que difundiu a prática para igrejas evangélicas da região.

Após um primeiro momento de adaptação no sul do Brasil, ele e sua família saíram do hotel e foram viver em uma casa alugada, o que contribuiu significativamente para sua acomodação na cidade. Estavam contentes com a possibilidade de ter sua própria cozinha e preparar seus próprios alimentos, além, é claro, de viverem todos no mesmo ambiente, em contraste com os quartos separados do hotel. Além disso, seus irmãos mais novos estavam matriculados em colégios públicos da cidade e a banda fazia apresentações pela região.

A acomodação de Alain no sul contribuiu para a deterioração de sua relação com Ana, que compreendeu que ele não voltaria para o norte tão cedo. Apesar da frustração dos planos de retornar ao Acre, Ana manteve um relacionamento bastante cordial com ele e com toda a sua família, que expressa profunda gratidão em relação à ajuda que Ana deu a eles quando viveram no Acre.

Com a relativa acomodação de sua família na região e o término de seu relacionamento com Ana, Alain retomou o contato com a haitiana evangélica que conhecera

no Haiti após o terremoto e que participara brevemente de sua banda. Para ele, o fato de a menina não fazer mais parte da banda o desobrigava da promessa feita para os pais dela. Com isso, começaram a namorar à distância e a fazer planos para se unirem, sem decidir, em um primeiro momento, se o casamento aconteceria no Brasil ou no Haiti. Concordaram que o melhor seria se o pai dela, o futuro sogro de Alain, encontrasse a família do noivo no sul do Brasil, de modo a avaliar a situação e preparar a mudança do resto dos familiares da noiva.

Como os custos para o futuro sogro vir ao Brasil eram altos, Alain e sua família ofereceram um cômodo de sua casa para ele morar. Os pais de Alain passaram a dividir um quarto com Quetta, ao passo que os três meninos, Alain, Queny e Paul dormiam em outro, enquanto o futuro sogro ficou com um quarto só para ele. A irmã mais velha de Alain, seu cunhado e seu sobrinho saíram da casa para morar em um apartamento. A chegada do sogro trouxe consigo diversas questões.

Quando o futuro sogro foi morar com sua família, Alain percebeu que ele não poderia trabalhar devido à um acidente vascular cerebral sofrido ainda no Haiti. Com isso, o futuro sogro passava grande parte do seu tempo em casa, sem contribuir para a renda familiar. O pai de Alain também sofrera um derrame e não trabalhava mais, de modo a agravar ainda mais a situação financeira, uma vez que ainda não haviam conseguido benefícios referentes à condição do pai. Um conflito entre os laudos médicos da empresa com os de médicos privados impedia que o pai de Alain recebesse os auxílios, já vez que os médicos da empresa alegavam que ele não estava impossibilitado de trabalhar.

Os problemas parecem não ter sido associados exclusivamente ao fato de o sogro não poder trabalhar, mas, principalmente, a sua oposição explícita a Alain. À época, a banda de Alain havia crescido, era reconhecida pela comunidade da região e apresentava-se em diversas cidades, o que contribuiu para a formação de um senso de comunidade haitiana atrelado aos eventos da banda. Alain era o responsável pela organização desses eventos, nos quais a comunidade haitiana da região se encontrava para confraternizar. Os haitianos que viviam no sul vieram de diversas regiões do Haiti, de modo que poucos deles já se conheciam em seu país de origem. Com isso, o simples fato de partilharem a nacionalidade haitiana não implicava necessariamente no surgimento de um sentimento de comunidade na região de destino. Esse sentimento parece ter sido gradativamente desenvolvido por iniciativas como as de Alain e de sua banda.

Pelo fato de grande parte dos instrumentos ser da família de Alain e por terem um estúdio em casa, os ensaios da banda aconteciam em sua residência. O movimento de pessoas e o contato de Alain com outras mulheres pode ter funcionado como desencadeador da

oposição que o futuro sogro passou a fazer ao casamento. Ele alegava que Alain não estava honrando seu compromisso com a noiva, ao que Alain respondia de maneira compreensiva, uma vez que acreditava que essa agressividade fosse decorrência do acidente vascular cerebral. Alain e a noiva conversavam bastante a respeito do comportamento do pai, mas não viam nisso um impedimento ao casamento.

As ameaças do futuro sogro continuaram com o passar do tempo. Ele dizia que colocaria fogo na casa da família e que estava fazendo “trabalhos” (rituais vodú) para que Alain desaparecesse. Apesar de Alain adotar uma postura compreensiva em relação às ameaças do futuro sogro, sua família temia que, de fato, ele as colocasse em prática. A família de Alain, em suas palavras, começou a ver o sogro como “o próprio Diabo”, o que ganha especial significado se considerarmos a posição religiosa evangélica dos familiares de Alain às práticas vodú do pai da noiva. Com isso, sua família sugeriu mandar o futuro sogro de Alain embora, agravando a situação de conflito.

Mesmo que Alain e sua noiva se esforçassem individualmente para efetivar sua união, a oposição da família de Alain ao pai da noiva colocava uma situação para a qual Alain só percebia, à época, uma única alternativa: abandonar sua família como forma de evitar a expulsão de seu futuro sogro. Na palavras de Alain, “a família para me ajudar me apresentou uma condição para resolver um problema que eu tinha eu não aceitava [a condição apresentada pela família] não concordava” (p. 2, l. 33, 2015). A reconstrução do seu curso de ação sugere outras alternativas à época do conflito, mas, como coloca em seu relato, só conseguiu compreendê-las após afastar-se da família. Alain poderia ter procurado aliviar seus sentimentos conversando sobre esse tema com seus familiares ou com amigos da empresa, ou seja, poderia ter equacionado essa questão em conjunto com os envolvidos e não se limitar a um âmbito individual. O fato de não ter conversado abertamente sobre isso com outras pessoas pode servir como indicador do caráter forte da individualização de Alain.

À época, Alain fora promovido pela empresa e trabalhava durante a madrugada na padaria do supermercado, o que o colocava em contato com poucas pessoas. Sobre esse período, relata sentir-se bastante sozinho não só em seu emprego, mas em relação aos seus familiares. Para Alain, há certas questões, como a que se apresentava à época, que tinha dificuldade para abordar com seus familiares. O fato de não ter conversado com nenhum familiar ou amigo a respeito de seus planos conferiu um caráter indeterminado ao seu desaparecimento, uma vez que jamais abordou essa possibilidade com ninguém. Com medo de sofrer algum acidente com o maquinário da empresa, como acontecera com outros

funcionários haitianos, ou de provocar um incêndio no setor em que trabalhava (no qual havia diversos fornos), Alain desapareceu sem deixar indícios a respeito de suas intenções.

3.7. QUINTO MOVIMENTO: O DESAPARECIMENTO DE ALAIN

Alain esforçou-se para sair da padaria como se tudo estivesse normal. Não queria que as meninas da limpeza desconfiassem que estava com algum problema. Despediu-se delas sorrindo, como sempre fazia, pegou sua mochila com algumas roupas e foi para a casa de uma amiga haitiana. Conversou com ela durante quase uma hora, explicou o conflito entre sua família e a família da noiva, disse que iria embora e nunca mais voltaria. Falou que ela e sua família jamais ouviriam falar dele novamente. Era quase meia noite quando Alain desligou seu celular, despediu-se da amiga e começou a caminhar, sem saber aonde estava indo.

A. [...] eu no eu tava pensando será que eu tenho coragem de fazer isso de largar tudo ir embora como vai ser todo mundo vai comentar minha família não vai saber onde estou meu pai tá doente não sabe onde ee minha família alguém pode morrer sabe isso eu pensei depois assustado também e tanto que minha família me ama eu disse então eee aí no posso mais viver desta desta maneira vou tomar uma decisão largar tudo vou embora aonde que eu vou no sei eu desliguei o celular eu caminhei caminhei andando eu tava pensando aonde eu vou eu andei até Camari [cidade vizinha a que estava vivendo] de Porto [cidade na qual vivia] à Camari a pé de noite ee é quando a pessoa no tem vontade de viver no tem ou seja como vou dizer no tem medo de nada sabe perdeu a noção de medo de risco sabe andando pensando aí quando tá chegando em Camari pensei então vou ficar um pouco aqui esperando amanhecer o dia e vou embora para outro estado no sei vou viajar até achar um lugar que posso ficar que posso parar [...] (p. 5, l. 13, 2015).

Alain passou a primeira noite dormindo em um banco da praça na cidade vizinha. Na manhã seguinte, com os cartões de crédito de seus pais, que estavam com ele, sacou o dinheiro que conseguiu em um caixa automático e tomou um ônibus até Porto Alegre. Na rodoviária de Porto Alegre, comprou uma passagem para o Rio de Janeiro. Quando chegou na rodoviária do Rio, acessou via internet uma rede social e percebeu a comoção que seu desaparecimento gerara. Como Alain não aparecera para levar seu pai ao médico no dia seguinte ao seu desaparecimento, a família mobilizou-se em sua busca. Foram à delegacia de polícia e procuraram jornais e rádios da região.

A menina com quem Alain falara na noite de seu desaparecimento entrou em contato com seus pais e disse que ele comentara que desapareceria para sempre. Inúmeras pessoas foram até a casa da família de Alain para prestar apoio. Seus pais imaginaram que poderia ter sido sequestrado ou morto. No Rio de Janeiro, Alain percebeu que seus pais não estavam tranquilos por conta da profecia de sua vida, a qual imaginou que os acalmaria, e percebeu o impacto que seu desaparecimento tinha sobre familiares e amigos. Extremamente

envergonhado, não conseguiu retornar para casa. Foi até o centro do Rio de Janeiro em busca de um hotel, que não conseguiu pagar porque seus cartões estavam bloqueados.

Alain estava sem dinheiro. Era época da Copa do Mundo de futebol e os custos de estadia e alimentação estavam extremamente altos no Rio de Janeiro. Como era um final de semana, não conseguiu ir ao banco para se informar a respeito dos cartões. Com isso, esperou até a segunda-feira para ir em uma agência bancária para saber o que havia acontecido. Não imaginava que seus pais haviam bloqueado os cartões. Como não tinha dinheiro para pagar o hotel, foi dormir na rua, onde foi abordado por policiais, que perguntaram de onde era e o que estava fazendo no local. Alain explicou sua situação e os policiais levaram-no até a rodoviária, já que o local no qual estava era bastante perigoso. Na rodoviária, poderia passar a noite em segurança. Também juntaram um pouco de dinheiro para que Alain jantasse.

A situação de Alain agravou-se a ponto de considerar o suicídio enquanto estava no Rio de Janeiro, longe de sua família. Mais uma vez, a reconstrução de seu curso de ação indica explicitamente outras possibilidades além daquela que executa. Uma hipótese plausível seria justamente ele retornar para a família e conversar com o sogro, ou simplesmente terminar seu noivado. Entretanto, a forma como Alain internaliza as responsabilidades assumidas perante a noiva e sua família parece acontecer em um nível profundamente individual, de modo que manifesta não ter percebido nenhuma outra alternativa para sua situação à época. Por vergonha, não cogitava voltar para casa e não sabia como lidar com o plano de se casar com sua noiva. Com isso, decidiu enviar uma mensagem para sua família por uma rede social, dizendo que não voltaria mais nessa vida “real”. Alain conta que, dada sua falta de perspectiva, resolveu comunicar Queny, seu irmão, sobre sua decisão de pôr fim a sua vida.

A. [...] como no sentia mais vontade de viver eu falei eu deixei um recado para meu irmão que eu ia me jogar dentro da água eu me sentia com coragem de fazer isso deixei um recado na internet eu fui frente à água fiquei parado assim pensando os últimos minutos de minha vida sabe da minha vida eu vi minha vida eu vi a morte na minha frente fiquei pensando agora são os últimos minutos de voltei o pensamento e logo no momento que tava pensando chegou uma mulher que com uma família convidando para participar de um show que tinha no museu né ela me deu a entrada grátis para ir participar de vários grupos de outros países para tocar ela queria que eu fui participar olha eu digo então antes de tomar essa atitude vou participar do show vou escutar um pouco de música tomara que eu vou encontrar uma outra saída [...] (p. 7, l. 10, 2015).

Alain aceitou o convite de uma mulher para ir a um festival com bandas de diversos países que estava acontecendo em um museu. Ele relata que as letras das músicas o dissuadiram da ideia do suicídio. A música, um elemento central à narrativa de Alain, adquire sentido ainda mais forte em sua vida após seu desaparecimento, de modo que, quando seus planos individuais de casamento são frustrados, encontra amparo nas canções. Após o fim do

show, Alain retornou para a rodoviária, onde dormiu mais uma noite. Na manhã seguinte, procurou uma igreja para ouvir mais música. No caminho, viu uma mulher cantando na rua e parou para ouvi-la. Percebendo o interesse de Alain, ela convidou-o para cantar. Outra mulher ouviu Alain cantando e ofereceu ajuda, levou-o para almoçar, ouviu sua história e comentou com o dono de um hotel na região sobre a situação de Alain. O dono do hotel propôs que Alain trabalhasse no hotel durante a Copa do Mundo em troca de abrigo e alimentação. Se gostasse do trabalho de Alain, poderia contratá-lo.

Com a melhora relativa de sua situação, Alain entrou em contato com a família para comunicar que estava bem, mas não contou onde estava nem disse se voltaria. Quando o dono do hotel decidiu contratá-lo, explicou que não poderia ser empregado formalmente porque abandonara seu emprego anterior e não tinha sua carteira de trabalho. O empregador sugeriu, então, que ele retornasse para a cidade de sua família, resolvesse sua situação empregatícia e voltasse para trabalhar no Rio de Janeiro. Alain entrou em contato com a família e com a empresa, que enviaram uma quantia de dinheiro para que fosse ao sul.

A caminho do sul, com vergonha de sua família e de seu sogro, Alain decidiu alterar seu trajeto e retornar ao Haiti. A forma como essa decisão é tomada parece estar fortemente relacionada à impulsividade de Alain à época, uma vez que continuava tratando o conflito com o sogro em um nível individual. O retorno para casa poderia indicar uma tentativa de abordar essa situação de outra forma. No entanto, Alain decidiu, de forma não planejada, não retornar para o sul, mas voltar para o Haiti. Ao chegar na fronteira entre Brasil, Peru e Bolívia, no local onde entrara no Brasil, foi-lhe exigido um visto de saída do país. Como não queria que sua família o encontrasse, decidiu não procurar a Polícia Federal para conseguir o visto. Com isso, buscou antigos conhecidos em Iñapari e Assis Brasil e começou a trabalhar no karaokê de um deles. Sem saber como sair do Brasil, ficou na fronteira, onde recebeu uma mensagem da sua noiva haitiana. Ela fora informada sobre seu desaparecimento, mas não tiveram mais contato desde então. Na mensagem, ela contou que seu pai, o futuro sogro de Alain, havia morrido após ter deixado de morar com sua família.

Apesar de Alain ter evitado retornar para a casa de seus pais por achar que seu sogro pudesse estar morando com sua família, a situação desenvolveu-se de maneira bastante distinta. Quando do desaparecimento de Alain, seu sogro começou a manifestar extrema felicidade com o acontecido. A desolação da família não impediu que agradecesse pelo desaparecimento do futuro genro. Mais que isso, comentara com diversas pessoas, inclusive com os pais e irmãos de Alain, que o desaparecimento era resultado dos “trabalhos” que fizera.

A família de Alain entrou em contato com os familiares da noiva para encontrar outro lugar no Brasil onde o pai da noiva pudesse viver. A família da noiva enviou um endereço e um amigo para acompanhá-lo até o interior de Santa Catarina, onde viviam alguns conhecidos. Alain relata que seus familiares foram informados de que seu sogro chegara bem na nova cidade, mas que jamais entrou em contato com a família de Alain novamente, tampouco agradeceu a acomodação e a alimentação que recebeu durante o tempo que viveu com a família. Em Santa Catarina, os conhecidos com quem o ex-futuro sogro de Alain passou a viver trabalhavam na indústria local e não conseguiram dar a devida atenção ao idoso, que acabou falecendo.

Apesar de a morte do sogro equacionar, em alguma medida, o conflito que serviu como motivo para seu desaparecimento, outra mulher atrelada a um conflito familiar em sua biografia reapareceu quando ele estava na fronteira, em Iñapari (Peru). Ana, a mãe de sua filha (que nasceu ainda quando Alain vivia no sul com seus pais), mantinha contato constante com a família de Alain e fora informada sobre seu desaparecimento. Ela, que também estava procurando Alain, recebeu de Queny o código de área do último local do qual Alain entrara em contato com a família. Com isso, ela descobriu onde Alain estava e foi encontrá-lo. Alain estava bastante fragilizado nesse momento, uma vez que estava longe de sua família há cerca de quatro meses, vivia na fronteira em uma situação indeterminada e estava abalado com o término do noivado e a morte do ex-sogro.

Apaziguado com os temores a respeito do seu relacionamento com Ana, Alain negociou com Ana seu retorno para Rio Branco, onde conheceu a filha. Esse foi o primeiro contato que Alain teve com a filha, que sobrevivera um acidente de carro sofrido por Ana quando estava em trabalho de parto. À época, Ana estava grávida de gêmeos, mas o menino faleceu no acidente. Em Rio Branco, Alain sentiu-se profundamente acolhido por Ana e pela filha. Mais que isso, conseguiu contar para sua família onde e com quem estava.

A reconstrução do curso de vida de Alain respalda uma hipótese que já havia se apresentado anteriormente como alternativa para equacionar o conflito que motiva seu desaparecimento, mas que, até então, ele não conseguira executar: Alain finalmente consegue conversar com alguém sobre o que estava sentindo e, em decorrência disso, negocia sua movimentação seguinte com Ana. Em decisão conjunta com a mulher, e dividido entre sua própria família brasileira, no norte, e sua família haitiana, no sul, Alain optou por retornar para a casa dos pais. O retorno foi realizado, nos termos colocados por Alain, como um primeiro passo para trazer, no futuro, Ana e a filha para morar com sua família no sul do Brasil.

3.8. SEXTO MOVIMENTO: VOLTAR PARA CASA

O retorno de Alain foi saudado não só pela comunidade haitiana da cidade onde viviam seus pais, mas também pela empresa na qual trabalhava. A empresa consternou-se com sua situação e pagou cinco meses de seguro desemprego, além de colocá-lo para trabalhar como caixa do supermercado para auxiliar clientes haitianos. O retorno de Alain teve impacto significativo também sobre seus familiares. Ele acompanhou seu pai nas consultas médicas e assegurou os benefícios aos quais tinha direito através do Sistema Único de Saúde (SUS) e das avaliações no Centro de Atenção Psicossocial (Caps). Na ausência de Alain, suas responsabilidades foram repassadas para Queny, que precisava alocar seu tempo entre o último ano do colégio e o trabalho, o que tornava praticamente impossível solucionar diversas questões. Alain voltou a trabalhar, melhorando a renda familiar, deteriorada durante seu desaparecimento pelo fato de a família ter que sobreviver sem seu salário e do seu pai.

A. [...] mesmo que eu fale pra minha família que eu tava voltando eles não acreditavam porque aaa eles acabaram de perder a esperança sabe mas eles tavam esperando tanto eso e demorou tanto eles não acreditavam que este dia ia chegar tão rápido assim depois de tanto esperar então quando eu cheguei mesmo minha família ficou muito feliz olha para ver eles não me cobraram de nada mesmo que eles sofriram muito aaa ee eles me receberam com festa está aqui sabe deu uma festa para mim que nem o filho pródigo sabe que a Bíblia fala né então aa eu fui bem recebido da minha família dos meus amigos também ee [2] algumas pessoas que me perguntam o que=que houve sabe por que=que você tinha feito isso mas todo mundo ficou feliz por eu estar de volta tendeu estar aqui de novo para poder continuar aa ajuda tanto a família tanto a comunidade haitiana [...] (p. 2, l. 8, 2015).

Alain percebeu seu retorno para a cidade como uma forma de recomeço não apenas para si, mas para a comunidade haitiana da região. De fato, inúmeros haitianos dos primeiros grupos que chegaram na cidade mudaram-se em função de questões como o aumento dos aluguéis e dificuldades no trabalho. Alain relacionou a desarticulação do senso de comunidade entre os haitianos ao seu desaparecimento, uma vez que se sentia responsável, com sua banda, por eventos de confraternização, que perderam força em sua ausência.

À época da primeira entrevista, ele dizia claramente que conquistaria o povo de seu país com sua música e com sua comida. Usava o fato de ser reconhecido pela população – e a possibilidade de tornar-se ainda mais conhecido ao fazer música – como uma maneira para chegar ao posto de presidente do país, previsão maior da profecia de sua vida. Em sua última entrevista, Alain passou a enfatizar uma dimensão que não apareceu na primeira – sua credibilidade como músico. Após o desaparecimento, começou a relacionar à música uma maneira de ganhar credibilidade para demonstrar sua capacidade para recomeçar. A respeito do tipo de música que Alain pretende fazer a partir de então, uma surpresa: não vai-se limitar

a músicas de louvor, mas expandirá seu repertório para algo que aprendeu observando brasileiros no karaokê no qual trabalhou enquanto estava desaparecido.

A. [...] aí eu vi que o brasileiro gosta de samba aí eu comecei a pesquisar sobre samba eu vi que é ritmo mesmo de Brasil é que nem nós temos vários outros ritmos mas no geral quando você fala de *compas* que é nosso ritmo aí tu mexe com todos haitianos sabe não mexe só com um grupo de haitiano mexe com todo haitiano mesmo que o haitiano pode dizer eu sou religioso não quero dançar essa música mas está ressonando dentro desse haitiano tá conseguindo sentir sabe tu vai ver tu vai sentir tu vai ver que ele tá dançando então samba eu sinto que eso o brasileiro gosta mesmo porque é a alma deles então [...] tô montando um projeto sobre eso também uma mistura entre samba e nosso ritmo sabe para poder sabe ee unir esos dois povos brasileiro e haitiano tô pensando de fazer coisas mesmo porque a música é a minha paixão então tenho que viver da música sabe (p. 37-38, l. 29, 2015).

Uma das razões indicadas por Alain para ter aceitado a proposta da empresa para trabalhar como caixa no supermercado é a possibilidade de ter a segunda-feira livre para ensaiar com a banda, que estava rearticulando. Ele via nos novos haitianos, que continuavam chegando à cidade, uma oportunidade para estabelecer uma comunidade sólida na região. No entanto, uma nova questão se desvelava para Alain: de um lado, sua vontade pessoal de trabalhar com música e deixar a cidade na qual vive com sua família no sul do Brasil e, de outro, a vontade de estabelecer uma comunidade haitiana “sólida” nessa região. Essa vontade de estabelecer uma comunidade independente de sua pessoa parece estar relacionada aos seus novos projetos que envolvem música. Após ter considerado o suicídio durante seu desaparecimento, sua vida ganhou novos significados quando encontrou sua filha no norte e quando retornou a sua família no sul, além da decisão de trabalhar com música, dada sua percepção em relação ao ato de fazer música.

A. você já a verdade eles [os haitianos] não gosta de |Cidade| de verdade eles gostam de mim tá me entendendo eles gostam de mim quando estou aqui mesmo que a gente está aqui mas nosso corpo está aqui nossos espíritos nossa mente está bem longe tá me entendendo ou seja estamos fazendo coisas que o mundo inteiro estamos viajando no mundo inteiro na internet fazendo coisas sabe ee fazendo música viajando através de música nossa voz tá chegando longe sabe nossas obras nossas coisas tá chegando longe sabe então a gente tava fazendo coisas assim então eles sentiam um ambiente muito bom eles gostavam daqui por causa dessas coisas então quando fui embora parou a música parou a banda parou [...] (p. 25, l. 9, 2015).

Com isso, tem-se que a síntese biográfica de Alain foi reatualizada após seu desaparecimento. A importância que a música adquire em sua biografia após ajudá-lo a reencontrar sentido para sua existência quando estava no Rio de Janeiro não é nova, uma vez que aparece ao longo de toda sua trajetória. Do mesmo modo, a música – a união do samba com o *compas* – é a forma que encontra para ressoar dentro do povo brasileiro e haitiano, colocando em evidência seu grande projeto de tornar-se presidente do Haiti. No entanto, para executar esse projeto há um grande retorno que Alain ainda deverá fazer: sair do Brasil, onde estão suas famílias haitiana e brasileira, e voltar ao Haiti.

Com base nos dados da reconstrução biográfica da vida de Alain Loin apresentados nesse capítulo, o capítulo seguinte estabelecerá um contraste entre distintas abordagens das migrações e do estudo do pertencimento com o caso específico da vida de Alain. Como vimos, as movimentações de Alain abrangem diversos lugares, agrupamentos e pessoas, bem como alterações nas categorias que utiliza para conferir significado a si mesmo e a sua trajetória. A partir disso, o capítulo seguinte conclui a proposta inicial da pesquisa no que diz respeito à análise do pertencimento e do movimento na vida de um migrante.

Figura 1. Mapa 1 – Movimentações. Fonte: Elaborado pelo autor (2015).



O mapa sintetiza graficamente algumas movimentações de Alain. A segunda, da região metropolitana de Porto Príncipe – Quito, passando pelo Panamá. A terceira, desde Quito até a Rio Branco, passando por Iñapari. A quarta, desde Rio Branco até o Sul do Brasil. Os países em tons mais escuros são aqueles pelos quais Alain e sua família passaram.

Figura 2. Mapa 2 – A família de Alain no mundo. Fonte: Elaborado pelo autor (2015).



4. MOVIMENTO E PERTENCIMENTO NA VIDA DE UM MIGRANTE

Esse capítulo estabelece um contraste entre os resultados da análise da reconstrução de caso realizada no capítulo anterior com as principais temáticas do trabalho: o movimento de migração e o pertencimento a distintos espaços sociais (PRIES, 2001) no trajeto por diversas figurações sociais (BOGNER e ROSENTHAL, 2009; ELIAS, 1994; ROSENTHAL e KÖTTIG, 2009). Esse contraste procura avançar na discussão sobre o uso da noção de biografia como alternativa ao uso de definições de identidade (ROSENTHAL, 1997), bem como delinear limitações e possibilidades da compreensão do processo de migração com base na abordagem biográfica a partir da reconstrução da vida de Alain. O uso de alguns conceitos difundidos na abordagem da migração é contrastado com a reconstrução de caso da vida de Alain, a partir da qual são propostas noções alternativas ou complementares ao estudo do movimento e do pertencimento na vida de migrantes.

Nesse sentido, procura-se descobrir em relação a quais espaços Alain construiu seus referenciais e sentimentos de pertencimento, a materialidade ou não desses espaços, bem como o que utiliza para costurar e dar sentido ao atravessamento que executa de figurações sociais diversas. Com isso, apresenta-se, em um primeiro momento, a gênese do movimento na vida de Alain a fim de, em um segundo momento, compreender-se a forma pela qual são construídos os sentimento de pertencimento. Por fim, o foco recai na forma como Alain procura constituir um espaço para si, ou seja, um espaço próprio do qual se sente parte, situado na intersecção entre indivíduo e sociedade (ELIAS, 1994; PRIES, 2001; FAIST, 2000). A constituição desse espaço sintetiza as discussões a respeito do movimento e do pertencimento na vida de um migrante, uma vez que aborda a relação entre as duas temáticas propostas na investigação inicial, bem como sua relação com o desaparecimento de Alain. Além disso, possibilita a sugestão de uma tipologia ao estudo das migrações com base na análise dos dados empíricos levantados na investigação.

4.1. A GÊNESE DO MOVIMENTO NA VIDA DE ALAIN

A análise dos dados provenientes da reconstrução da biografia de Alain Loin coloca diversas questões a respeito da gênese do movimento em sua vida. A principal delas está relacionada ao método utilizado na análise dos dados, que enfatiza a natureza processual do movimento migratório na vida de Alain. O fato de a reconstrução biográfica abranger um período longo da vida de Alain torna impossível fundamentar uma explicação satisfatória para

o caso em questão com base em categorias determinadas, como uma que sugerisse o foco em apenas uma das movimentações desempenhadas ao longo de seus 27 anos de idade.

Tendo em mente que a gênese do movimento de saída do Haiti não pode ser compreendida exclusivamente com base na análise do momento em que Alain de fato sai de seu país de origem, deve-se considerar a totalidade dos movimentos executados por Alain e que estão atrelados a sua figuração familiar e ao seu contexto de nascimento (ROSENTHAL e KÖTTIG, 2009). A análise total dessas movimentações é possibilitada pelo uso do método narrativo biográfico (ROSENTHAL, 2014a), que evita o foco em um único movimento na vida do biografado, permitindo a reconstrução *gestáltica* do movimento na vida do migrante. Essa finalidade encontra respaldo teórico nas proposições de Norbert Elias.

A ordem invisível dessa forma de vida em comum, que não pode ser diretamente percebida, oferece ao indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamento possíveis. Por nascimento, ele está inserido num complexo funcional de estrutura bem definida; deve conformar-se a ele, moldar-se de acordo com ele e, talvez, desenvolver-se mais, com base nele. Até sua liberdade de escolha entre funções preexistentes é bastante limitada. Depende largamente do ponto em que ele nasce e cresce nessa teia humana, das funções e da situação de seus pais e, em consonância com isso, da escolarização que recebe. [...] Em algum lugar [o indivíduo] tem pessoas a quem conhece, amigos de confiança e inimigos, uma família, um círculo de relações a que pertence, ou, caso agora esteja só, tem conhecidos perdidos ou mortos que vivem apenas em sua memória. (ELIAS, 1994, p. 21).

Alain nasce em uma família de fé evangélica, bastante atuante na comunidade em uma região rural do Haiti. Grande parte da população haitiana é praticante do vodu, de modo que Alain nasce inscrito em uma “ilha” evangélica em um universo mágico influenciado majoritariamente por crenças vodus.²⁴ O acidente que ocorre durante sua infância e a profecia sobre sua vida recebida por sua mãe parecem ser determinantes fortes associadas à primeira movimentação biograficamente relevante na vida de Alain: a saída do interior do Haiti em direção à região metropolitana da capital. A história a respeito da profecia sobre sua vida foi-lhe repassada por sua mãe, o que pode servir como indicador da força que um relato transmitido por um familiar tem sobre a constituição do sentido para Alain ao longo de sua trajetória (ROSENTHAL, 2014a).

A leitura que Alain faz da situação na qual ele e sua família viviam no interior do Haiti parece estar atrelada à percepção que seus pais tinham do contexto familiar, apresentado aos filhos como uma vida dura de trabalhos no campo. Nesse sentido, pode-se sugerir forte

²⁴ Apesar da aparente baixa representatividade que o estudo de um haitiano evangélico parece ter perante uma população majoritariamente vodu, dados levantados pelo CIBAI (ZAMBERLAN *et al.*, 2014) indicam que aproximadamente 60% dos imigrantes haitianos entrevistados no sul do Brasil são evangélicos, ao passo que 39,3% são católicos e 1,2% se diz praticante de outra religião. Além disso, a difusão de práticas evangélicas tem ganhado força não somente nos estudos sobre o Haiti, historicamente preocupados com rituais e práticas vodu, mas também com o impacto do pentecostalismo na diáspora haitiana (BRODWIN, 2003).

influência da figuração familiar não apenas no que diz respeito à questão religiosa e de crença, mas à percepção sociocultural transmitida a Alain por seus familiares (ROSENTHAL, 1997).

Em conjunto com a formação de mundo vinculada ao contexto religioso e à percepção sociocultural que seus pais perpetuam, Alain percebe na saída do país uma alternativa ao seu contexto de nascimento desde muito cedo, quando seu irmão foi morar na França. As condições que possibilitam a saída do irmão do núcleo familiar estão atreladas às motivações dos diversos irmãos da mãe de Alain que também deixaram o país na mesma época, o que se poderia chamar de uma “cultura de diáspora” relacionada a figurações sociais específicas a esse período da história do Haiti, quando diversos indivíduos e famílias foram viver no exterior (STEPICK, 1998; LINSTROTH *et al.*, 2009).

Com isso, tem-se que Alain incorpora questões atreladas a suas figurações familiar e social durante a infância (ROSENTHAL e KÖTTIG, 2009). A primeira questão diz respeito à crença religiosa e aos hábitos e práticas de matriz evangélica que atravessam Alain e determinam sua visão de mundo (*Weltanschauung*) e construção de sentido (SCHÜTZ, 1964). Disto decorre a importância da profecia a respeito de sua vida, que reforça o contato mágico com a divindade e conduz seu olhar sobre sua realidade desde muito cedo. A leitura biograficamente traumática que Alain associa à profecia – o acidente e a possibilidade de morrer – parece potencializar e constranger alternativas à vida no interior, as quais vai, gradativamente, aproximando de si e assimilando (HALL, 2006), a ponto de compreendê-las como questões pessoais relacionadas exclusivamente a uma decisão individual que toma: sair do interior para estudar na região metropolitana da capital.

O primeiro movimento executado por Alain – a ida diária até a região metropolitana da capital – é central à compreensão adequada de sua saída do Haiti. Esse movimento reforça conteúdos da profecia a respeito de sua vida, de modo que o situa de fato como um explorador em relação àqueles pertencentes às figurações atreladas ao seu contexto de nascimento. A importância do reforço dessa percepção é o papel determinante que a profecia sobre sua vida terá na leitura que Alain faz de sua saída do Haiti.

No momento em que ele decide deixar o Haiti, já havia-se configurado socialmente como um explorador, como aquele que abriria caminhos pelos quais sua família seguiria. Apesar de essa compreensão estar atrelada a uma dimensão intangível de sua vida, sua relação com Deus, as possibilidades de perceber a saída de seu país como uma alternativa já estavam presentes nessa “revelação”. Aliado a isso, a saída de parentes do país (e a presença de familiares em Quito) e o ensejo de seus pais para que procurasse alternativas desde cedo

atuam em conjunto com as condições de vida no Haiti após o terremoto como determinantes da segunda movimentação em sua trajetória.

O terceiro movimento na vida de Alain – sua saída de Quito em direção à tríplice-fronteira entre Peru, Brasil e Bolívia – remete a elementos presentes nas movimentações anteriores, mas vincula-se, principalmente, à vontade de sua figuração familiar. Os pais de Alain, insatisfeitos com a vida que seus filhos levavam na capital do Equador, sugerem e, posteriormente, exigem a mudança. Novamente, Alain responsabiliza-se pela movimentação, apesar de ter vivido por mais de um ano no Equador e não ter saído do país, o que pode ser visto como um indicador da centralidade da presença de seus pais na ocorrência dessa mudança. Mais que isso, o fato de responsabilizar-se, em um nível individual, pelos caminhos a serem abertos por ele pelos quais sua família o seguirão, reforça conteúdos previstos na profecia de sua vida. Em conjunto com os projetos que seus pais tinham para seus filhos, deve-se considerar ainda as figurações sociais equatorianas, de onde emergem a imposição a Alain e seus familiares de práticas cotidianas que enfatizam a cor de sua pele.

O reflexo das questões raciais sobre a trajetória de Alain deu-se em diversos planos. Em um primeiro momento, sofreu preconceito ao tentar conseguir emprego. Após iniciar seu trabalho como padeiro, foi discriminado por clientes equatorianos. Ao tentar, e conseguir, emprego mais qualificado, sofreu preconceito por parte dos pais de seus alunos. Não obstante, esteve exposto durante todo o período em que viveu em Quito a situações nas quais se sentiu discriminado, como nos episódios em que sofreu ameaças ao pedir informações, ao utilizar o transporte público e quando pedestres atravessaram a rua como forma de evitá-lo. Essas percepções servem como reforço à criação de um sentimento de não pertencimento: Alain percebe-se como um estrangeiro em terras exteriores (SCHÜTZ, 1964a).

Os sentimentos de não pertencimento e o distanciamento social advindo deles, permitem que Alain adote uma postura compreensiva em relação ao preconceito racial que sofreu no Equador, justificando que, de fato, os negros equatorianos estão associados à criminalidade. Mais que isso, coloca que, quando os equatorianos são informados de que são haitianos, a forma como são tratados é outra, indicando uma variação na própria compreensão racial presente na sociedade equatoriana. Apesar da postura que procura justificar a discriminação sofrida em Quito, esta parece ter sido um fator que influenciou Alain ao aceitar a sugestão de seus pais para deixar a cidade.

Em consonância com as influências sobre a decisão de Alain de sair de Quito, pode-se colocar o percurso percorrido por seu tio paterno, fundamental não apenas ao movimento de saída de Alain em direção ao Equador, mas também à decisão de Alain ir até a fronteira com

o Brasil. Em Iñapari (Peru), Alain situa-se em uma região de fronteira, fortemente caracterizada pelo fluxo de bens e pessoas. É importante atentar para a existência fática dos estados nacionais nesse ponto, uma vez que Alain não entra no Brasil porque precisa de uma autorização legal da Polícia Federal brasileira. Com isso, vive em uma zona juridicamente indeterminada, em cidades aquém dos controles aduaneiros, ou seja, no espaço de sobreposições (GLICK SCHILLER *et al.*, 1995; PRIES, 2001) das cidades de Iñapari (Peru), Bolpebra (Bolívia) e Assis Brasil (Brasil).

As relações cotidianas desenvolvidas sobre esse território não são, no entanto, indeterminadas (SANTOS, 2011). Pelo contrário, os referenciais que Alain estabelece em relação à região são bastante claros para si em sua narrativa. Do mesmo modo, as relações sociais estabelecidas com habitantes da região são retomadas e servem como ponto de retorno para Alain em outro momento de sua biografia. Com isso, percebe-se que, a despeito das indefinições jurídicas, há a formação clara de um espaço social transnacional (PRIES, 2001) atrelado à região, em relação ao qual Alain executa suas movimentações.

Na fronteira, Alain entra em contato com nacionais de distintos países, bem como com agentes especializados na travessia da fronteira. É a primeira vez em seu processo de movimentação que ele está exposto à influência de indivíduos que fazem do tráfico de pessoas e do atravessamento da fronteira uma profissão juridicamente informal, mas com respaldo prático. A zona de fronteira é caracterizada ainda pelas redes de agentes multinacionais que detêm informação a respeito de questões jurídicas e práticas da travessia desses territórios. Nesse sentido, a decisão de Alain de entrar no Brasil é feita com base em uma série de informações específicas que adquire ao vivenciar o cotidiano na zona de fronteira. Com o conhecimento adquirido na região e pelo acionamento dos agentes adequados, Alain executa a movimentação que passa por Brasileia (Acre) e termina em Rio Branco. Essa movimentação também reforça o pioneirismo prescrito por sua profecia de vida, enfatizando a leitura mágica a respeito das movimentações em sua trajetória.

A quarta movimentação da vida de Alain, a saída do norte em direção ao sul do Brasil está atrelada a diversos fatores. Dentre eles, pode-se mencionar a insatisfação de seus pais com a cidade de Rio Branco. Mais uma vez, a chegada dos pais para conviver com Alain e os irmãos atua como desencadeador de uma movimentação em sua vida. Seu relacionamento com Ana e seu emprego na pizzeria pareciam ser bastante satisfatórios para Alain, dadas as condições nas quais vivera no Equador e no Peru. Entretanto, a chegada dos familiares coloca um novo conflito, uma vez que Alain acreditava que seus pais não aceitariam a gravidez de Ana.

Nesse sentido, o caráter da movimentação entre o norte e o sul do Brasil não pode ser compreendido nos mesmos termos dos deslocamentos anteriores. Tal se deve principalmente ao fato de que Alain estava lidando com uma questão essencialmente pessoal – a gravidez de sua parceira – que entrava em conflito com as expectativas que ele tinha de seus pais. O temor da autoridade paterna, a dificuldade para expressar com familiares suas angústias e a presença de enviados das empresas do sul do Brasil buscando mão de obra configuram o impulso que serve ao deslocamento, em conjunto, de Alain e sua família para o sul.

A chegada no sul acontece com um conflito latente, o fato de não ter revelado aos seus pais a gravidez de Ana. Alain explicita que, quando saiu de Rio Branco, sua intenção era de acompanhar a família até o sul, ajudar em seu estabelecimento e retornar ao norte para viver com Ana. Entretanto, a relação de Alain com Ana acaba deteriorando-se e ele conversa com seus pais a respeito da gravidez da ex-parceira. Quando esse conflito é equacionado, Alain sente-se confortável para retomar planos para casar-se com uma haitiana, ação relacionada ao seu quinto movimento, seu desaparecimento.

Alain assumiu compromissos em relação a união com sua noiva haitiana perante seus familiares e perante a família da noiva. O convívio cotidiano de seu futuro sogro com sua família desencadeia uma série de oposições entre ambos. As oposições refletem-se na polarização entre os familiares de Alain e o sogro, em um tensionamento que situa Alain entre o compromisso assumido com a noiva e o desejo de sua família de excluir o pai da noiva do convívio familiar.

Os constrangimentos colocados à ação de Alain por parte de seus familiares, que exigem seu posicionamento em relação à saída do futuro sogro, e por parte do pai da noiva, que se opõe abertamente ao casamento, culminam no abandono da situação por parte de Alain. Ele move-se para fora do conflito, uma vez que era a única forma satisfatória pela qual conseguiu, àquele momento, equacionar a questão. A existência de alternativas à solução do que via como um problema à época fica clara na análise de seu curso de ação (ROSENTHAL, 2014a), mas Alain não as percebeu naquele momento.

Com isso, o quinto movimento na vida de Alain, seu desaparecimento, está associado a sua dificuldade para solucionar um conflito pessoal relacionado ao seu núcleo familiar e ao de sua noiva. Essa característica processual do conflito fica clara no fato de que, no quinto movimento, Alain não sai de um ponto definido para chegar em outro, mas envolve uma dimensão de odisséia, pela qual a jornada torna-se mais central do que os lugares ao equacionamento da perda de sentido que acomete o ator que se desloca. A quinta movimentação de Alain não tem sentido claro em sua gênese, mas adquire sentido ao longo

da trajetória. Essa característica explicitamente distinta dessa movimentação de Alain em relação às anteriores serve como indício da necessidade de uma análise total das movimentações na vida de um migrante como forma de compreender a gênese da ação individual (ROSENTHAL e KÖTTIG, 2009).

É importante explicitar algumas limitações que abordagens econômicas enfrentariam na explicação de duas movimentações da vida de Alain. A primeira diz respeito a sua saída de Rio Branco, onde tinha emprego. Sua opção por deixar a cidade esteve muito mais vinculada a questões relacionadas a sua relação com sua família do que a questões econômicas, apesar de conseguir, no sul, um emprego melhor. Do mesmo modo, a segunda diz respeito a sua saída do sul, onde estava relativamente acomodado e a família estava em sua melhor situação econômica desde que deixara o Haiti. Seu desaparecimento acontece, deste modo, em um momento no qual Alain estava satisfeito com sua situação econômica e com a de sua família. Entretanto, mais uma vez, sua saída relaciona-se mais aos compromissos assumidos perante sua família e a família de sua noiva do que a determinantes econômicos.

Após uma série de chegadas e partidas, Alain vê aquilo que compreendia por problema ser desfeito por constrangimentos maiores, como a morte do sogro. O equacionamento da questão, aliado à influência de Ana, mãe de sua filha, atuam como motivadores para o sexto movimento, o retorno para sua família no sul do Brasil. Alain retorna para a casa de seus pais bastante diferente. O deslocamento pelo Brasil, o período que passa na fronteira e o convívio com Ana e sua filha impactam seus projetos futuros, reorganizando prioridades e acentuando preferências (SCHÜTZ, 1964b).

Seu retorno para casa acontece, deste modo, em caráter processual, dado seu desejo de completar a profecia de sua vida e de trabalhar com música. Em um contínuo de movimentações, que não se encerram em seu retorno, Alain planeja mudar-se para o Rio de Janeiro para viver como músico e, posteriormente, executar outro retorno a fim de efetivar a grande previsão da *sua* profecia de vida: retornar ao Haiti para poder ser presidente do *seu* país.

Na primeira seção do capítulo, foram apresentadas a gênese das movimentações ocorridas na trajetória de Alain até a última entrevista, que deixa clara a noção de que o processo de movimentações continuará ocorrendo em sua vida. Ele desloca-se entre lugares, pessoas e agrupamentos que referencia como *seus*. São referenciais, tangíveis ou não, que conduzem a construção do significado em sua trajetória, como o retorno para o seu país e sua profecia de vida, que remetem aos sentimentos de pertencimento que Alain constitui em relação a ser haitiano e ser evangélico. Tornar-se haitiano e tornar-se evangélico (*devenir*) são

processos constituídos ao longo das movimentações compreendidas pelo trabalho, que serão estudados na próxima seção.

4.2. A CONSTRUÇÃO DO PERTENCIMENTO NA VIDA DE ALAIN

A explicação adequada da gênese do movimento na vida de um migrante deve incluir a compreensão sobre a construção do pertencimento, uma vez que ambos estão relacionados à gênese dos deslocamentos na vida de Alain. As questões de pertencimento dizem respeito a referenciais em relação aos quais o indivíduo projeta e executa sua ação. São aproximações e distanciamentos que realiza entre um si mesmo e os outros, um equilíbrio fino entre nós e eu (ELIAS, 1994). Destas ponderações, resultam os sentimentos de afiliação, que, em sua manifestação gramatical, aparecem como categorias e nomes em uma narrativa (ELIAS, 1994; BOGNER e ROSENTHAL, 2009).

Disto decorre a centralidade da linguagem no estudo dos sentimentos de pertencimento (BOGNER e ROSENTHAL, 2009). Os nomes utilizados pelo narrador identificam sentidos e são identificados, em uma inter-relação entre indivíduo e sociedade (ELIAS, 1994; BOGNER e ROSENTHAL, 2009). A relação entre a rede de significados da linguagem e o entendimento de si estão associados aos sentimentos de Alain em relação ao Haiti, que emerge em sua narrativa como nação atrelada a sua família e à língua que falam em seu cotidiano, o crioulo haitiano. A construção do Haiti está, nesse caso, relacionada não apenas à língua que usam para se comunicar em família, mas à musicalidade do país, à língua na qual as músicas são cantadas, e a forma pela qual Deus é louvado em sua região de nascimento.

Na biografia de Alain, o Haiti remete a sua família, atrelada a um microcosmo evangélico em um universo majoritariamente vodu. Daí que todas as coisas relacionadas à família, à religião, ao Haiti (como sua política) e à música apareçam, na narrativa de Alain, como partes integradas de si. Suas movimentações acontecem em relação a esse conjunto atrelado ao seu núcleo familiar, presente na figuração social na qual nasceu e cresceu no interior do Haiti. Na narrativa de Alain, a métrica para todas as coisas próximas relaciona-se a sua gênese de menino do interior, “coloniero” (colono), em suas palavras.

É natural que seu primeiro movimento de afastamento aconteça, deste modo, em relação a esse agrupamento (sua família) e a essa figuração social (o interior rural do Haiti). O processo de ir estudar na região metropolitana da capital do Haiti afasta Alain geograficamente daqueles aos quais pertence por questão de seu contexto de nascimento, mas

o define enquanto indivíduo ao acentuar preferências particulares (VELHO, 2012). Nesse sentido, a autenticidade da vida de Alain em relação aos seus familiares já estava indicada em um elemento transmitido pela tradição desse mesmo agrupamento, a crença na profecia sobre sua vida. Esta já o situava como alguém diferenciado em relação às suas origens, uma pessoa que desenvolveria um caráter de explorador ante seu agrupamento, sinalizando seu processo de individualização (VELHO, 2012).

É necessário enfatizar a dimensão tradicional relacionada a essa diferenciação, uma vez que a profecia está fundada em crenças atreladas à sua família e às figurações sociais herdadas de gerações anteriores (ROSENTHAL, 1997). Entretanto, não há propriamente um conflito entre essa perspectiva tradicional e a questão da autodeterminação individual na biografia de Alain, uma vez que, em nenhum momento, essa oposição é executada. Ou seja, o caráter de individualização que é reforçado na saída efetiva de Alain do interior, seu convívio com outros agrupamentos em centros urbanos maiores e em sua trajetória acadêmica já estava indicado em uma profecia de caráter essencialmente religioso. Daí que uma explicação que oponha razão e sentimento, como a dualidade ciência-religião ou tradição-modernidade, é insuficiente à compreensão do caso em questão.

Na biografia de Alain, universos identificados como opostos em sociedades modernas aparecem em uma unicidade consolidada pelas suas vivências em sua trajetória, de modo que não se deve limitar sua análise a abordagens fundamentadas em termos identitários. Alain é o menino do interior que deixa seu núcleo de socialização para empreender projetos individuais na região metropolitana. Em nenhum momento, no entanto, ele exclui de sua auto-compreensão o caráter tradicional atrelado à sua socialização. Para ele, sua individualização em relação ao seu núcleo não entra em conflito com os mitos sobre sua origem – seu nascimento e a profecia de sua vida. Pelo contrário, esse afastamento reforça e acentua sua crença em uma dimensão que alguns insistiriam tradicional, já que religiosa.

Nesse sentido, antes que uma relação de conflito entre a herança religiosa de sua família e sua formação acadêmica, há um *apaziguamento biográfico*, pelo qual se procura exprimir uma ideia sintetizada na trajetória biográfica de Alain e que compreende elementos ditos tradicionais e modernos de forma amalgamada. Esse apaziguamento não pode ser compreendido com base em apenas um ponto de sua trajetória de vida, uma vez que ocorre ao longo de sua trajetória, conferindo coerência às noções que, se analisadas separadamente, apresentam-se contraditórias ou paradoxais. Assim, antes que uma alteração identitária, como sugerida em um abandono por parte de Alain de sua compreensão de si como um menino do interior quando chega na região metropolitana, há um reforço de um elemento vinculado à

religião e à profecia transmitidas por seus pais, a qual é utilizada por Alain para planejar sua ação e ordenar seu mundo. Alain não descarta em momento algum sua compreensão de mundo formada durante sua infância no interior. Pelo contrário, quando muda-se para a cidade e, posteriormente, para outros diversos lugares atrelados a suas movimentações, Alain mantém um sentimento de coerência em relação a quem foi – o menino interiorano – a despeito de se sujeitar também às determinações das figurações sociais dos centros urbanos pelos quais transita.

Essas compreensões são essenciais ao estudo do pertencimento na vida de Alain porque fundamentam referenciais, âncoras de sentido, em relação aos quais suas ações são executadas (TRAJANO FILHO, 2010). Ou seja, são os elementos construídos e sedimentados em seu conhecimento biográfico (APITZSCH e SIOUTI, 2007). Desta forma, o primeiro movimento na vida de Alain acontece em relação ao seu núcleo familiar e consolida em si a percepção de que é um explorador, um abridor de caminhos para esse agrupamento. Posteriormente, sua saída do Haiti, ou seja, a consolidação de Alain como imigrante, está diretamente atrelada a essa noção que tem de si e que utiliza para conferir significado ao seu distanciamento da família.

O contato de Alain com figurações sociais distintas daquelas nas quais foi socializado no interior do Haiti e na capital do país dá início a uma trajetória de sofrimentos, como ele mesmo coloca, a partir da chegada em Quito. A explicitação da questão racial é reforçada por essa movimentação, uma vez que a lógica subjacente às relações raciais na sociedade haitiana são outras que aquelas da sociedade equatoriana. Mais que isso, impõe-se o elemento de ser e sentir-se estrangeiro (SCHÜTZ, 1964a), não dominando a língua local. Nesse deslocamento, Alain é obrigado a lidar com o aprofundamento do contraste a respeito de compreensões que tem de si: noções raciais, étnico-nacionais, religiosas e de gênero são postas em destaque pela nova figuração na qual Alain passa a executar sua ação (BOGNER e ROSENTHAL, 2009).

Alain não fala a língua espanhola, de modo que tem suas possibilidades de acesso ao mercado de trabalho na sociedade equatoriana estrangidas. Quando consegue emprego em uma padaria, desenvolve hábitos contrários àqueles transmitidos pela religião dos pais, passando a beber álcool e fumar cigarros como forma de integrar-se aos colegas equatorianos. A participação em agrupamentos variados na capital equatoriana coloca Alain em contato com um grupo musical, o qual toca músicas distintas (música do mundo) daquelas que tocava em seu núcleo familiar (música de louvor). A participação desse grupo musical aprofunda o temor que sente em relação ao seu núcleo familiar: Alain teme que seus pais descubram a respeito de sua participação em uma banda que não é de louvor e o condenem por isso.

Quando são informados a respeito da banda na qual Alain tocava, seus pais não fazem oposição a Alain, revelando que, de fato, esse temor estava relacionado a suas expectativas em relação ao seu núcleo familiar. O temor em relação aos pais pode ser compreendido, nesse sentido, como um indicador da centralidade desse agrupamento como ponto referencial nesse momento de sua vida. Alain sente-se fortemente parte do núcleo no qual nasceu, mesmo que vivendo fora de seu país e distante de seus pais. A chegada de seus irmãos e o convívio diário com eles aprofunda um sentimento de responsabilidade que Alain desenvolve por esse agrupamento, o que possibilita a emergência de sentimentos de vergonha em relação a eles.

Nesse sentido, o temor criado em relação aos seus pais e os sentimentos de vergonha perante a família deixam clara a importância que esse agrupamento tem na trajetória de Alain. Com isso, a gênese do movimento em sua vida deve ser compreendida com base na influência que esse agrupamento exerce sobre suas movimentações. A chegada de seus pais à capital equatoriana desencadeia outra movimentação, afastando Alain de agrupamentos em relação aos quais desenvolvera sentimentos fortes, como seus colegas de trabalho no colégio em que foi professor. Esses afastamentos, a saída do Haiti e a saída do Equador, aprofundam em Alain um sentimento nostálgico em relação àqueles que “ficam pelo caminho”, sintetizando uma percepção de si como alguém em movimento entre diversos agrupamentos em sociedades variadas (GLICK SCHILLER *et al.*, 1995).

A difusão tecnológica e o acesso facilitado a meios de comunicação têm um impacto substancial sobre a manutenção de vínculos, mesmo que por mídias digitais, com indivíduos com os quais não convive fisicamente (HALL, 2006). O uso de redes sociais tem um papel importante na construção do sentimento de pertencimento de Alain, já que é através delas que torna públicos comentários, imagens e vídeos sobre sua vida longe dos espaços que percorreu. Esse uso, frequente em seu cotidiano, coloca-o em contato não só com familiares, como o irmão que vive na França, mas com conhecidos de outras localidades percorridas. Alain expõe conteúdos de sua vida que escolhe compartilhar, forjando um vínculo com pessoas e lugares geograficamente distantes e suscitando nos outros ideias a respeito de sua vida no exterior. Nesse sentido, a facilitação do contato com essas pessoas fortalece resgates possíveis, que vão desde a manutenção de relações à distância até o planejamento de encontros e projetos conjuntos.

Com isso, sua trajetória contém referenciais múltiplos (GLICK SCHILLER *et al.*, 1995) relacionados a uma diversidade de agrupamentos que vivenciou durante sua vida no Haiti e no Equador, indicando uma faceta distinta de sua profecia de vida: o explorador é aquele que abrirá novos caminhos para seu agrupamento, mas não sem sofrimento – os

afastamentos de Alain de agrupamentos em relação aos quais desenvolve sentimentos de pertença tornam-se uma constante em sua trajetória. Daí que apresente, em grande medida, sua vida como marcada pelo sofrimento. A trajetória de um imigrante como Alain, sujeito à recorrência dos deslocamentos, coloca-o em constantes situações de reinício, o que reforçam sua percepção de que sua vida foi difícil, dada a necessidade de incluir constantemente resultados inesperados do processo migratório (ONG, 1999).

Sua chegada na fronteira entre Peru, Brasil e Bolívia, após percorrer o interior do Peru em busca de um novo local para viver com seus familiares, inicia uma série de participações de Alain em novos agrupamentos. A importância dessas redes de confiança desenvolvidas na época que viveu na fronteira são recorrentes em sua trajetória, visto que retorna, quando do seu desaparecimento, para essa mesma comunidade. Esses referenciais são estabelecidos na vida de Alain ao longo do caminho e em relação a figuras sociais diversas (BOGNER e ROSENTHAL, 2009). No Peru, Alain mantém contato com bolivianos, brasileiros, peruanos e uma diversidade de nacionais de outros países, grande parte dos quais estava nesse lugar devido à decisão comum de migrar.

Nesse ponto de sua trajetória, Alain consolida uma percepção acerca de si como explorador. Ele de fato afastou-se, com recorrência, de diversos agrupamentos em relação aos quais desenvolvera sentimentos de pertença. A recorrência dessas movimentações novamente reforça a compreensão de sua vida com base na profecia. Mais que isso, consolida em Alain e em seus familiares a convicção de que as outras previsões para seu futuro serão realizadas. Com isso, a movimentação seguinte – a ida para Rio Branco – reafirma essa convicção.

Em Rio Branco, a gravidez de Ana coloca questões importantes, como o reaparecimento do temor que Alain sente em relação aos seus pais. Ele não consegue abordar abertamente a gravidez de Ana com seus pais, chegando a buscar alternativas para afastar esse agrupamento do convívio com a mulher. Essa dificuldade para abordar assuntos pessoais pode ser vista como indicador do sentimento de pertencimento na vida de Alain, uma vez que está relacionada a pudores derivados da sua socialização em uma família religiosa. O pudor de Alain para conversar sobre determinados assuntos com seus familiares é recorrente em sua trajetória e parece estar fortemente relacionado a algumas decisões suas, como a saída do norte para o sul do Brasil e seu posterior desaparecimento.

No sul do Brasil, após a relativa acomodação de sua família e o término do relacionamento com Ana, Alain retoma contato com sua pretendente haitiana através de uma rede social digital. É interessante perceber que Alain recorre a uma noiva haitiana, indicando seu desejo de constituir uma família com alguém de seu país de origem, mesmo tendo-se

relacionado com uma brasileira e a despeito de viver no Brasil. O convívio do futuro sogro de Alain com sua família novamente constitui uma situação na qual ele não consegue expressar seus sentimentos aos seus pais e irmãos. Insatisfeito com a alternativa sugerida por seu núcleo familiar – a expulsão do futuro sogro –, Alain desloca-se para fora desse grupo, configurando-se seu desaparecimento.

O desaparecimento de Alain sintetiza diversas questões levantadas nessa investigação. A primeira delas diz respeito ao fato de o desaparecimento só poder ser executado em relação aos outros, ao agrupamento ao qual Alain atrela sentimentos de vergonha devido compromissos assumidos perante sua família e a família da futura noiva. Com isso, sugere-se o aprofundamento da compreensão dos estudos da relação entre os sentimentos de vergonha com a afiliação a grupos. Pode-se sugerir a possibilidade do surgimento de vergonha como resultado da construção realizada entre indivíduo e agrupamento, na constituição mútua entre indivíduo e sociedade (ELIAS, 1994) e não limitada à psicologia individual. Nesse sentido, a saída de Alain serve como alternativa individual encontrada para solucionar uma questão colocada pelo agrupamento como um todo, reforçando a noção de individualização do sujeito (VELHO, 2012). A segunda delas está relacionada ao fato de que seu afastamento desse núcleo constitui uma situação de forte perda de sentido por parte de Alain, que contempla o suicídio durante seu desaparecimento.

Após encontrar amparo na música e em Deus, dimensões relacionadas a socialização em seu núcleo familiar, Alain decide não retornar para o sul por conta da vergonha que sente em relação ao seu futuro sogro e aos seus familiares. É interessante a manifestação desse sentimento, indicando justamente a influência desses agrupamentos na conduta de sua ação. Com isso, Alain decide retornar ao Haiti, explicando, em seus termos, que, como não podia voltar para *sua* família, voltaria para *seu* país. É nesse sentido que o Haiti constitui um referencial atrelado aos sentimentos que Alain tem também em relação ao seu núcleo familiar. Em sua narrativa, o Haiti representa também sua família em diversos momentos.

Uma imposição jurídica impede, no entanto, que Alain retorne ao seu país, contribuindo para que fique na fronteira. Esse impedimento jurídico a sua decisão de retornar ao seu país pode ser visto como indicador da centralidade do estado-nação em sua definição moderna na condução da ação individual, dado que serve como constrangimento à vontade de Alain. Nesse sentido, pode-se afirmar que, a despeito da sobreposição espacial e da multirreferencialidade da região de fronteira (GLICK SCHILLER *et al.*, 1995; PRIES, 2001), mantêm-se determinações jurídico-legais atreladas a uma noção tradicional do estado, já indicadas em outros estudos (BRANDHORST, 2014).

Na fronteira, Alain retoma o contato com agrupamentos com os quais conviveu quando de sua entrada no Brasil. Seus amigos oferecem emprego e Alain passa a trabalhar com música, reforçando a percepção a respeito de si enquanto músico. Concomitantemente, Ana entra em contato com Alain, articulando seu retorno a Rio Branco para conhecer sua filha.

Em Rio Branco, acolhido por Ana e pela filha, Alain vê-se dividido entre dois núcleos, sua família no sul e sua família no norte. Sua percepção a respeito de Ana e da filha, que não conhecera até então, são substancialmente alteradas, sendo que Alain passa a se referir a elas também como *sua* família. Alain passa a compreender-se como pai, sentimento até então relacionado às responsabilidades perante seus irmãos durante os períodos vividos no exterior. Essa nova compreensão de Alain acerca de si e de sua situação confere novo sentido a suas vivências, exercendo forte influência sobre sua decisão de voltar ao sul para reencontrar sua família e, posteriormente, trazer sua família do norte para viver junto no sul do Brasil.

O retorno ao sul é percebido por Alain como um retorno para sua casa, reforçando a centralidade de sua família em sua trajetória. Além disso, explicita seu desejo para reunir Ana e a filha com seus familiares no sul. Após seu desaparecimento, Alain confere novo significado a sua trajetória e a si mesmo. Passa a apresentar-se como músico, a despeito de ser caixa em um supermercado. Também manifesta sua disposição para retornar ao Haiti com todos os seus familiares, como forma de executar a previsão de sua profecia que o coloca como político haitiano.

No sul, Alain planeja seu retorno ao Haiti tendo em mente a articulação de um sentimento de comunidade entre os imigrantes haitianos na região. Manifesta sua preocupação em não centralizar decisões em si, uma vez que pretende que esse sentimento permaneça mesmo em sua ausência. Essa compreensão advém, em grande medida, da percepção desenvolvida após seu desaparecimento. O impacto de sua saída da comunidade recaiu não apenas sobre seu núcleo familiar, mas sobre todos aqueles que se beneficiavam das articulações promovidas por ele, como o diálogo com a empresa e a organização de eventos de confraternização em torno de sua banda. O sentimento de responsabilidade que Alain assume ante a comunidade haitiana na região é semelhante àquele que assume perante aquilo que define como “povo haitiano” em sua narrativa, sugerindo seu pertencimento étnico-nacional ao seu país de origem. Nesse sentido, compreende-se a articulação entre todas essas dimensões de seu pertencimento que a profecia de sua vida encerra ao prever seu retorno ao seu Haiti.

Pode-se sugerir, deste modo, um condicionamento forte da noção de pertencimento ao Haiti em Alain, que faz com que ele tenha planos futuros atrelados à presidência de *seu* país, compreendido, em seus termos, como uma comunidade dispersa pelo mundo (a noção a respeito do Haiti que Alain sugere é uma de uma comunidade pouco atrelada a noções territoriais da ilha). Nesse sentido, Alain planeja sua ação de retorno em relação a um Haiti distante, presente fortemente nas crenças que ele constrói em relação à nação e ao seu povo.

Essa dimensão de liderança presente na biografia de Alain – um líder não só em sua família e na comunidade próxima, mas com aspirações para assumir um cargo político em seu país – é indicado como um sentimento fortemente vinculado a dinâmicas sociais do Haiti contemporâneo (NEIBURG *et al.*, 2011). Nesse sentido, apesar de o cargo de liderança almejado por Alain ser um que diz respeito a uma dimensão individual de seus projetos, essa vontade foi configurada biograficamente e em relação àqueles espaços aos quais ele se sente parte ao ponto de planejar seu retorno.

A próxima seção sintetiza a discussão realizada até aqui ao investigar a constituição do espaço atrelada ao movimento e ao pertencimento na biografia de Alain. Além disso, articula o significado biográfico ensejado pela música e sua relação com seu país de origem e seu núcleo familiar.

4.3. A CONSTITUIÇÃO BIOGRÁFICA DE UM ESPAÇO PARA SI: ALAIN E A MÚSICA

O deslocamento de Alain por distintas figurações sociais atua de modo a constituir um espaço individual, que diz respeito a uma dimensão pessoal das emoções e sentimentos de pertencimento de Alain, mas também a determinações sociais maiores, que o impelem ao movimento e que estão relacionadas às sociedades que vivenciou. A compreensão adequada desse espaço na vida de um migrante só é possível quando atentamos para a totalidade dos eventos ocorridos em sua trajetória e para a configuração que formam em conjunto (ROSENTHAL, 2014a). Com isso, essa seção procura delinear a relação entre cada uma das movimentações da vida de Alain com a formação de um espaço biográfico próprio, uma grafia individual inconfundível, que emerge a partir das constelações sociais pelas quais Alain se deslocou (ELIAS, 1994; BOGNER e ROSENTHAL, 2009).

A constituição biográfica de um espaço para si é a forma como Alain confere significado ao seu pertencimento a agrupamentos e às movimentações que executou ao longo de sua trajetória, bem como para seus planos futuros. Esse espaço é resultado da articulação

entre constrangimentos sociais e emoções pessoais, pelas quais o indivíduo assimila e integra a si elementos aparentemente externos, mas que são desde sempre e para sempre constituintes do seu ser (FAIST, 2000; PRIES, 2001). Essa construção está fundada exatamente na relação que Alain estabelece com os outros, cujo resultado é a constituição mútua desse espaço social, que transborda limitações individuais para se constituir socialmente.

O que nos falta – vamos admiti-lo com franqueza, são modelos conceituais e uma visão global mediante os quais possamos tornar compreensível, no pensamento, aquilo que vivenciamos diariamente na realidade, mediante os quais possamos compreender de que modo um grande número de indivíduos compõem entre si algo maior e diferente de uma coleção de indivíduos isolados: como é que eles formam uma “sociedade” e como sucede a essa sociedade poder modificar-se de maneiras específicas, ter uma história que segue um curso não pretendido ou planejado por qualquer dos indivíduos que a compõem.” (ELIAS, 1994, p. 16).

Disto decorre que o acesso a esse espaço social, constituído socialmente no indivíduo, é passível de ser acessado pelos relatos fundamentados em linguagem comum: o espaço construído ao longo da trajetória nada mais é que o relato que emerge na biografia narrada pelo migrante (APITZSCH e SIOUTI, 2007). É a história narrada para si e para os outros a respeito de si, que configura o espaço a partir do qual o indivíduo se situa socialmente. Seu caráter narrativo não aceita conceitos estáticos, já que deve dar conta da dimensão processual das relações entre eventos e sentimentos que mudam com o passar do tempo (ROSENTHAL, 1997).

Com isso, o retorno de Alain para seu núcleo familiar – seu reaparecimento – atua como síntese biográfica do caso. Em um primeiro momento, identificou-se na relação de Alain com sua família a gênese de seu movimento em direção a outro lugar. O ambiente no qual Alain foi socializado – sua família e a vida na região rural do interior do Haiti – imprimiu no menino o desejo de mover-se para a cidade. A constelação mágico-religiosa de sua família e os significados derivados de sua profecia de vida situaram Alain em seu agrupamento e em figurações sociais que vivenciou em seu cotidiano (ELIAS, 1994; BOGNER e ROSENTHAL, 2009).

O primeiro movimento representa a individualização (VELHO, 2012) de Alain em relação não só a seu agrupamento primário, mas a todas as coisas e mundos associados a isso, como a vida em comunidade no interior rural, o trabalho na lavoura, os rituais evangélicos e a música de louvor. Na região metropolitana de Porto Príncipe, Alain tem sua visão de mundo transformada, distancia-se do “colono” e “pega jeito” da cidade, em seus termos. Ganha confiança individual e passa a empreender, o que se reflete na inauguração de seu instituto. Aproxima-se de novos agrupamentos, que reforçam uma trajetória de individualização ao contribuir com a implementação de projetos pessoais (VELHO, 2012).

O terremoto de 2010 vai contra toda e qualquer iniciativa individual de Alain. Seu instituto, resultado de um projeto de anos, é posto abaixo e as tentativas de articular uma banda no pós-terremoto são frustradas por determinações mais urgentes. Constrangimentos que escapam à lógica do indivíduo e dos agrupamentos impõem contextos complexos, interpretados por Alain a ponto de suscitarem alternativas possíveis para seu curso de ação (ROSENTHAL, 2014a).

Seu segundo movimento – a primeira saída de fato de seu agrupamento – coloca questões biográficas importantes, como a forte carga de sofrimento associada a essa época e as dificuldades relacionadas à questão racial. A vivência em uma figuração social bastante distinta daquelas que vivenciara anteriormente implica em uma alteração da perspectiva de Alain, que passa a identificar na comida e na música dois fatores muito importantes à compreensão de si. A chegada dos seus pais em Quito resulta em uma nova movimentação em sua vida. A entrada no Brasil acontece auxiliada por familiares baseados no norte, onde se envolve com Ana, uma brasileira. O encobrimento que Alain realiza de seus “segredos” por conta do temor que tem da opinião de seu pai desencadeia um novo movimento em direção ao sul, como forma de equacionar questões pessoais que não revela a sua família.

A chegada no sul e a estabilidade relativa de sua família faz com que Alain decida entrar em contato com uma haitiana, de modo a fazer acertos sobre seu casamento. A vinda do futuro sogro traz nova dimensão de instabilidade ao agrupamento de Alain, que opta por desaparecer ante a perspectiva de oposição que sua família coloca. O desaparecimento de Alain implica em uma forte deterioração de seu núcleo familiar, como o agravamento da saúde de seu pai, a divisão de responsabilidades entre seus irmãos, e a saída de parte da família da cidade, o que tem reflexos sobre a comunidade haitiana na região como um todo.

O afastamento de seus agrupamentos implica em forte perda de sentido existencial para Alain, que contempla o suicídio. A perda de sentido coloca em questão sua crença naquilo que serviu de pano de fundo para a interpretação de sua vida passada e como base para o planejamento de sua vida futura – a profecia a respeito da sua vida. Desiludido pela situação na qual se percebia, Alain cogitou suicidar-se, de modo a ir contra o conteúdo de sua profecia. Ante o contexto de perda de sentido em relação à família e à possibilidade de constituir sua família, Alain encontrou conforto na música e em Ana, mulher com a qual entrara anteriormente em conflito. O retorno à música parece resgatar, na biografia de Alain, um sentimento de pertença associado à vivência de sua infância na figuração na qual foi socializado no interior do Haiti.

A música adquire nesse momento de sua vida uma função religiosa, que reconecta Alain, mesmo que à distância, a referenciais consolidados em sua biografia como seu espaço de pertencimento, quais sejam, o interior haitiano onde nasceu e viveu com sua família, as celebrações de Deus na pequena igreja da comunidade, o reconhecimento público de sua voz advindo de seu trabalho na rádio em seu país de origem. O resgate que Alain faz da música durante seu desaparecimento enfatiza essa possibilidade para estabelecer conexões com o povo, os outros, em distintas figurações sociais pelas quais transitou através de expressão musical. Essa conexão com o mundo, configurado como resultante de seu atravessamento por sociedades diversas, ancora Alain no espaço constituído por suas vivências e pelos sentimentos desenvolvidos ao longo do atravessamento de múltiplas fronteiras e em relação a indivíduos e agrupamentos.

Daí que Alain sinta-se músico à altura do último encontro. O espaço de pertencimento construído ao longo de sua trajetória relaciona à música dimensões variadas que remetem Alain ao seu passado e o situam em relação ao seu futuro. Além da presença constante da música durante sua infância e adolescência, ela promoveu sua reconexão com o universo circundante em um momento de extrema perda de sentido. Mais que isso, representa para Alain, em suas palavras, a possibilidade de ressoar dentro dos outros, independentemente de nacionalidade ou religião. A música assume um caráter de síntese da multiplicidade de projetos que Alain tem e que estão atrelados a sua vivência em contextos distintos, que vão desde o fato de se ter formado em uma instituição de ensino superior até sua fé na profecia a respeito de sua vida. Na biografia de Alain, é a música que articula as vivências biográficas em uma totalidade, em um processo que explicita a coerência entre manifestações aparentemente incoerentes se limitadas a primeiras impressões contidas em identificações.

Justamente nessa coerência total, na síntese biográfica, residem os esclarecimentos a respeito das temáticas do pertencimento e do movimento na vida de um migrante. A figura total relacionada à música é sugerida por Alain, apesar de não ser explicitada por ele. Ela é antes um sentimento de pertencimento a um espaço socialmente construído ao longo de sua trajetória do que uma mera identificação. Ela é um trabalho biográfico (FISCHER-ROSENTHAL, 2005). Alain torna-se músico a despeito de uma infinidade de constrangimentos sociais. De fato, continua vivendo em um país estrangeiro e trabalhando como caixa de supermercado, mas tem convicção de que esse não é seu lugar, apesar de ocupá-lo.

A convicção, a fé que Alain tem na possibilidade de continuar seu trabalho de criação de seu próprio espaço, está fortemente vinculada ao próximo movimento que executará, o

qual sinalizou na última entrevista. Ele não pretende cessar as movimentações em sua vida. Sua trajetória de vida (RIEMANN e SCHÜTZE, 1991) configurou-se de modo que, apesar dos diversos movimentos ocorridos em sua vida, outros já estão planejados: Alain pretende voltar ao Rio de Janeiro para trabalhar com música e, em outro momento, retornar ao Haiti para ser político. A compreensão adequada da gênese desses movimentos na vida de Alain não pode ser realizada sem levarmos em consideração a totalidade das movimentações analisadas.

Nesse sentido, a construção do espaço social em relação ao qual Alain constituiu seus sentimentos de pertença foi acontecendo desde o início de sua vida, inculcando no indivíduo sentimentos referentes a tradições transmitidas por seus antepassados e pela comunidade da região onde nasceu e cresceu. O atravessamento de figurações sociais diversas consolida influências e desvela novas possibilidades de ação para Alain, dentre elas a de deixar o Haiti. A saída de seu país de origem coloca-o em contato com constrangimentos advindos de figurações sociais externas, mas que acabam por se inscrever na biografia de Alain, influenciando sua percepção acerca de si e tornando-se parte dele. Nesse ponto, poder-se-ia sinalizar uma mudança identitária, mas opta-se, aqui, pelo uso da noção de constituição do espaço para si, uma vez que procura dar conta de todo o *processo* de formação desse espaço social constituído pelas movimentações de Alain e dos quais se sente parte.

A última seção desse capítulo procura estabelecer uma tipologia de um migrante com base nos resultados da análise do pertencimento e do movimento advinda dos dados empíricos relacionados à biografia de Alain. Essa tipologia procura enfatizar características sociais contidas no caso particular, cuja recorrência em termos sociológicos deve ser aprofundada em pesquisas posteriores.

4.4. O MIGRANTE QUE RETORNA PARA SEU POVO

O caso analisado sugere a existência de um tipo de migrante cuja constituição dos sentimentos de pertencimento sinalizam um retorno iminente à nação a qual se sente parte. Nesse sentido, a biografia analisada aporta à discussão a respeito das transmigração (GLICK SCHILLER *et al.*, 1995) a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre o tipo de migrante que, apesar de atravessar múltiplas figurações sociais e constituir referenciais de pertencimento atrelados a diversas nações, planeja seu futuro enquanto um *migrante de retorno*. Não só isso, mas planeja esse retorno para um único país que estabeleceu como referencial, seu país de origem.

Com isso, tem-se que o caso em questão exemplifica a possibilidade da ocorrência da transmigração ao mesmo tempo em que se perpetua uma noção de pertencimento étnico-nacional vinculada a um único país. Em contraste com outros migrantes de retorno, como aqueles identificados em outros estudos a respeito da migração haitiana recente para o Brasil (FERNANDES *et al.*, 2013; ZAMBERLAN *et al.*, 2014; FERNANDES e CASTRO, 2014), pode-se sugerir outra diferença com base no caso analisado: o migrante não pretende retornar ao seu país a fim de executar projetos estritamente pessoais ou limitados ao seu núcleo familiar. Ele poderia ter deixado o Haiti a fim de melhorar sua formação acadêmica no exterior, para juntar quantias de dinheiro para reinvestir em projetos pessoais em seu país de origem ou para auxiliar economicamente familiares que ficaram no país, como aparece na literatura sobre migrantes haitianos no Brasil (FERNANDES *et al.*, 2013; ZAMBERLAN *et al.*, 2014). Entretanto, o projeto atrelado ao seu país de origem tem uma dimensão *comunitária* que, como apresentado nessa investigação, parece estar vinculada à constituição dos sentimentos de pertencimento em sua trajetória.

Essa dimensão comunitária configura um tipo que parece estar relacionado a uma posição social de liderança. Ao longo de sua trajetória, o biografado sempre esteve vinculado à mediação entre haitianos e grupos ou instituições em relação aos quais deveriam se articular. Antes mesmo de sair do Haiti, mostrou-se preocupado com iniciativas envolvendo a educação da população, esteve em contato desde muito cedo com o que define como “povo”, uma referência aos seus interlocutores na rádio e, posteriormente, ao público presente nas apresentações de sua banda. O contato com o público parece ter desenvolvido um sentimento de responsabilidade individual que manifesta perante a população haitiana e o seu país. Nesse sentido, o Haiti não é apenas um território e as instituições em relação as quais o migrante orienta suas ações. Ele é a população que vivencia esse país, mesmo que em território estrangeiro, como no sul do Brasil. Ele é parte integrante da percepção que o migrante tem de si, a ponto de vincular essa noção ao seu entendimento do Haiti com a música, algo que estaria em todos os lugares de forma difusa.

Com isso, configura-se um tipo de migrante que tem não apenas um sentimento de responsabilidade em relação aos seus compatriotas, mas também estabelece projetos futuros que contemplam esse sentimento de pertença, qual seja, chegar à presidência de seu país natal. O tipo configura-se, deste modo, como o de uma liderança nacional, cuja noção de pertencimento nacional é construída ao longo de sua movimentação por países estrangeiros. Apesar do fato de sua família haitiana viver com ele no Brasil e de ter formado um núcleo

familiar com uma brasileira, esse migrante almeja retornar para o país que constituiu como seu ao longo de sua trajetória com o desejo de ajudar aqueles que lá ficaram.

No que tange o estudo das migrações, fica clara a diferença desse tipo de migrante em relação a outros já indicados pela literatura, como migrantes de retorno cujo interesse está profundamente atrelado a questões econômicas ou políticas (os que saem de seu país a fim de ganhar dinheiro no exterior para remeter a familiares que ficaram no país ou aqueles que renegam suas origens nacionais). Isso coloca em discussão no campo de estudos sobre a migração a existência de migrantes de retorno com ambições comunitárias em relação ao seu povo. Essa noção sintetiza a discussão realizada no trabalho, uma vez que indica um tipo de migrante que não aparece com frequência na literatura acerca do tema, bem como chama atenção para a dimensão de um *retorno* iminente relacionado ao país do qual se sente pertencente e em relação à população de sua nação.

No capítulo seguinte, as considerações finais advindas da compreensão da relação entre as categorias do pertencimento e do movimento na vida de um migrante são apresentadas. Essas considerações refletem sínteses gerais a partir do caso particular, mantendo-se em mente a presença de traços sociais na constituição das biografias dos indivíduos (ELIAS, 1994; BOGNER e ROSENTHAL, 2009; ROSENTHAL e KÖTTIG, 2009).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

- *As movimentações na vida de um migrante devem ser compreendidas processualmente e em sua totalidade.* Apesar de todas as movimentações fazerem referência a elementos presentes já na primeira movimentação de Alain – a saída da região rural –, cada uma corresponde a fatores distintos. Com isso, tem-se que a análise de uma só movimentação deve ser vista meramente como a análise de uma movimentação e não como explicação para todo o movimento na vida de um migrante. O processo migratório deve ser compreendido em sua multiplicidade e respeitando a co-ocorrência de influências distintas em momentos variados da vida do migrante. Nesse sentido, deve-se atentar para movimentações que ocorreram ainda dentro de seu país de origem (migrações) e que têm forte relação com a decisão de sair de seu país.

- *A noção de biografia pode ser uma alternativa ao conceito de identidade.* A reconstrução da vida de Alain leva em consideração referenciais atrelados a seu passado, presente e futuro, o que confere uma dimensão processual ao estudo do pertencimento. Como sugerido por Rosenthal (1997), a noção de biografia possibilita que o foco recaia não apenas nas diferenciações ocorridas ao longo de sua trajetória de vida, mas na articulação destas diferenciações provenientes da análise geral de sua biografia. Nesse sentido, sugere-se o aprofundamento de conceitos como o de apaziguamento biográfico (pelo qual aparentes contradições são compreendidas com base em sua coerência) e o da construção social do espaço para si (pelo qual se busca compreender como a inter-relação entre indivíduo e sociedade resulta na constituição de um espaço social que aparece como referencial no relato biográfico).

- *O “grupismo” deve ser evitado.* Como sugerido por Brubaker (2004), a imposição automática por parte do pesquisador dos sentimentos de pertencimento ao entrevistado deve ser afastada. A definição dos agrupamentos aos quais se sente parte deve ser buscada com base em um método fundamentado nos preceitos da abertura, que permita ao entrevistado apresentar seus referenciais de pertencimento. Com isso, evita-se a imposição, por parte do pesquisador, de suas noções identificatórias, quais sejam, categorias atreladas à teoria corrente a respeito do tema. Deve-se não só ouvir as pessoas que são parte do objeto de estudo, mas respeitar seus posicionamentos e percepções cotidianas.

- *Questões socioculturais, como a música e a religião, não devem ser menosprezadas na compreensão da gênese da ação individual.* A importância de questões culturais, relacionadas às figurações sociais nas quais os indivíduos são socializados, não devem ser

menosprezadas perante determinantes diversas, sejam elas econômicas, geográficas ou políticas. No caso específico de Alain, o tratamento adequado das relevâncias determinadas pelo entrevistado coloca que estas devem ser entendidas como fonte da sua conferência de sentido às atividades cotidianas. O sentido prático disso é que essas dimensões devem ser levadas em consideração quando da implementação de políticas voltadas a essas populações, o que se pode traduzir, em caráter meramente propositivo, na implementação de políticas que suscitem o desenvolvimento de uma dimensão comunitária nas populações migrantes através de incentivos a práticas que envolvam elementos como a música (políticas voltadas ao desenvolvimento de um sentimento de comunidade).

- *A compreensão da influência da religião sobre o fenômeno migratório deve ser aprofundada.* O caso analisado evidencia que explicações essencialmente políticas ou econômicas do processo migratório seriam insuficientes para compreender algumas movimentações do migrante. O papel do universo mágico atrelado à visão de mundo do migrante deve ser compreendido em detalhe e de forma cuidadosa a fim de expor a gênese de suas movimentações. Nesse sentido, outros estudos que aprofundem a discussão a respeito da presença de haitianos evangélicos no fluxo migratório recente para o Brasil podem ser sugeridos como forma de dar conta dessa lacuna nos estudos sobre a migração haitiana para o Brasil.

- *Instituições modernas, como restrições jurídico-legais ao movimento dos migrantes, ainda atuam como constrangimentos à ação individual.* Como indicado por Brandhorst (2014), a despeito dos avanços do processo de globalização, o encurtamento das distâncias e a facilitação das comunicações, instituições tradicionais, como o estado-nação, ainda detêm poder soberano que influencia fortemente a ação de migrantes. Nesse sentido, sugere-se o aprofundamento do conhecimento a respeito de zonas de transição e sobreposição, como as fronteiras entre estados nacionais. As atividades cotidianas desempenhadas pelos indivíduos sobre esses territórios e as relações que constituem esses espaços sociais ainda são pouco exploradas. O aprofundamento das discussões que tenham como objeto essas regiões contribuirá de maneira substancial ao entendimento dos fluxos migratórios, do desenvolvimento de sentimentos de afiliação individual, da formação de agrupamentos e da constituição dos espaços sociais transnacionais.

- *A biografia deve ser compreendida em sua constituição mútua entre indivíduo e sociedade.* A forma como o espaço social individual é constituído biograficamente explicita justamente o caráter social presente nas biografias individuais. Como sugerido por Bogner e Rosenthal (2009), mais que mero produto da articulação individual com a linguagem social, a

biografia contém elementos representativos das figurações sociais pelas quais o indivíduo atravessa e nas quais materializa sua ação. A vivência cotidiana da realidade está presente nas narrativas contadas pelos indivíduos, de modo que esse caráter social constitutivo da biografia individual serve como fundamento para uma sociologia. Como apresentado, os sentimentos de pertencimento, a gênese dos movimentos e a constituição do espaço social não estão separados das figurações sociais nas quais sua ação é desempenhada. Essa constatação desvela não só o valor sociológico das biografias individuais, mas sua importância como forma de acesso a processos e mudanças supostamente intangíveis, indeterminados e multirreferenciados, os quais são efetivamente materializados cotidianamente nas vivências pessoais.

- *O estudo de um tipo de migrante de retorno com pretensões políticas em relação ao seu povo deve ser aprofundado.* Novos estudos empíricos devem ser realizados a fim de consolidar ou refutar a tipologia proposta no trabalho. Outros estudos fundamentados no método narrativo biográfico devem ser encorajados no sentido de descobrir outros tipos de migrantes relacionados ao fluxo migratório recente de haitianos para o Brasil. Esses trabalhos podem auxiliar no planejamento de políticas mais adequadas a essa população. A identificação tipológica de um migrante de retorno leva em consideração especificidades desse tipo de migrante, uma vez que aborda o fenômeno migratório sem desconsiderar sua diversidade.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, José Lindomar. “A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos ‘brasiguaios’ entre os limites nacionais”. In: **Horizontes Antropológicos**, n. 31, p. 137-166, Porto Alegre, 2009.
- APITZSCH, Ursula; SIOUTI, Irini. **Biographical analysis as an interdisciplinary research perspective in the field of migration studies**. York, 2007.
- BAPTISTA, José Renato. **Sè Tou Melanje: uma etnografia sobre o universo social do Vodou Haitiano**. Tese de doutorado, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2012.
- BELTRAND, Diego. “Presentación”. In: **La migración haitiana hacia Brasil: características, oportunidades y desafíos**. Cuadernos Migratorios 6. Organización Internacional para las Migraciones, 2014.
- BOGNER, Alfred.; ROSENTHAL, Gabriele (eds.). **Ethnicity, belonging and biography**. Berlim: Verlag, 2009.
- BRANDHORST, Rosa María. “Transnational families in Cuba and Germany: on the intersection between isolation, restrictions and agency”. In: **Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies**, 2014.
- BRODWIN, Paul. “Pentecostalism in translation: religion and the production of community in the Haitian diaspora”. In: **American Ethnologist**, v. 30, n. 1, p. 85-101, 2003.
- BRUBAKER, Rogers. **Ethnicity Without Groups**. Cambridge: Harvard University Press, 2004.
- BULAMAH, Rodrigo. **O cultivo dos comuns: parentesco e práticas sociais em Milot, Haiti**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2013.
- CARRERA, Gabriela. “Por qué migrar? Algunos apuntes sobre las viejas y nuevas heridas de Haití”. In: **La migración haitiana hacia Brasil: características, oportunidades y desafíos**. Cuadernos Migratorios 6. Organización Internacional para las Migraciones, 2014.
- CARVALHO RAMOS, A.; RODRIGUES, G.; ASSIS, G. (eds.). **60 Anos de ACNUR: perspectivas de futuro**. São Paulo: Editora CLA Cultural, 2011.
- COGO, Denise. “Comunicação e migrações transnacionais – o Brasil (re)significado em redes migratórias haitianas”. In: **REU**, v. 40, n. 2, p. 233-257. São Paulo, 2014.
- DALMASO, Flávia. **A magia em Jacmel – Uma leitura crítica sobre o vodou haitiano à luz de uma experiência etnográfica**. Dissertação de mestrado, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2009.
- DUMONT, Louis. **Homo hierarchicus**. São Paulo: EDUSP, 1992.

DUVAL, F.; CASTRO, M. “A migração haitiana para o Brasil: resultado da pesquisa no destino”. In: **La migración haitiana hacia Brasil: características, oportunidades y desafíos**. Cuadernos Migratorios 6. Organización Internacional para las Migraciones, 2014.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FAIST, Thomas. **The volume and dynamics of international migration and transnational social space**. Oxford: Clarendon Press, 2000.

FERNANDES, D.; CASTRO, M.; RIBEIRO, C. “Migração haitiana para o Brasil: Minas Gerais como destino, a fala dos haitianos”. In: **XVI Seminário sobre Economia Mineira/CEDEPLR/UFMG**. Diamantina, 2014.

FERNANDES, D.; CASTRO, M. **Estudos sobre a migração haitiana ao Brasil e diálogo bilateral** [Relatório de pesquisa]. Belo Horizonte, 2014.

FERNANDES, D.; MILESI, R.; PIMENTA, B. “Migração dos haitianos para o Brasil”. In: **Cadernos de debates Refúgio, Migrações e Cidadania**, v.8, n.8. Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos, 2013.

FISCHER-ROSENTHAL, Wolfram. “The problem with identity”. In: **Biographical Research Methods**. London: Sage, 2005.

GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures**. New York: Basic Books, 2000.

GLICK SCHILLER, N.; BASCH, L.; BLANC-SZANTON, C. “From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration”. In: **Anthropological Quarterly**, v. 68, n. 1, p. 48-63, 1995.

GLICK SCHILLER, N.; FOURON, G. **Woke Up Laughing: Long-Distance Nationalism and the Search for Home**. London: Duke University Press, 2001.

GLICK SCHILLER, Nina. “Locality, Globaliy and the Popularization of a Diasporic Consciousness: Learning from the Haitian Case”. In: JACKSON, O. (ed.). **Geographies of the Haitian diaspora**. London: Routledge, 2011.

GODOY, Gabriel. “O caso dos haitianos no Brasil e a via de proteção humanitária complementar”. In: CARVALHO RAMOS, A. *et al.* (eds.). **60 Anos de ACNUR: perspectivas de futuro**. São Paulo: Editora CLA Cultural, 2011.

GONÇALVES, M.; HERÉDIA, V.; MOCELLIN, M.. “Migrantes da fronteira: entre dois mundos”. In: **MÉTIS: história & cultura**, v. 11, n. 22, p. 141-159, 2012.

GRIMSON, Alejandro. “Vivências do Estado como alteridade – Imagens cruzadas na fronteira argentino-brasileira”. In: FRIGERIO, Alejandro; RIBEIRO, Gustavo Lins.

Argentinos e Brasileiros – Encontros, imagens e estereótipos. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

GUÉRIOS, Paulo. “As condições sociais de produção das lembranças entre imigrantes ucranianos”. In: **MANA**, v. 12, n. 2, p. 367-398, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JARDIM, Denise. “Famílias palestinas no extremo sul do Brasil e na diáspora – experiências identitárias e aduaneiras”. In: **Cadernos Pagu**, n. 29, p. 193-225, Campinas, 2007.

KÖTTIG, Michaela. “Constructions of collective belongings through art by migrants from Cuba in Germany and South Florida”. In: **Forum: Qualitative Social Research**, v. 10, n. 3, 2009.

KNOBLAUCH, Hubert. “Focused Ethnography”. In: **Forum: Qualitative Social Research**, v. 6, n. 3, 2005.

LAGUERRE, Michel. **Diasporic Citizenship: Haitian Americans in Transnational America.** London: Palgrave Macmillan, 1998.

LAHIRE, Bernard. “Patrimônios individuais de disposições – Para uma sociologia à escala individual”. In: **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 49, p. 11-42, 2005.

LEFEBVRE, Claire. **Creole genesis and the acquisition of grammar – the case of Haitian creole.** Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

LINSTROTH, J. P. *et al.* Conflicting Ambivalence of Haitian Identity-Making in South Florida. In: **Forum: Qualitative Social Research**, v. 10, n. 3, 2009.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Editora Cosac Naify, 2003.

METZNER, Tobías. “La migración haitiana hacia Brasil: estudio en el país de origen”. In: **La migración haitiana hacia Brasil: características, oportunidades y desafíos.** Cuadernos Migratorios 6. Organización Internacional para las Migraciones, 2014.

MORAES, I.; ANDRADE, C.; MATTOS, B. “A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios”. In: **Revista Conjuntura Austral**, v. 4, n. 20. Porto Alegre, 2013.

NEIBURG, Federico. “Questionando o social – Foucault em chave etnográfica: o governo dos *gueto* de Porto Príncipe”. In: **Análise Social**, v. 212, n. 3, 2014.

NEIBURG, F.; NICAISE, N.; BRAUM, P. **Lideranças em Bel Air.** Núcleo de Pesquisas em Cultura e Economia, Museu Nacional/UFRJ, 2011.

OLIVEIRA, Márcia. “Mobilidade humana na tríplice fronteira Peru-Colômbia-Brasil e seus reflexos na cidade de Manaus”. In: SEYFERTH, Giralda (org.). **Mundo em movimento – ensaios sobre migrações**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007.

ONG, Aihwa. **Flexible citizenship**. London: Duke University Press, 1999.

PATARRA, Neide. “O Brasil: país de imigração?”. In: **e-Metropolis** – revista eletrônica, n. 9, p. 6-18, 2012.

PIMENTEL, M.; COTINGUIBA, G. “Wout, rakète, fwontyè, anpil mizè: reflexões sobre os limites da alteridade em relação à imigração haitiana para o Brasil”. In: **Universitas Relações Internacionais**, v. 12, n. 1, p. 73-86. Brasília, 2014.

PORTES, Alejandro; SENSENBRENNER, Julia. “Embeddedness and Immigration: Notes on the Social Determinants of Economic Action”. In: **American Journal of Sociology**, Vol. 98, N. 6, p. 1320-1350. University of Chicago, 1993.

PRIES, Ludger. “The approach of transnational social spaces: responding to new configurations of the social and the spatial”. In: PRIES, L. (ed.) **New Transnational Social Spaces – International migration and transnational companies in the early twenty-first century**. London: Routledge, 2001.

REDIN, Giuliana; BARBOSA, Juliana. “Da segurança internacional à segurança humana: implicações do instituto jurídico do refúgio e o caso da política externa bilateral Brasil-Haiti na questão imigratório”. In: **Boletim Meridiano 47**, vol. 15, n. 141, p. 10-17, 2014.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **Ser e não ser: explorando fragmentos e paradoxos das fronteiras da cultura**. Brasília: UnB, 1993.

RIEMANN, Gerhard; SCHÜTZE, Fritz. “‘Trajectory’ as a basic theoretical concept for analyzing suffering and disorderly social processes”. In: MAINES, D. (ed.). **Social organization and social processes: essays in honor of Anselm Strauss**. New York: de Gruyter, 1991.

ROSENTHAL, Gabriele. “National identity or multicultural autobiography?”. In: **The narrative study of lives 5**, p. 21-39. Thousand Oaks: Sage, 1997.

ROSENTHAL, Gabriele. **Pesquisa social interpretativa: uma introdução**. Porto Alegre: Edipucrs, 2014a.

ROSENTHAL, Gabriele. “História de vida vivenciada e história de vida narrada – A interrelação entre experiência, recordar e narrar”. In: **Civitas**, v. 14, n. 2, p. 227-249, 2014b.

ROSENTHAL, Gabriele.; KÖTTIG, Michaela. **Migration and questions of belonging**. In: Forum Qualitative Social Research, 2009.

- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.
- SASAKI, E.; ASSIS, G. “Teorias das migrações internacionais”. Apresentação no XII Encontro Nacional da ABEP, GT de Migração. Caxambu, 2000.
- SCHÜTZ, Alfred. “El forastero. Ensayo de Psicología Social”. In: SCHÜTZ, A. **Estudios sobre teoría social. Escritos II**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.
- SCHÜTZ, Alfred. “The Stranger”. In: SCHÜTZ, A. **Collected Papers II – Studies in Social Theory**. The Hague: Martinus Nijhoff, 1964a.
- SCHÜTZ, Alfred. “The Homecomer”. In: SCHÜTZ, A. **Collected Papers II – Studies in Social Theory**. The Hague: Martinus Nijhoff, 1964b.
- SEYFERTH, Giralda. “A dimensão cultural da imigração”. In: **RBCS**, v. 26, n. 77, 2011.
- SILVA, Felipe. **Construções do “fracasso” haitiano**. Dissertação de mestrado, Museu Nacional. Rio de Janeiro, 2010.
- SILVA, Paloma. **Seguindo rotas: reflexões para uma etnografia da imigração haitiana no Brasil a partir do contexto de entrada pela trílice fronteira norte**. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília. Brasília, 2014.
- SILVA, Regina. “Reordenação de identidades de imigrantes árabes em Foz do Iguaçu”. In: **Trab. Linguística Aplicada**, Campinas, 47, p. 357-373, 2008.
- SILVA, Sidney. “Brazil, a new eldorado for immigrant?: the case of Haitians and the Brazilian immigration policy”. In: **Urbanities**, v. 3, n. 2, 2013.
- SMITH, Matthew. “From the Port of Princes to the City of Kings: Jamaica and the Roots of the Haitian Diaspora”. In: JACKSON, O. (ed.). **Geographies of the Haitian diaspora**. London: Routledge, 2011.
- SPRANDEL, Marcia. “Brasiguayos. Una identidad de frontera y sus transformaciones”. In: GRIMSON, Alejandro (org.). **Fronteras, naciones e identidades. La periferia como centro**. Buenos Aires, Ediciones CICCUS-LA CRUJÍA, 2000.
- STEPICK, Alex. **Pride against Prejudice: Haitians in the United States**. Boston: Allyn and Bacon, 1998.
- TRAJANO FILHO, Wilson (org.). **Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional**. Brasília: Athalaia/ABA, 2010.
- VALOR ECONÔMICO. “Tropas do Brasil sairão do Haiti até o final do ano que vem”. Acessado em 30/05/2015.
- VÁSQUEZ, T.; BUSSE, E.; IZAGUIRRE, L. “La migración haitiana en Perú y su tránsito hacia Brasil”. In: **La migración haitiana hacia Brasil: características,**

oportunidades y desafios. Cuadernos Migratorios 6. Organización Internacional para las Migraciones, 2014.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

VILELA, E.; LOPES, L. “Balanço da produção acadêmica sobre migração internacional no Brasil”. In: **BIB**, n. 72, p. 55-88. São Paulo, 2011.

WEST, Candace; FENSTERMAKER, Sarah. “Doing difference”. In: **Gender and Society**, vol. 9, No. 1, p. 8-37, 1995.

WORLD BANK. **The migration and remittance Factbook.** Washington, 2011.

ZAMBERLAN, J.; CORSO, G.; BOCCHI, L.; CIMADON, J. M. **Os novos rostos da imigração no Brasil – Haitianos no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Solidus, 2014.

ZERO HORA. “Ônibus com senegaleses e haitianos chegam a Porto Alegre”. Acessado em 30/05/2015.